

Juventude Brasileira  
e Democracia:  
participação, esferas  
e políticas públicas

## 3.2

## Relatório regional Belo Horizonte



### Equipe

Geraldo Leão  
Juarez Dayrell  
Nilma Lino Gomes

---

## Sumário

1. Apresentação
2. A metodologia em ação
  - 2.1 O Dia de Diálogo
  - 2.2 Perfil dos participantes
  - 2.3 Perfil dos Grupos de Diálogo
  - 2.4 Tecendo comentários sobre a metodologia
3. Os conteúdos dos Grupos de Diálogo
  - 3.1 As preocupações dos(as) jovens
  - 3.2 Que Brasil queremos? As demandas dos(as) jovens
  - 3.3 Os Caminhos Participativos
    - 3.3.1 Os grupos e suas escolhas
    - 3.3.2 As definições da plenária
  - 3.4 As escolhas dos caminhos: análise das fichas pré e pós-Diálogo
  - 3.5 Tecendo comentários sobre os caminhos participativos
  - 3.6 O recado dos(as) jovens
  - 3.7 Juventude e participação
    - 3.7.1 A demanda dos(as) jovens
    - 3.7.2 As perspectivas de participação sociopolítica
4. Bibliografia
5. Anexos

---

## 1 – Apresentação

A pesquisa Juventude Brasileira e Democracia: participação, esferas e políticas públicas é uma investigação de caráter nacional, coordenada pelo Ibase e Pólis. Foi desenvolvida em oito Regiões Metropolitanas brasileiras, com o objetivo de sondar as expectativas e o real envolvimento dos(as) jovens nas esferas públicas e políticas, ampliando o debate sobre a participação cidadã perante a juventude brasileira, além de influenciar as políticas públicas de juventude nos níveis local, estadual e nacional, a partir das informações geradas.

Em Belo Horizonte, a pesquisa foi coordenada pelo Observatório da Juventude da UFMG. O Observatório é um programa de ensino, pesquisa e extensão da Faculdade de Educação, com o apoio da Pró-Reitoria de Extensão e do Centro Cultural da UFMG. Desde 2002, esse programa vem realizando atividades de investigação, levantamento e disseminação de informações sobre a situação dos(as) jovens na Região Metropolitana de Belo Horizonte, além de promover a capacitação tanto de jovens quanto de educadores(as) e alunos(as) da graduação da UFMG interessados(as) na problemática juvenil. O programa situa-se no contexto das políticas de ações afirmativas, orientando-se por quatro eixos centrais de preocupação que delimitam sua ação institucional: a condição juvenil; políticas públicas e ações sociais; práticas culturais e ações coletivas da juventude na cidade e a construção de metodologias de trabalho com jovens.

A primeira fase da pesquisa teve caráter quantitativo, realizada por amostragem probabilística, tendo como universo uma amostra de 1.000 jovens na faixa etária entre 15 e 24 anos, na Região Metropolitana de Belo Horizonte (RMBH), em novembro de 2004. Foi realizado um primeiro relatório com uma análise preliminar dos dados (DAYRELL, 2005), no qual consta a descrição do perfil sociocultural da juventude na RMBH, seguida da descrição dos dados referentes à participação social dos(as) jovens e da discussão de algumas hipóteses em torno dessa realidade.

A segunda fase da pesquisa teve um caráter qualitativo, utilizando o Grupo de Diálogo como recurso metodológico. Essa metodologia é inspirada no ChoiceWork Dialogue Methodology, desenvolvida pelo Canadian Policy Research Networks (CPRN), sob o patrocínio financeiro do International Development Research Center (IDRC). No Brasil, essa metodologia foi adaptada a partir das reflexões da equipe nacional envolvida na pesquisa, introduzindo novos recursos metodológicos adequados à realidade nacional.

Na Região Metropolitana de Belo Horizonte, os Grupos de Diálogo (GD) foram coordenados pelos(as) professores(as) Juarez Dayrell, Nilma Lino Gomes e Geraldo Leão, todos(as) integrantes do Observatório da Juventude da UFMG. A equipe foi completada pelos(as) bolsistas(as): Gustavo Barhuch e Shirley Pereira Raimundo, estudantes da Pedagogia; Juliana Batista, estudante do curso de Ciências Sociais, e Andréia Rosalina, graduanda em Ciências da Informação. Foram realizados cinco GDs no Centro Cultural da UFMG. O primeiro deles foi realizado no dia 2 de abril de 2005 contemplando os(as) jovens de

15 a 24 anos com experiência de participação; o segundo foi realizado no dia 16 de abril, contando com jovens de 15 a 17 anos; o terceiro, no dia 23 de abril, contemplando jovens de 18 a 24 anos; e os dois últimos realizados nos dias 30 de abril e 7 de maio, respectivamente, contaram com a participação de jovens de 15 a 24 anos.

Este relatório tem como objetivo descrever e analisar os dados extraídos dos Grupos de Diálogo. Na primeira parte, descrevemos detalhadamente a metodologia utilizada, analisamos o perfil dos(as) jovens participantes e finalizamos com uma reflexão inicial em torno da metodologia utilizada, apontando seus limites e possibilidades. Na segunda parte, descrevemos e analisamos os conteúdos dos Grupos de Diálogo, organizados na mesma lógica do encontro. Iniciamos com uma análise das preocupações expressas pelos(as) jovens no início do encontro; em seguida, discutimos as demandas que eles(as) expressaram em relação à educação, trabalho e cultura na parte da manhã. Em seguida, descrevemos a discussão e escolha dos Caminhos Participativos realizadas na parte da tarde pelos(as) jovens nos subgrupos e na plenária de cada Grupo de Diálogo, analisando também as possíveis diferenças existentes nas fichas Pré e Pós-Diálogo, finalizando com uma reflexão em torno das escolhas dos(as) jovens. Em seguida, analisamos o recado final dos(as) jovens, expressos por eles(as) no final de cada Grupo de Diálogo. Finalizando este relatório, desenvolvemos uma reflexão buscando compreender o posicionamento dos(as) jovens nos cinco GDs, em uma análise das demandas dos(as) jovens e das perspectivas que eles(as) apontam para uma participação sociopolítica. Nos anexos, estão presentes todas as tabelas que utilizamos para a descrição e análise. Temos consciência que, nesse momento, os dados são muito mais ricos do que a nossa capacidade de análise, demandando um esforço posterior de adensamento teórico.

---

## 2 – A metodologia em ação

No processo de preparação dos Grupos de Diálogo (GDs), foram realizadas uma série de reuniões da equipe, nas quais foram discutidos o projeto de pesquisa, a metodologia proposta, o Guia do(a) Facilitador(a), as tarefas a serem executadas antes, durante e depois de cada GD. Ao longo da realização dos GDs, a equipe se reuniu um dia antes de cada um deles para ultimar os preparativos e sanar possíveis dúvidas e adaptações. E se reuniu também logo após a realização de cada GD, avaliando e refletindo sobre o processo vivido, fornecendo elementos para o relatório de cada um deles.

A convocação dos(as) jovens foi feita inicialmente por telefone, em média 15 dias antes do encontro, quando fizemos o convite fornecendo todas as informações necessárias e confirmando o endereço. Nesse momento, a grande maioria dos(as) jovens demonstrou surpresa. O fato de nos apresentarmos como ligados(as) à Universidade gerou as mais diferentes interpretações, mesmo depois de explicar todo o processo. Vários(as) jovens duvidavam do convite, muitos deles(as) achando ser “trote” de conhecidos(as) ou mesmo algum “truque”. Uns(mas) poucos(as) não lembravam da sua participação na pesquisa quantitativa e se recusaram de imediato a participar do GD. Em seguida, enviamos a carta (anexo 1) para todos(as) os(as) convidados(as) que aceitaram participar. Foi o momento da formalização do convite, e vários(as) jovens nos relataram que passaram a acreditar de fato, ou os pais passaram a permitir a participação quando receberam a carta. Mesmo assim, vários pais ligaram para confirmar o evento e sanar dúvidas e receios. Próximo à realização do GD, telefonamos novamente para todos(as) os(as) que haviam confirmado a participação para lembrá-los(as) do convite. Em todo o processo, a maior dificuldade foi o elevado número de telefones errados ou inexistentes, e também endereços errados, nos obrigando a utilizar toda a lista disponível, aumentando tanto o trabalho de convocação quanto os custos com telefone.

É interessante pontuar as expectativas geradas pelo convite. No dia do GD, vários(as) jovens se diziam lisonjeados(as) em serem convidados(as) pela UFMG; outros(as) acharam que haveria uma possibilidade de emprego, comparecendo inclusive muito bem vestidos(as), e alguns(mas) deles(as) acharam que se tratava de algo ligado ao vestibular. Praticamente todos(as) eles(as) estranharam a proposta do pagamento pelo dia, sendo o motivo maior da desconfiança inicial. Alguns(mas) chegaram acompanhados(as) pelos pais, que procuraram certificar do que realmente se tratava, e tranquilizaram-se depois da nossa explicação. Preparamos uma sala especial com vídeo e revistas, caso algum(a) parente quisesse permanecer no local ao longo do Dia, porém nenhum deles(as) se dispôs a permanecer no local.

Optamos em realizar os GDs no Centro Cultural da UFMG, espaço cuja direção atual vem desenvolvendo uma política de abertura a projetos culturais oriundos de movimentos populares, principalmente os juvenis. A escolha se mostrou acertada, mesmo

enfrentando algumas dificuldades, como a falta de infra-estrutura adequada<sup>1</sup>. Mas essas dificuldades foram superadas pelos fatores positivos, principalmente a sua localização central, facilitando a locomoção dos(as) jovens. Também pela privacidade, já que não houve, nesses dias, outras atividades no local. Acreditamos também que o fato de ser um espaço da própria UFMG aumentou a credibilidade inicial ao serem convidados(as).

## 2.1 – O Dia de Diálogo

Vamos registrar abaixo a descrição da rotina dos Dias de Diálogo, pontuando as adaptações que fomos fazendo ao longo do processo.

### 8h – Registro e boas vindas

- O horário marcado com os(as) jovens foi 8h, prevendo até uma hora para o início de fato. Nos cinco GDs, os(as) jovens, na sua maioria, foram pontuais. Nos quatro GDs, iniciamos sempre a partir das 8h30, em apenas um deles, o GD4, iniciamos às 9h devido à forte chuva que caiu no dia. A partir das 7h da manhã já havia jovens na porta do Centro Cultural, mas o café era servido a partir das 8h. Quando o(a) jovem chegava, um(a) integrante da equipe o(a) recebia e o(a) encaminhava para fazer o seu registro e receber o material e o crachá. Durante o café, parte da equipe permanecia no salão conversando com os(as) jovens e estimulando a aproximação deles(as) entre si. A outra parte cuidava dos últimos preparativos para o GD, arrumados na véspera.

### 8h45 – 9h25 – Apresentação da equipe e comentários iniciais

- Nesse momento, chamamos todos(as) para a sala e apresentamos a pesquisa, seus objetivos, a dinâmica geral do dia, o por que a importância da gravação das falas e da equipe. Em seguida, pedimos a todos(as) para se apresentarem, seguindo as questões colocadas no flipchart: nome, bairro, Participa de algum grupo?, Se sim, qual?, Em uma palavra, o que te preocupa no Brasil?. Resolvemos incluir a questão do bairro para que eles(as) se localizassem, e a questão da participação para termos uma idéia inicial da composição do Grupo. Essa informação inicial foi importante, pois muitos(as) que participaram do GD1, por exemplo, não tinham experiência de participação, enquanto outros(as) que aparentemente não teriam essa experiência afirmaram estar inseridos(as) em algum grupo. Além disso, serviu como fonte de exemplos na discussão dos Caminhos Participativos. Esse momento se revelou importante para termos uma noção do Grupo e seu grau de formulação. O momento terminou com uma dinâmica de entrosamento que contribuiu para animar o Grupo.

---

<sup>1</sup> Tivemos de alugar toda a infra-estrutura como o som, *DataShow*, a estrutura de cozinha etc.

#### 9h25 – 10h25 – Apresentação e diálogo em torno do CD-ROM

- A partir da experiência do GD1, resolvemos ampliar o tempo de apresentação do CD, interrompendo-o quatro vezes nos itens: Agenda, Compromissos, Jovens no Brasil e Os Caminhos Participativos. Nesse momento, dialogamos com os(as) jovens sobre o tema, pedindo exemplos e sanando dúvidas, nos detendo mais no item Jovens no Brasil, quando apresentamos a realidade da juventude na Região Metropolitana de Belo Horizonte. Na discussão sobre os Caminhos, optamos em detalhar cada um deles na parte da manhã, insistindo para que dessem exemplos concretos de cada Caminho. Essa medida favoreceu uma maior agilidade no período da tarde, quanto então não precisamos detalhar mais os Caminhos, só projetando a parte final do CD e retomando os exemplos levantados.

#### 10h25 – 10h40 – Ficha Pré-Diálogo

- Distribuimos a ficha Pré-Diálogo e acompanhamos o seu preenchimento, explicando novamente cada um dos Caminhos.

#### 10h40 – 11h40 – Trabalho em Grupos

- Explicamos o trabalho em Grupos, enfatizando a diferença entre disputa e diálogo, a divisão das tarefas e a questão que deveria ser discutida. Em cada uma das salas utilizadas pelos Grupos havia um cartaz com a questão e com as recomendações sobre o trabalho a ser desenvolvido. Cada bolsista acompanhou um Grupo, gravando e anotando a sua dinâmica. Eles(as) intervieram apenas quando foram demandados(as), com dúvidas quase sempre ligadas à compreensão da dinâmica ou sobre a forma da apresentação. Durante o trabalho, os(as) professores(as) passavam periodicamente em cada Grupo, mas poucas vezes foram demandados(as) a intervir. Não enfrentamos nenhum problema maior nesse trabalho, com uma participação significativa da grande maioria dos(as) jovens. Constatamos o óbvio: a discussão em pequenos Grupos sempre se mostrou mais rica do que aquela da plenária.

#### 11h40 – 12h40 – Plenária

- Cada Grupo teve cinco minutos para apresentar as conclusões do trabalho. A grande maioria utilizou a forma de cartaz, sem lançar mão de outros recursos. Mas houve aqueles que utilizaram de desenhos e um outro produziu um rap para passar as conclusões do Grupo. Pedimos a todos(as) que ficassem atentos(as) às semelhanças e diferenças entre as propostas apresentadas pelos Grupos, passando, em seguida, a essa discussão. Nesse momento, enfrentamos certa dificuldade, pois várias das propostas dos Grupos foram muito genéricas,

dificultando uma definição mais clara dos aspectos em comum. As semelhanças e diferenças foram registradas no flipchart, sendo reforçado que essa síntese seria o ponto de partida para o trabalho da tarde.

#### 12h40 – 13h40 – Almoço

- No geral, o período do almoço foi o momento de uma integração maior entre os(as) jovens. Deixamos à mão um aparelho de som para que colocassem música, e a tendência foi a formação de pequenos subgrupos, formados quase sempre a partir dos Grupos de trabalho. No GD4, aconteceu uma maior integração, quando praticamente todos(as) se reuniram em torno do som. A escolha do bufê mostrou-se acertada, com uma comida farta e de boa qualidade. O problema foi o sono no pós-almoço.

#### 13h40 – 14h10 – Preparação para os Grupos da tarde

- Na retomada dos trabalhos, fizemos uma dinâmica de aquecimento para reanimar os(as) jovens. A dinâmica escolhida foi a “girafa e elefante” que, desde o GD1, mostrou-se adequada. Em seguida, passamos novamente o CD-ROM, a partir dos Caminhos, retomando os exemplos dados na parte da manhã. Como afirmamos anteriormente, essa alteração nos pareceu acertada, agilizando mais esse momento. Fizemos a relação entre o que o Grupo definiu como propostas para melhorar a educação, o trabalho e a cultura e lazer e os possíveis Caminhos de Participação para viabilizá-los. Enfatizamos que, nesse momento, a discussão seria em torno “do como” os(as) jovens estariam dispostos(as) a participar para que as melhorias acontecessem. Retomamos as regras do trabalho em Grupo e as instruções de como o trabalho deveria ser desenvolvido.

#### 14h10 – 15h40 – Trabalho em Grupos

- Os Grupos ocuparam as mesmas salas da manhã. Na parede, havia cartazes com o resumo dos Caminhos e com a questão a ser discutida. Nesse momento, enfrentamos problemas como a sonolência e a dificuldade em compreender os Caminhos. Acreditamos que o problema não seja tanto de compreensão dos Caminhos, mas da própria idéia de participação, que pareceu muito abstrata para a grande maioria dos(as) jovens. No trabalho da tarde, fomos mais chamados(as) a intervir na discussão dos Grupos, procurando esclarecer as dúvidas. Os(as) bolsistas continuaram presentes, anotando e gravando a dinâmica do Grupo.



#### 15h40 – 15h50 – Café

- O ritmo dos Grupos nesse momento foi muito irregular, alguns deles terminando o trabalho mais rápido do que outros. Deixar o café servido neste momento serviu como uma forma equilibrar o horário e relaxar os(as) participantes.

#### 15h50 – 16h40 – Diálogo em plenária

- Cada Grupo apresentou as conclusões do seu trabalho. Também pedimos que todos(as) ficassem atentos(as) às semelhanças e diferenças existentes. Em seguida, pedimos que todos(as) apontassem as possíveis semelhanças e diferenças existentes. A partir da exposição dos(as) jovens, passamos a problematizar as semelhanças, discutindo as motivações expostas e as possíveis conseqüências das escolhas realizadas. Esse foi o momento no qual enfrentamos mais dificuldades. No geral, os(as) jovens participaram pouco dessa discussão, tendendo a ser polarizada naqueles(as) mais falantes, nos obrigando a insistir que expressassem suas opiniões. No conjunto dos GDs, podemos afirmar que os(as) jovens apresentaram dificuldades em articular as demandas discutidas na parte da manhã com os Caminhos Participativos para implementá-las. Por mais que insistíssemos, os(as) jovens tiveram dificuldades em se ver nos Caminhos, com a escolha sendo feita em nome de um(a) “jovem” genérico(a), além de surgirem de forma abstrata. Em síntese, como analisaremos posteriormente, nos pareceu existir uma quebra entre a discussão da parte da manhã e a da tarde. Apesar dessas dificuldades, consideramos que o momento da problematização das escolhas feitas foi importante para a reflexão individual de parte dos(as) jovens. Nos comentários finais, vários(as) afirmaram ter mudado de opinião ao longo do Dia e acreditamos que essa mudança foi em grande parte fruto desse momento.

#### 16h40 – 16h55 – Preenchimento da Ficha Pós-Diálogo

- Distribuímos e explicamos a ficha, acompanhando os(as) jovens no seu preenchimento.

#### 16h55 – 17h15 – Comentários Finais

- Nesse momento, cada jovem fez uma rápida avaliação do Dia e deixou uma mensagem para os(as) governantes. Alguns ainda apresentaram dificuldades em se expressar na plenária, sendo incentivados(as) pelo Grupo. No geral, os(as) jovens enfatizaram a importância do Dia para cada um(a), principalmente pelo fato de terem conhecido pessoas novas e pelas discussões ocorridas.

17h15 – 17h30 – Comentários finais da equipe

- Os(as) jovens preencheram o recibo e receberam o pró-labore. Finalizando, a equipe agradeceu a participação de todos(as), fazendo comentários em relação à importância da participação juvenil. Depois que os(as) jovens se retiraram, a equipe se reunia para uma avaliação e reflexão do Dia de Diálogo.

## 2.2 Perfil dos(as) participantes

Para os cinco Grupos de Diálogo, conseguimos que 246 jovens confirmassem sua participação na atividade. Desses(as), estiveram presentes de fato 122 jovens, assim divididos(as):

GD	Faixa etária	Jovens que confirmaram a participação	Jovens que participaram do encontro
1	15-24 anos	52	31
2	15-17 anos	45	25
3	18-24 anos	56	35
4	15-24 anos	45	17
5	15-24 anos	48	14
TOTAL		246	122

Em relação ao sexo, buscamos convidar o mesmo número de homens e mulheres para os GDs. As diferenças começaram a aparecer naqueles(as) que confirmaram participação, quando então já não tínhamos controle sobre a variável sexo. No final, os(as) participantes apresentaram o seguinte perfil:

Gd	Masculino	Feminino	Total
1	16	15	31
2	7	18	25
3	16	19	35
4	7	10	17
5	6	8	14
TOTAL	52	70	122
%	42,6	57,4	100%

Poderíamos esperar que houvesse uma participação feminina menor, devido a uma possível proibição familiar, o que não ocorreu, comparecendo 57,4% de mulheres, um índice

superior aos 42,6% de homens. Em apenas um GD, o 1, o número de homens superou o número de mulheres. No restante, houve uma predominância feminina, chamando atenção o GD2, de jovens de 15 a 17 anos, quando o número de mulheres foi quase três vezes maior o de homens.

Em relação à classe social, temos o seguinte quadro:

GD/ CLASSE	MASCULINO		FEMININO		TOTAL
	A/B	C/D/E	A/B	C/D/E	
1º	6	10	1	14	31
2º	2	5	3	15	25
3º	3	13	1	18	35
4º	-	7	2	8	17
5º	-	6	1	7	14
<b>TOTAL</b>	<b>11</b>	<b>41</b>	<b>8</b>	<b>62</b>	<b>122</b>
<b>%</b>	<b>9,1%</b>	<b>33,6%</b>	<b>6,5%</b>	<b>50,8%</b>	<b>100%</b>

Podemos constatar que jovens convidados(as) das camadas A/B compareceram relativamente pouco aos GDs. Aquele que teve uma representação maior foi o GD1, com sete deles(as), e o menor foi o GD5, com apenas um(a) representante dessa camada social. O número de homens das camadas A/B foi um pouco maior (9,1%) do que o de mulheres, realidade que se inverteu nas camadas C/D e E, com 33,6% e 50,8%, respectivamente. Mas é importante destacar que, no geral, a participação dos(as) jovens dessa camada não foi destoante do conjunto, como poderíamos esperar. Na maioria das vezes, não foi possível nem mesmo identificar tais jovens como integrantes da camada A/B, nem pela aparência, pelo local de moradia, muito menos pela participação nos debates.

Em relação à idade, os(as) participantes apresentaram o seguinte perfil:

GD/ IDADE	15-17 anos	18-20 anos	21-24 anos	Acima de 25 anos	TOTAL
1º	7	11	10	3	31
2º	19	6	-	-	25
3º	1	18	14	2	35
4º	3	7	6	1	17
5º	3	6	4	1	14
<b>TOTAL</b>	<b>33</b>	<b>48</b>	<b>34</b>	<b>7</b>	<b>122</b>
<b>%</b>	<b>27,1%</b>	<b>39,4%</b>	<b>27,8%</b>	<b>5,7%</b>	<b>100%</b>

No conjunto dos GDs, podemos notar uma dominância dos(as) jovens de 18-20 anos (39,4%) e um equilíbrio entre jovens de 15-17 anos (27,1%) e 21-24 anos (27,8%). Mas

podemos afirmar que, na sua maioria, os GDs, de acordo com a especificidade da faixa etária convidada, apresentaram um certo equilíbrio entre os(as) participantes, com ênfase no GD1, que foi o mais eqüitativo dentre eles. Podemos notar que os(as) mais jovens (15-17 anos) ficaram relativamente pouco representados(as) nos GDs 4 e 5, em que dominaram os(as) jovens acima de 18 anos. É necessário registrar que no GD2, que era dirigido para jovens de 15-17 apareceram seis com 18 anos, como também os(as) quatro jovens com 25 anos, fato explicável pelo tempo entre a aplicação do questionário e a realização do GD, de quase sete meses. O mesmo não podemos dizer de um(a) deles(as), de 15 anos, que compareceu ao GD3 (18-24 anos) e três deles(as) com idade acima de 26 anos, resultado de algum equívoco na aplicação do questionário.

Em relação ao trabalho, temos o seguinte perfil:

GD	Não trabalha	Trabalha	NR	TOTAL
1	12	19	-	31
2	12	12	1	25
3	14	20	1	35
4	9	7	1	17
5	5	9	-	14
TOTAL	52	67	3	122
%	42,6	54,9%	2,5%	100%

O índice de jovens que trabalham foi de 54,9% dos(as) participantes, enquanto 42,6% não estavam trabalhando no período dos GDs. Essa diferença se manifestou em três dos encontros, quando o número de jovens que trabalham foi superior àquele dos(as) que não trabalham. Já no GD4, houve uma inversão, e no GD2, dos(as) mais jovens, o número dos(as) que trabalham foi igual àquele dos(as) que não estão inseridos(as) no mercado de trabalho. Tais índices mostram certa inversão em relação aos dados da pesquisa quantitativa realizada, na qual 41,7% dos(as) jovens afirmaram que estavam trabalhando no período da pesquisa, e 58,3% não trabalhavam.

Em relação à escolaridade, a maioria dos(as) jovens (63,1%) afirmou estar estudando ou ter estudado até o Ensino Médio. Em seguida, já com um índice bem menor, encontramos aqueles(as) que possuem até 8ª série (19,7%), seguidos(as) por aqueles(as) que estão ou estavam no Ensino Superior, 12,2%, um índice relativamente alto considerando a média da Região. A escolaridade dos(as) participantes dos Grupos de Diálogo reflete, em certa medida, a realidade constatada na pesquisa quantitativa, quando foi notado que a maioria dos(as) jovens possui o Ensino Médio incompleto (45,8%), seguindo-se aqueles(as) que completaram o Ensino Médio (32,4%) e, ainda, um índice muito grande daqueles(as) que só possuem o Ensino Fundamental (21,8%).

GD	Até 4ª série	Até 8ª série	Até Ensino Médio	Ensino Superior	Não estudou	NR	Total
1	-	5	25	1	-		31
2	2	6	13	2	1	1	25
3	2	4	23	6	-	-	35
4	-	6	7	4	-	-	17
5	-	3	9	2	-	-	14
TOTAL	4	24	77	15	1	1	122
%	3,2%	19,7%	63,1%	12,2%	0,9%	0,9%	100%

É necessário pontuar a existência de 3,2% de jovens que não concluíram ou abandonaram a escola ainda no primeiro segmento do Ensino Fundamental, que, somados(as) aos 19,7% que concluíram ou estavam estudando até 8ª série, evidencia um índice significativo de jovens que apresentam uma defasagem série/idade, uma vez que, aos 15 anos, o(a) jovem deveria estar ingressando no Ensino Médio. Ao analisar a escolaridade por GD, não encontramos diferenças significativas, não havendo nenhum deles que apresente um índice muito maior ou muito menor de escolaridade dentre os(as) jovens participantes. Pelo questionário aplicado, não foi possível apreender o índice daqueles(as) que estavam freqüentando a escola e aqueles(as) que haviam abandonado e/ou completado os estudos nos diferentes níveis de ensino no período do GD. Mas os dados da pesquisa quantitativa informam que 54,5% dos(as) jovens pesquisados(as) não estavam estudando no momento da pesquisa, o que nos permite afirmar que ainda estamos longe de garantir a universalização do acesso à escola para os(as) (as) jovens. Em uma faixa etária na qual eles(as) deveriam estar prioritariamente inseridos(as) em um processo de formação/educação, apenas 45,2% estavam estudando no momento da realização da pesquisa, em 2004.

### 2.3 – Perfil dos Grupos de Diálogo (GDs)

A partir do perfil dos(as) participantes analisado anteriormente, é possível desenvolver uma caracterização dos diferentes GDs.

GD1 – O GD1 foi constituído por jovens de 15 a 24 anos com experiência de participação anterior. Dos 60 convocados(as), confirmaram 45 e compareceu um número significativo de 31 jovens. Destes(as), 16 foram homens e 15 mulheres, num equilíbrio que não se repetiu nos GDs seguintes. Esse equilíbrio refletiu-se em certa medida na faixa etária, com sete jovens na faixa de 15-17 anos, onze deles entre 18-20 anos, dez entre 21-24 anos e três com 25 anos. Em relação à classe social, foi o GD no qual compareceu o maior número de

jovens integrantes das camadas A e B (sete), a sua grande maioria de homens, e um total de 24 jovens integrantes das classes C/D e E. Nesse GD, o número de jovens que trabalhava foi maior (61,2%) do que o daqueles(as) que não trabalhavam (38,7%). Em relação à escolaridade, a grande maioria (80,6%) estudou ou estava estudando o Ensino Médio; 16,2% tinha o Ensino Fundamental e apenas 3,2% estava no Ensino Superior.

Esse Grupo deveria ser constituído por jovens com experiência de participação anterior. Mas dos(as) 31 que compareceram, apenas 17 afirmaram participar de alguma instância coletiva. No que se refere à participação e ao conteúdo das discussões nos Grupos e na plenária, podemos afirmar que o Grupo, juntamente com o GD3, sobressaiu-se em relação aos demais. Mas ainda aquém do que esperávamos pela própria característica do Grupo, o que nos leva a relativizar a tendência em considerar que a participação em si do(a) jovem possa garantir um maior desempenho no espaço público ou mesmo um nível de reflexividade maior. Mesmo assim, podemos dizer que a experiência participativa pode ser uma variável significativa para avaliar a participação dos(as) jovens.

GD2 – O GD2 foi constituído por jovens na faixa etária de 15 a 17 anos. Dos(as) 60 jovens convocados(as), 45 confirmaram e 25 estiveram presentes na atividade. O grupo foi preponderantemente feminino (72%), com a presença de apenas 28% de homens. Como era de se esperar, compareceram 19 jovens com idades entre 15-17 anos e seis com 18 anos, fato que já explicamos anteriormente. No Grupo, cinco jovens eram oriundos(as) da classe social A/B e 20 das camadas C/D/ e E. Outro dado significativo foi a realidade do trabalho: 48% deles(as) afirmaram estar trabalhando, o mesmo índice daqueles(as) que não estavam trabalhando no período do GD, o que confirma os índices que apontam a inserção precoce desses(as) jovens no mundo do trabalho. Finalmente, a escolaridade do Grupo aponta mesma tendência do anterior, com 52% dos(as) jovens no Ensino Médio; 24% no Ensino Fundamental e 8% até 4a série, índice igual ao daqueles(as) que afirmaram estar cursando o Ensino Superior, um índice alto considerando a idade dos(as) jovens.

No GD2, a maioria dos(as) jovens apresentou dificuldades em compreender a proposta, nos debates e na elaboração dos Caminhos. Apesar de um pequeno número de jovens mais participativos(as), grande parte pouco se expressou nos Grupos e nas plenárias, fazendo com que tivéssemos de estimular mais essa participação. Do Grupo, um pouco mais da metade (13) afirmou não participar de alguma instância coletiva. Os doze restantes afirmaram participar, na sua maioria, em grupos esportivos (futebol, vôlei etc.), seguidos de grupos culturais, voluntariado, grupos de jovens etc. Nos conteúdos, não diferiram muito dos outros GDs. Nos comentários iniciais, por exemplo, acentuaram as questões relacionadas à segurança e ao emprego, os aspectos dominantes em quase todos os GDs. Na definição dos Caminhos Participativos, a marca principal foi a ação voluntária, opção comum a outros GDs, mas com menos elaborações. Essas constatações nos levam a sugerir que a idade pode ser uma variável significativa para avaliar a participação dos(as) jovens nos debates.

GD3 – O GD3 foi constituído por jovens de 18 a 24 anos, sendo o que contou com o maior número de jovens. Dos 60 convocados(as), 56 confirmaram o convite e 35 participaram do Dia. Destes, 54,2% eram mulheres e 45,8% homens, com a maioria deles(as) (57,1%) trabalhando. A maioria do grupo tinha entre 18 e 20 anos (51,4%), seguidos(as) por aqueles(as) na faixa de 21 a 24 anos. Por algum equívoco na lista da pesquisa quantitativa, apareceu um(a) jovem de 15 anos e havia dois(duas) deles(as) com mais de 24 anos. Em termos de classe social, a grande dominância foi de jovens das camadas C/D e E (31) e apenas quatro jovens das camadas A/B. Em relação à escolaridade, o Grupo segue a mesma tendência dos GDs anteriores, com a maioria dos(as) jovens (65,7%) tendo cursado ou ainda cursando o Ensino Médio. Foi o Grupo que apresentou o maior número de jovens no Ensino Superior, realidade de 17% deles(as), seguido por aqueles(as) que possuem o Ensino Fundamental (11,4%) e 5,9% ainda nas séries iniciais. Em termos de participação, a grande maioria do Grupo (24) afirmou não participar de nenhuma instância coletiva. Dos(as) onze jovens que estão inseridos(as) em algum grupo, destacam-se grupos ligados à igreja, ações comunitárias, trabalho voluntário e grupos culturais.

O GD3 nos surpreendeu pela capacidade de reflexão e a postura propositiva de vários(as) dos(as) jovens. Os debates nos Grupos foram acalorados, nas plenárias ainda dominou certa polarização entre os(as) que têm um maior domínio da palavra, mas em maior número do que no restante dos GDs. Nos comentários iniciais, além da segurança, emprego e educação, as questões mais presentes no conjunto dos GDs, foi explicitado também a preocupação em relação à desigualdade social e à corrupção de políticos(as). Na discussão dos Caminhos Participativos, foi o GD no qual o Caminho 1 apareceu de forma mais contundente, mesmo que misturado com aspectos dos outros Caminhos. Nos comentários finais, vários(as) afirmaram ter despertado o desejo para participar mais ativamente e, principalmente, percebido o poder da juventude em influenciar as decisões do país. O comportamento desses(as) jovens nos reforçam a percepção de que a idade é uma variável significativa para avaliar a participação juvenil.

GD4 – O GD4 foi constituído por jovens de 15 a 24 anos, contando com a participação de 17 jovens, dos(as) 45 que haviam confirmado a presença. Esse baixo comparecimento pode ser explicado em parte pelas fortes chuvas que caíram nesse sábado, nos levando a atrasar o início dos trabalhos. Nesse Grupo, foi dominante a presença de jovens acima de 18 anos, sendo sete na faixa de 18-20 anos e seis entre 21-24 anos. Compareceram apenas três na faixa etária de 15-17 anos e um(a) com 27 anos. Em relação ao gênero, novamente aparece a maioria feminina (58,8%). Chamou-nos a atenção no grupo o alto número dos(as) que declararam ter filhos(as): cinco deles(as), sendo que apenas dois(duas) estavam casados(as) no período do GD, expressando os altos índices de gravidez na adolescência. Uma novidade neste GD foi a questão do trabalho, quando a maior parte do Grupo não estava trabalhando (52,9%). Essa realidade não pode ser atribuída à classe social de origem dos(as) participantes, pois nesse GD compareceram apenas dois(duas) jovens das camadas A/B e 15 das camadas

C/D e E. A escolaridade aparece mais dividida, com 41,2% no Ensino Médio, 35,3% no Ensino Fundamental e 23,5% no Ensino Superior. Em termos da participação, apenas seis jovens afirmaram não participar de nenhuma instância coletiva. Os(as) onze restantes afirmaram participar, na sua maioria, em grupos religiosos e em atividades esportivas. Um fato que nos chamou a atenção foi a pouca visibilidade dos grêmios e representações estudantis, fato comum a todos os GDs. Uma das participantes recordou-se da sua participação em uma passeata pelo passe-livre, mas não identificou as entidades que lideravam o movimento.

Mas esse perfil do Grupo não alterou de forma significativa a dinâmica do Dia e os resultados das discussões. As preocupações iniciais foram recorrentes: a questão da violência, a baixa qualidade da educação e o desemprego. O Grupo mostrou-se participativo e bem entrosado ao longo do Dia, talvez pela facilidade que um Grupo menor proporciona para dialogar nas plenárias e criar maiores laços entre si. Na escolha dos Caminhos, o eixo comum foi o trabalho voluntário. Os(as) jovens justificavam tal escolha com dois argumentos: a praticidade (absorve menos tempo) e a governabilidade (“a gente pode controlar”). Uma hipótese é que isso pode estar revelando uma descrença nos Caminhos mais institucionalizados, particularmente no que se refere à relação com o Poder Público. Outra questão que nos pareceu relevante e que vem se confirmando em todos os GDs refere-se ao baixo nível de informação, em alguns casos com a recorrência de posições preconceituosas e conservadoras. Isso nos leva a questionar a posição da escola como espaço de informação e formação.

GD5 – Finalmente, o GD5 contou com 14 jovens na faixa etária de 15 a 24 anos. Foram convidados(as) 48 jovens, incluídos(as) aqueles(as) cujos endereços sequer puderam ser confirmados devido à falta de telefone, o que pode explicar em parte o pequeno número de participantes. O Grupo apresentou um perfil de maioria feminina (oito), superando o número de homens (seis). Também em termos da origem social, a grande maioria do Grupo (13) era oriunda das camadas C/D e E, e apenas uma jovem provinha das camadas A/B. A faixa etária do Grupo foi mais equitativa, estando três jovens na faixa entre 15-17 anos; seis na faixa 18-20 anos e quatro entre 21-24 anos. Uma das participantes afirmou ter 34 anos, apesar de não aparentar, o que pode ter causado o equívoco com o(a) aplicador(a) do questionário. Mas essa diferença de idade não interferiu em nada na sua participação no Dia. Em relação ao trabalho, o Grupo confirma a tendência em ter uma maior parte inserida no mercado de trabalho (nove), com uma escolaridade situada em sua maioria no Ensino Médio (nove), seguida pelo Ensino Fundamental (três) e Superior (dois). No Grupo, apenas quatro dos(as) jovens afirmaram não participar de alguma instância coletiva. Daqueles(as) que estão inseridos(as) em instâncias coletivas, destacam-se as atividades esportivas, voluntariado e grupos ligados à igreja.

Na nossa avaliação, esse foi o GD que apresentou maiores dificuldades na participação, tanto nas plenárias quanto nos pequenos Grupos, além de não ter ocorrido um maior entrosamento entre os(as) participantes. É importante assinalar que essa realidade não pode ser atribuída à idade ou à experiência de participação, duas variáveis que havíamos destacado como significativas, já que o perfil do Grupo não apresenta maiores diferenças com



o restante dos GDs. Um diferencial nesse grupo foi a presença de um jovem egresso da Apae. Foi levado pela irmã, que nos alertou sobre o “problema mental” do jovem. Porém, durante o Dia, participou sem problemas, com algumas dificuldades em expressar-se, principalmente na escrita, o que nos levou a deslocar um(a) monitor(a) para preencher as fichas junto com ele.

Nos comentários iniciais, as questões levantadas foram basicamente segurança e emprego, não aparecendo a questão da educação. Em relação aos Caminhos Participativos, preponderou a tendência em formular novos Caminhos, misturando aspectos das três alternativas. Na plenária, nos chamou a atenção a insistência dos(as) jovens em encararem a participação política como uma dimensão para um(a) outro(a) que não eles(as), restrita à esfera do Estado, diante da qual se acham impotentes e com a qual desenvolvem uma relação subordinada. Mais tarde, concluímos que, de uma forma geral, essa posição foi muito comum nos outros GDs, mesmo sendo explicitado de forma diferente.

## **2.4 – Tecendo comentários sobre a metodologia**

Em Belo Horizonte, a metodologia foi aplicada seguindo os passos acordados nacionalmente, com pequenas alterações que julgamos necessárias, relacionadas à divisão do tempo ao longo do Dia e à mudança da ordem da explicação dos conteúdos do CD-ROM. Passamos a inserir pequenas pausas ao longo da exibição do CD, quando então retomávamos o tema exibido, explicando novamente e pedindo exemplos dos(as) jovens. Optamos também em nos deter na explicação dos Caminhos Participativos na parte da manhã, e não na parte da tarde, como inicialmente previsto. Explicamos detalhadamente cada Caminho, insistindo em que dessem exemplos concretos ligados a cada um(a) deles(as). Avaliamos positivamente essa pequena alteração que introduzimos, na medida em que favoreceu uma maior agilidade no período da tarde, quanto então não precisamos detalhar mais os Caminhos, só projetando a parte final do CD e retomando os exemplos citados.

Mas essa alteração não chegou a mudar de forma substancial os resultados. No conjunto dos GDs, percebemos que os Grupos, de formas diferenciadas, ainda tiveram dificuldades em escolher os Caminhos Participativos, e principalmente em articular as demandas levantadas na parte da manhã com os Caminhos a serem escolhidos. Tal dificuldade refletiu-se na plenária das semelhanças e diferenças, uma dificuldade comum a todos os GDs. Por mais que insistíssemos, os(as) jovens apresentaram dificuldades de se verem nos Caminhos, com a escolha tendendo a ser algo para os(as) outros(as) ou um(a) outro(a) genérico(a), além de surgirem de forma abstrata.

Acreditamos que existe um problema entre a parte da manhã e a parte da tarde. A questão da manhã (“Que Brasil queremos?”), mesmo quando traduzida em questões relativas à educação, trabalho, cultura e lazer, tende a levar a discussão para o plano do ideal, que demanda uma ação coletiva para a sua efetivação. Já na parte da tarde, na escolha dos Caminhos, insistimos que os(as) jovens se baseassem no real, na possibilidade de ação de cada um(a), numa perspectiva de decisão individual. Surgem duas dificuldades.

Uma delas é a articulação da escolha dos Caminhos com as demandas levantadas na parte da manhã. Como estas tenderam a ser genéricas e de difícil solução sem uma ação coletiva organizada, ficou difícil para eles(as) imaginarem uma ação que pudesse interferir de alguma forma na realidade proposta. Os Caminhos escolhidos se situaram no plano do ideal. E aqui aparece a segunda dificuldade, na qual os(as) jovens tendem a formular o Caminho e as ações para um(a) jovem genérico(a). Há uma tendência deles(as) não se colocarem como sujeitos das ações no Caminho escolhido, talvez por não se imaginarem capazes, através da ação real de cada um(a) deles(as), de interferir de fato na realidade.

Um outro aspecto foi a tendência em misturar os Caminhos, comum em grande parte dos GDs. Avaliamos que é resultado do grau de generalização do próprio tema – participação juvenil – e também da pergunta formulada. Uma outra dificuldade foi a delimitação de cada um dos Caminhos, quando, na realidade, eles não se excluem, ao contrário, se encontram misturados. Tanto é que não foi fácil exemplificar com clareza a ação em cada um deles.

Uma outra questão metodológica que merece uma reflexão foi a impossibilidade da escolha pela não-participação. Na forma como estruturamos a metodologia, não está dada a possibilidade do(a) jovem se manifestar pela não-participação, seja por acomodação, seja por protesto. Essa não seria uma alternativa possível? Acreditamos que o clima criado pelos conteúdos e pelas dinâmicas do Dia quase que obrigam o(a) jovem a afirmar a participação. Na análise dos resultados, não podemos esquecer de relativizar as respostas no contexto da imagem que os(as) jovens fizeram de nós. Éramos professores(as), ainda mais da Universidade, desde o início falando positivamente da participação, é de se esperar um efeito espelho, analisado nas pesquisas de caráter qualitativo, quando os sujeitos tendem a responder aquilo que acreditam estar esperando deles. Uma outra relativização necessária na análise é em relação aos comentários inicial e final, na medida em que percebemos uma tendência dos(as) jovens em repetir a fala do(a) anterior, num efeito “cópia”.

Acreditamos, assim, que a metodologia poderia ser mais eficaz se a pergunta central fosse mais objetiva, concreta. A questão da participação é muito abstrata, principalmente para aqueles(as) que não têm experiência e/ou nunca se questionaram sobre a participação social.

Quanto aos instrumentos utilizados, avaliamos que o Caderno ainda ficou muito denso de informações, considerando a maioria dos(as) jovens participantes com pouca prática de leitura. O CD-ROM foi um bom instrumento, mais fácil de transmitir as informações, principalmente com as devidas pausas para a discussão dos conteúdos. Mas, ainda assim, a linguagem de ambos ficou muito “adulta”, além de um tom militante, supondo que os(as) jovens iriam se engajar em alguma ação coletiva.

A idéia de apreender a posição inicial e final dos(as) jovens é muito boa. Mas as fichas Pré e Pós-Diálogo precisam ser redimensionadas. A atribuição de notas tem de ser repensada, assim como a condição ligada a cada escolha na ficha Pós-Diálogo a qual, pelos resultados, foi de difícil compreensão por parte dos(as) jovens.

A participação dos(as) bolsistas foi muito positiva. Contribuíram efetivamente em todo o processo. A participação no trabalho dos Grupos foi muito tranquila, facilitada pelo fato de

serem jovens e criarem uma identidade com os(as) participantes. As intervenções se deram nos esclarecimentos e no apoio aos Grupos quando enfrentavam alguma dificuldade. Ao mesmo tempo, a experiência, segundo eles(as), significou uma ampliação na aprendizagem da pesquisa, reforçando a dimensão de ensino.

Na nossa avaliação, o aspecto mais positivo da metodologia é a possibilidade do diálogo, quando os(as) jovens se sentem ouvidos(as) e capazes de construir escolhas, mesmo que estas sejam genéricas e idealizadas. O GD tornou-se um espaço de troca e de escuta. Chama a atenção a novidade que significou para os(as) jovens parar um dia para refletir. Sentimos que, no geral, grande parte deles(as) nunca parou para pensar sobre a própria realidade em que vivem, mostrando-se pouco reflexivos(as), reproduzindo lugares-comuns. Ao mesmo tempo, nos chamou à atenção a boa vontade de grande parte dos(as) jovens em participar dos debates, mesmo que só nos pequenos Grupos. Essa realidade pode estar nos mostrando a falta de instâncias e canais de participação pelos quais esses(as) jovens possam exercitar a dimensão do coletivo, seja em debates, seja em ações. Nesse sentido, é necessário colocar em questão a qualidade da escola, em especial as públicas, tanto em termos de conhecimento quanto na possibilidade de estar proporcionando experiências coletivas. Um outro fator que gostaríamos de destacar foi o pagamento aos(às) jovens, fato que interferiu na motivação ao longo do Dia e causou uma enorme satisfação em todos eles(as).

A avaliação da grande maioria dos(as) jovens foi muito positiva. A ênfase foi a importância atribuída ao fato de conhecerem novas pessoas e as relações com a equipe. Também para nós significou uma imersão na realidade do(a) jovem comum, que não participa de projetos, uma dimensão da realidade juvenil à qual temos pouco acesso no cotidiano. Mas não temos como medir o impacto da pesquisa entre os(as) jovens. Nesse sentido, a proposta da realização de encontros de formação com parte deles(as), de acordo com o projeto em anexo, pode nos dar mais elementos para analisar o que significou um dia de reflexão nas suas vidas.

---

## 3 – Os conteúdos dos Grupos de Diálogo

### 3.1 – As preocupações dos(as) jovens

Na primeira atividade do GD, foi solicitado aos(às) jovens que se apresentassem e se manifestassem sobre suas preocupações atuais em relação à realidade que viviam a partir da seguinte questão: “Em uma palavra, o que te preocupa no Brasil?”

O registro da fala dos(as) jovens compreendeu várias questões que foram agrupadas em 20 temas (anexo – tabelas 1 e 2). A grande maioria dos(as) jovens (50%) se referiu ao tema violência/segurança como a maior preocupação, um tema que surgiu em todos os GDs em primeiro lugar. Esse tema esteve presente também durante as discussões na parte da manhã, sendo possível perceber duas posições recorrentes: uma tendendo a culpar os(as) próprios(as) jovens pela violência e outra indicando a ação da polícia como a maior fonte de violência contra os(as) jovens. Alguns(mas) jovens fazem uma vinculação entre violência e a desigualdade social (“a violência e a desigualdade social”), outros(as) já vêem uma relação direta com o desemprego (“se tivesse mais emprego, com certeza os jovens hoje estariam mais ocupados e não teria isso”). É interessante notar que, no conjunto dos GDs, apenas uma jovem levanta a questão da violência contra a mulher, o que pode nos indicar uma determinada compreensão da violência reduzida àquela que se pratica nos espaços públicos – ruas e praças –, sendo praticado por policiais e pessoas envolvidas em situações de criminalidade. Ao mesmo tempo, muitos(as) jovens se referiram a esse tema isoladamente, sem darem maiores pistas sobre o sentido atribuído ao termo.

Essa preocupação reflete uma tendência nacional. Na pesquisa Perfil da Juventude Brasileira<sup>2</sup>, 55% dos(as) jovens apontam a questão da segurança/violência como o problema que mais preocupa atualmente. A predominância desse tema parece refletir, de um lado, a experiência real de grande parte da juventude que mora nas periferias das metrópoles brasileiras, marcada pela precarização das condições de vida e pelo esgarçamento das relações sociais. Os(as) jovens são as maiores vítimas dessa violência, sendo aqueles(as) que mais morrem, principalmente através de armas de fogo, como apontam as estatísticas nacionais<sup>3</sup>. Por outro lado, essa mesma preocupação pode expressar certo clima de insegurança, criado pela tendência de espetacularização da violência provocada pela mídia.

Em segundo lugar, como fonte de preocupação maior, aparece o tema emprego/trabalho/falta de oportunidades (32%). Foi mais presente nos três primeiros GDs, aparecendo apenas uma vez no GD4. Os(as) jovens tenderam a associar o desemprego com a

---

<sup>2</sup> A pesquisa *Perfil da Juventude Brasileira* foi realizada pelo Instituto Cidadania, em 2004, ouvindo mais de 3.000 jovens em todo o Brasil, estando publicada no livro ABRAMO, Helena e BRANCO, Pedro Paulo (orgs.). **Retratos da Juventude Brasileira: Análises de uma pesquisa nacional**. Ed. Fundação Perseu Abramo, 2005.

<sup>3</sup> Segundo a Unesco, do total de mortos(as) por armas de fogo entre 1979 e 2003, 44,1% foram jovens entre 15 e 24 anos. Nessa faixa etária, a mortalidade por armas de fogo passou de 7,9% em 1979 para 34,4% em 2003. Fonte: Jornal Estado de Minas, 28/06/2005, 1º Caderno, p. 11.

falta de oportunidade para aprender alguma profissão por meio de estágios, cursos profissionalizantes ou à dificuldade de acesso ao primeiro emprego formal. As falas confirmam a exigência de experiência como a principal barreira que lhes impede conquistar uma vaga no mercado de trabalho: “Porque os empresários geralmente procuram uma pessoa que já tem experiência na área. E não tem muito trabalho pra poder colocar um jovem no mercado de trabalho, já que ele não tem experiência”.

Também nesse caso, a preocupação dos(as) jovens reflete a tendência nacional sendo compartilhada por 52% da juventude brasileira<sup>4</sup>. E não é de se estranhar na medida em que os(as) jovens, na faixa etária de 15 a 24 anos, são os(as) mais penalizados(as) pelo desemprego. A pesquisa quantitativa<sup>5</sup> revelou que 58,3% dos(as) jovens da Região Metropolitana de Belo Horizonte não estavam trabalhando naquele período, enquanto que, no Brasil, 24,5 em cada 100 se encontravam desempregados(as), num índice três vezes maior do que nas outras faixas etárias (BRANCO, 2005). Os(as) jovens dos GDs expressam a preocupação real com as dificuldades de uma inserção no mercado, bem como com as limitadas perspectivas – o que só aumenta o sentido de risco e vulnerabilidade.

Ocupando a terceira posição na ordem de preocupações dos(as) jovens temos a desigualdade social (15,6%). Esse tema é citado de forma vaga, sendo vinculado à preocupação com a sociedade em geral, sem fazer referências diretas à experiência juvenil. Algumas vezes, aparece associada ao tema fome/miséria, citado por 5% dos(as) jovens. Foi uma preocupação mais presente no GD3, exatamente aquele que, como vimos, demonstrou uma maior maturidade nos debates. Ao levantar essa preocupação, parte dos(as) jovens demonstram uma sensibilidade para com a realidade nacional, sensibilidade essa que motiva muitas vezes a ação do voluntariado. Podemos ver, neste item, uma diferença com os índices nacionais quando, no Perfil da Juventude Brasileira, aparece a preocupação com a fome/miséria, presente para apenas 16% dos(as) jovens.

A educação aparece em quarto lugar, com 14% dos depoimentos. É importante ressaltar que, embora seja uma atividade que consome grande parte do tempo juvenil, a educação não foi citada como preocupação em um dos GDs. Apenas no GD1 (jovens com experiência participativa) e no GD2 (jovens de 18 a 24 anos), o tema aparece com maior relevância. Nesse momento inicial, os(as) jovens se referem à falta de investimentos em educação, à queda na qualidade e à precariedade da educação nas periferias. É interessante observar que acesso à Educação Superior foi citado apenas por três jovens, apesar das pesquisas constatarem o alto índice de exclusão dos(as) jovens do acesso a esse nível de ensino. Aqui também podemos notar uma diferença com os índices nacionais. No Perfil da Juventude Brasileira, a preocupação com a educação ocupa o quarto lugar, presentes para 17% dos(as) jovens, ao mesmo tempo, significa o assunto que mais interessa atualmente aos(as) jovens, presente para 38% deles(as).

---

<sup>4</sup> *Perfil da Juventude Brasileira*, op. cit.

<sup>5</sup> *Juventude Brasileira e Democracia: análise preliminar da pesquisa quantitativa na Região Metropolitana de Belo Horizonte* ( DAYRELL, 2005)

Além dessas preocupações, podemos agrupar um segundo bloco de temas que não são citados em todos os GDs, mas que aparecem com certa frequência, como corrupção/maus(más) políticos(as)/governantes (7,4%), fome/miséria (5%) e saúde (5%). Essas questões, como já afirmamos, referem-se a problemas que dizem respeito à sociedade de uma forma geral, sem uma vinculação direta com situações vividas por eles(as).

Por fim, vários comentários se referem a problemas como desinformação das pessoas, cultura, drogas, meio ambiente, falta de solidariedade, situação financeira do país, preconceito, desigualdade racial, menores abandonados(as), construção de novos presídios e a juventude/os(as) jovens.

Em geral, os GDs não apresentaram grandes discrepâncias entre si com relação aos temas apontados. Parece não se verificar uma vinculação nítida entre os diferentes perfis dos Grupos e as preocupações iniciais dos(as) jovens. As falas parecem indicar um conjunto de questões que se referem à experiência juvenil nas grandes metrópoles brasileiras atualmente, sobretudo no que se refere aos dois grandes problemas indicados pelos(as) jovens: o desemprego e a violência.

### **3.2 – Que Brasil queremos? As demandas dos(as) jovens**

No primeiro trabalho em Grupo, os(as) jovens foram convidados(as) a discutir a questão “Pensando na vida que você leva como jovem brasileiro(a), o que pode melhorar na educação, trabalho e nas atividades de cultura e lazer?”. Os Grupos apresentaram as suas conclusões em plenária, seguida por uma discussão para definir as semelhanças e diferenças existentes e assim tirar um consenso do Grupo em relação às demandas dos(as) jovens (anexo – tabela 3). A seguir, vamos analisar as demandas dos(as) jovens que surgiram nos cinco Grupos de Diálogo, nos campos da educação, trabalho e cultura e lazer (tabela 3.1).

Educação – As demandas comuns aos(às) jovens em torno da educação expressam situações vividas no dia-a-dia dos(as) jovens e na sua curta trajetória escolar. A ênfase recai na demanda por uma melhor qualificação dos(as) professores(as) e na relação humana e pedagógica estabelecida com os(as) alunos(as), comum em três GDs.

Essa demanda se sobrepõe ao reconhecimento da necessidade de mais verbas para a educação, aparecendo em dois dos cinco GDs realizados. Nestes, os(as) jovens com idade entre 15 a 17 anos são aqueles(as) que mais a apontam.

A síntese apresentada na tabela 3 não consegue traduzir bem essa demanda em torno da relação pedagógica e humana, mas, durante as plenárias, ficamos impressionados(as) com o sentimento de indignação, decepção e com os argumentos expressos pelos(as) jovens nos cinco Grupos de Diálogos ao falarem sobre essa relação. Ficou claro que boa parte dos(as) jovens demanda um tipo de relação humana e pedagógica diferente daquela que têm recebido dos(as) docentes. Parece que há um choque cultural, geracional e um desrespeito ao(à) aluno(a) como um sujeito social e cidadão(ã) de direitos no interior das escolas.

Alguns(mas) jovens chegaram a dizer que “os professores mais novos são os piores. Eles não escutam a gente, dizem que já se formaram e que o azar é nosso”. Há que se pensar: que tipo de professor(a) tem chegado às escolas hoje? Esses(as) profissionais são formados(as) para lidar com os sujeitos em diferentes tempos da vida, portadores de diferentes marcas sociais, étnico-raciais e geracionais? O que a universidade tem feito a esse respeito?

A reivindicação por mais verbas é seguida pelo reconhecimento de um “descaso” dos(as) governantes em relação à educação. Não se trata da iniciativa de um ou outro governo, mas há aqui a percepção dos(as) jovens em relação a um processo que se arrasta na história da educação e na história política do nosso país: a educação, enquanto um direito social e um dever do Estado, não tem sido prioridade política. Ela se perde facilmente diante das questões econômicas e da opção do Estado em atender as demandas do mercado.

Dentre as semelhanças do tema “educação” está também o reconhecimento de que a relação escola/comunidade pode ser transformada. A demanda pelo uso do espaço público da escola aparece como uma solicitação pela abertura da escola nos finais de semana. Podemos destacar três aspectos dessa demanda: a falta de equipamentos públicos nos bairros periféricos – de onde se origina a maioria dos(as) jovens dos cinco GDs –, sendo a escola, muitas vezes, o único equipamento público ao qual a comunidade tem acesso; uma sobrecarga de demanda popular em relação à escola, como se ela fosse a única instituição ou a principal responsável por sanar várias carências das comunidades populares e, por último, o reconhecimento de que o tempo/espaço escolar pode ser ressignificado pela comunidade e, de maneira conjunta, ser reapropriado por esta, sobretudo nos finais de semana, em que os prédios escolares, na maioria das vezes, se encontram fechados. A abertura da escola pode anunciar também uma certa disponibilidade dos(as) jovens de participarem de projetos junto às escolas e de atuarem como voluntários(as) ou na condição de profissionais. Essa reflexão pode ser feita ao relacionarmos essa semelhança com alguns argumentos dos(as) jovens para a escolha dos Caminhos Participativos à tarde.

Essa demanda pela abertura da escola nos finais de semana ganha mais sentido quando constatamos, na pesquisa quantitativa (DAYRELL, 2005), que apenas 14,2% dos(as) jovens da Região Metropolitana de Belo Horizonte freqüentam as escolas ou universidades nos finais de semana.<sup>6</sup> Apesar de os índices relacionados à classe social não apresentarem maiores diferenças, a proporção de alunos(as) que freqüentam a escola privada nos finais de semana (18,8%) é superior ao das escolas públicas (13,5%). Nesse caso, é importante lembrar que as atividades realizadas nos finais de semana nas escolas particulares têm caráter mais privado, restrito aos(às) alunos(as) e suas famílias, diferentemente da escola pública, na qual a abertura nos finais de semana é para a comunidade envolvente.

---

<sup>6</sup> Há uma grande diferença em relação aos dados da pesquisa nacional do *Projeto Juventude*, que constatou que 41% dos(as) jovens das Regiões Metropolitanas já participaram em atividades culturais desenvolvidas em escolas nos finais de semana. Cf. BRENNER, 2004.

A ênfase quanto ao que fazem na escola nesses momentos foi dada a atividades coletivas e de sociabilidade, como praticar esportes (53,1%), encontrar amigos(as) (21,9%) e participar de festas (18,8%). Mas afirmaram também que participavam de cursos e oficinas culturais (23,4%) e assistiam a apresentações culturais (10,9%). Embora o número absoluto seja muito baixo, verificam-se aí algumas tendências de como o espaço escolar poderia ser potencializado nos finais de semana, principalmente nas periferias, onde a escola é uma das poucas instituições públicas existentes. Por outro lado, é necessário refletir em que medida tais atividades dialogam de alguma forma com os projetos pedagógicos escolares. Como lembra Brenner (2004, p. 8), as experiências existentes no Brasil vivenciam duas ordens de desafios:

(...) criar políticas que estimulem outras escolas a abrir nos fins de semana e apoiar as iniciativas já existentes. Este apoio passa pela oferta de espaços escolares e materiais suficientes e adequados às atividades extraclasse, garantia de manutenção dos espaços já existentes e capacitação de agentes culturais para que atuem no tempo livre e articulem os conteúdos escolares com as diferentes propostas culturais.

Uma outra demanda que surgiu dos GDs foi a das cotas para escola pública, mas definido como semelhança apenas no GD3, cujos(as) jovens situam-se na faixa etária de 18 a 24 anos. A universidade se coloca como uma perspectiva para jovens nessa idade, o que pode justificar a presença dessa demanda, além da maturidade do grupo demonstrada nos debates. É interessante ponderar que esse debate começa a chegar até os principais sujeitos para os quais as cotas têm sido pensadas, a saber, jovens pobres e egressos(as) do Ensino Médio público e, em algumas modalidades de cotas, jovens pobres e negros(as) egressos(as) do Ensino Médio público. No entanto, a demanda surgida no GD3 aponta para a necessidade de aprofundar o debate sobre as cotas, inserindo-as nas políticas de ação afirmativa, entendidas como políticas de Estado e como garantia do direito à educação.

Trabalho – Nos Grupos de Diálogo, o trabalho apareceu como a maior preocupação dos(as) jovens e, nesse tema, é possível perceber vários consensos entre os(as) jovens, expressos na quantidade de vezes que algumas demandas apareceram (tabelas 3 e 3.2). É compreensível a forte presença dessa demanda, confirmando os dados das pesquisas nacionais sobre a situação de desemprego da juventude, sobretudo, a juventude das camadas populares, como já comentamos anteriormente.

Merece destaque a demanda, presente nos cinco GDs, por “qualificação profissional dos(as) jovens”, a ser reivindicada pelos(as) jovens, tanto para o governo como para as empresas privadas, ou seja, tanto pela esfera pública quanto pela privada. Essa demanda está associada com a realidade de desemprego presente na vida dos(as) jovens participantes, e foi a única demanda que alcançou unanimidade em todos dos Grupos de Diálogo, independentemente da faixa etária.

Durante a apresentação dos(as) jovens, ao perguntarmos sobre a sua situação de emprego, constatamos que grande parte era composta por desempregados(as) e também por



jovens que trabalhavam sem carteira assinada, inclusive aqueles(as) que já haviam constituído família ou tinham filhos(as). O desemprego aponta para a necessidade de construção de políticas públicas eficazes em relação ao trabalho e, mais ainda, políticas eficazes de primeiro emprego para a juventude, reformulando a existente.

A demanda por cursos profissionalizantes apareceu em três GDs (o 2, 4 e o 5). Ela é seguida pela demanda por estágios presentes em dois GDs (o 2 e o 4). Essas duas semelhanças revelam a dificuldade de inserção juvenil no mercado de trabalho e estão associadas à demanda de maior qualificação para o trabalho. Os GDs que as apresentaram são aqueles que possuíam uma parcela de jovens na faixa etária dos 15 a 18 anos, correspondente à busca pelo primeiro emprego. Durante as plenárias, esse foi um dos assuntos que ocupou uma boa parte do tempo e sempre esteve associado a uma crítica contundente dos(as) jovens sobre a incoerência do mercado ao cobrar a tão falada “prática profissional” sem a existência de políticas de incorporação dos(as) jovens no mercado de trabalho e sem a construção de oportunidades para os(as) mesmos(as), pelas empresas. Os estágios apareceram, nesse contexto, como uma possibilidade real e como um “ritual de iniciação” ao mercado de trabalho, e foram demandados com contundência pelos(as) jovens.

O aumento de postos de trabalho para os(as) jovens e a construção de mais oportunidades de emprego são as demandas que se seguem e aparecem em dois GDs. Elas estão muito relacionadas com as primeiras e dizem da carência de inserção do(a) jovem no mercado de trabalho. Há também o reconhecimento do direito do(a) jovem de ter redução real da jornada de trabalho. Os(as) jovens com idade entre 18 e 24 anos são os(as) que apontaram essa questão e, por serem mais velhos(as), certamente devem viver mais de perto a difícil tarefa de conciliar trabalho e escola.

Durante os GDs, embora nem sempre a relação trabalho/escola tenha sido levantada como uma semelhança, ela esteve presente como diferença ou no Diálogo durante a plenária. Vários(as) jovens afirmaram que não é possível conciliar o tempo de escola com o trabalho. As duas instituições não dialogam entre si e, no contexto social de tamanho desemprego, na maioria das vezes, a opção feita pelo(a) jovem é o abandono dos estudos em detrimento do emprego. Além disso, a má qualidade das escolas e dos turnos noturnos também foram apontados como fatores que desmotivam a continuidade dos estudos.

O GD3, com jovens de idade entre 18 e 24 anos, trouxe ainda como demanda a reformulação do Programa Primeiro Emprego. É fato que a idade, uma maior experiência de vida e também a própria inserção de alguns(mas) nessa política, pode ter contribuído para o conhecimento da mesma e a percepção dos seus pontos fracos. Nota-se que eles(as) não propõem a extinção dessa política, mas a sua reformulação, certamente, mais próxima à sua realidade.

Cultura e Lazer – O tema da cultura/lazer ocupou um lugar significativo na plenária da manhã. No entanto, à tarde, ele quase não foi retomado pelos cinco GDs na escolha dos Caminhos Participativos. Talvez o fato de a maioria dos(as) jovens não ter uma atuação em grupos pode ter sido um fator que influenciou esse resultado. Ou talvez a precariedade de

condições escolares e de emprego tenha falado mais alto do que a demanda por cultura e lazer. Esta parece ter sido entendida pelos(as) jovens muito mais como “divertimento” do que como direito aos espaços e bens culturais produzidos por eles(as) mesmos(as) e pela sociedade, a serem proporcionados em igualdade de condições tanto para os(as) pobres quanto para os(as) jovens das camadas médias.

É interessante notar que, junto com a demanda por cultura e lazer, estava o apelo por mais segurança, o que implica em “policiamento”. Dois GDs (o 2, de jovens de 15 a 17, e o 4, de jovens de 15 a 24 anos) apontaram como semelhança a necessidade de policiamento, mas explicaram: queriam um policiamento qualificado nos bairros para que os(as) jovens pudessem circular com liberdade, usufruir de espaços públicos sem ser assaltados(as) ou ameaçados(as) pelo tráfico. A presença de um número maior de jovens com pouca idade pode ter influenciado tal demanda, devido ao fato de se encontrarem mais dependentes da família, serem mais novos(as) e talvez, considerados(as) tanto pela polícia quanto pelos(as) “supostos(as) agressores(as)” como mais indefesos(as).

A polícia aparece, ao mesmo tempo, como fonte de possível segurança e também de reclamação, de desrespeito aos direitos humanos, de uso e abuso do poder e, inclusive, de corrupção ao deixar-se envolver com o tráfico. Se olharmos de maneira desavisada essas duas interpretações sobre a ação policial demandada pelos(as) jovens, poderíamos ser levados(as) a pensar que há, aqui, uma contradição, mas na realidade não é isso que os(as) jovens estão nos mostrando.

A demanda por segurança dos(as) jovens moradores(as) da periferia, também presente nas preocupações expressas na primeira atividade da manhã e comentadas anteriormente, é semelhante àquela reivindicada pelo mundo adulto urbano e de classe média diante da banalização da violência que assola os nossos dias. O sentimento de insegurança, hoje, no Brasil, é um fato real. No entanto, sabemos que, para os setores populares, não é só um “sentimento”: é uma realidade. Não podemos desconsiderar que os setores populares são vistos, hoje, no imaginário social, como os mais propensos à violência. Há, então, a invenção da violência que assombra sociedade e também a escola ao lidar com esses sujeitos sociais. Tudo isso está intrinsecamente ligado a questões de preconceito (de todas as formas), ausência de políticas públicas e desigualdade social.

Sabemos que a soma da desigualdade social, racial e miséria tende a caracterizar os(as) jovens pobres, negros(as), pertencentes à periferia, como os(as) mais violentos(as), a ponto de serem estes(as) as principais vítimas da violência policial. Estes(as) jovens sofrem um terrível dilema: vivem no cruzamento da violência social e policial. Nesse contexto, como qualquer cidadão(ã), pleiteiam a liberdade de ir e vir com segurança e demandam da polícia o cumprimento ético do seu ofício.

A escola aparece novamente como uma demanda dentro do tema da cultura/lazer. Ela reaparece como um dos únicos equipamentos e espaços públicos que as comunidades pobres possuem. Nesse sentido, a demanda pela sua abertura nos finais de semana (GD4) ou a construção de centros culturais no espaço da escola (GDs 3 e 4) se torna justificável.

Os(as) jovens, ao apresentarem como demanda o apoio do governo e dos(as) empresários(as) na construção de mais iniciativas culturais (GD1), demonstram cobrar da iniciativa privada o retorno social dos seus lucros. Não podemos afirmar que essa reflexão seja feita de forma elaborada pelos(as) mesmos(as), mas não há como negar que eles(as) sinalizam que não é só o governo o único responsável pelo atendimento às demandas sociais.

Quanto aos eventos culturais, os GDs 1 e 3 apresentaram algo novo. Não somente a ampliação dos eventos, mas, sobretudo, a divulgação dos mesmos. Durante a plenária desses dois GDs, o argumento central para essa demanda que se tornou uma grande semelhança foi o reconhecimento de que existem eventos culturais públicos e gratuitos na cidade, mas essa informação não chega para todos(as) os(as) jovens. Ela fica restrita aos(as) jovens das regiões centrais e das camadas médias da população. Em todos os cinco GDs, constatamos que a maioria dos(as) jovens não tinham conhecimento das programações do próprio Centro Cultural da UFMG, local onde se realizaram os encontros. Este abriga uma série de iniciativas públicas e gratuitas, voltadas para o público jovem, assim como projetos, tele-salas etc. Sendo assim, passamos a divulgar essa programação no final de cada GD.

A semelhança que aponta para a “maior valorização das culturas no Brasil”, proposta pelo GD1, é muito ampla, mas eles(as) podem estar apontando para um sentimento de hierarquização das culturas presentes no Brasil, sobretudo aquela produzida pelas massas populares e mais ainda, as culturas populares produzidas pelos setores juvenis.

### **3.3 – Os caminhos participativos**

Na parte da tarde, os(as) jovens fizeram um novo trabalho em Grupo, agora discutindo a seguinte questão: “Pensando no que vocês listaram pela manhã que deve melhorar na educação, trabalho e cultura no Brasil, como vocês estão dispostos(as) a participar para que essas melhorias se tornem realidade?”. Em seguida, vamos descrever uma síntese do trabalho de cada subgrupo, em cada um dos cinco Grupos de Diálogo, pontuando a escolha do Caminho Participativo de cada um deles. Faremos uma síntese da discussão que se seguiu na plenária, na qual os(as) jovens definiram os aspectos semelhantes dos Caminhos Participativos escolhidos, seguido pela problematização das conseqüências das escolhas realizadas. No final, faremos uma síntese analítica dos Caminhos Participativos escolhidos pelos(as) jovens nos GDs.

GD1 – Jovens com experiência participativa

#### **3.3.1 – Os Grupos e suas escolhas**

Grupo Amarelo: 4º Caminho: “Eu e meu grupo nos engajamos e temos uma bandeira de luta”

O Diálogo no subgrupo foi intenso. Matheus disse preferir o Caminho 1, pois “grupo de jovens na política pode fazer toda a diferença”. Já a jovem Fernanda aponta o Caminho 2, indicando a importância da participação coletiva. Lidiane já propõe um quarto Caminho, indicando a junção

dos três. Josimar aponta a união dos Caminhos 1 e 3, Giovanni sugere o Caminho 2, pois aponta para uma movimentação popular. Alessandra concorda com Lidiane pela opção de um quarto Caminho que siga a orientação de Giovanni.

A proposta do quarto Caminho foi a vencedora durante o Diálogo e a conclusão do Grupo foi “Eu e meu grupo nos engajamos e temos uma bandeira de luta”, porém, apontando para o voluntariado, e não para a política.

O argumento para essa escolha é de que o(a) jovem precisa ter conhecimento para escolher e seguir qualquer um dos três Caminhos. Deverá, primeiramente, “se engajar, vestir a bandeira”, buscando o conhecimento sobre a política para que possa entrar no segundo Caminho sendo voluntário e fazer a diferença, lutar por um Brasil melhor. Assim, ao começar pelo seu próprio engajamento, ele(a) poderá entrar no Caminho 3, formar um grupo com uma base de informações e ter forças para lutar pelos seus objetivos. Caso contrário, poderá perder os seus objetivos e criar atritos entre o que pretende e deseja, participando de todos os Caminhos ao mesmo tempo.

O Grupo parece perceber os Caminhos Participativos como uma seqüência evolutiva, como uma etapa linear, do menor para o maior. Essa interpretação parece estar colada em uma leitura pouco esclarecida sobre a vida política, a participação juvenil e o voluntariado. Por mais informações que lhes fossem dadas pelos(as) facilitadores(as) e bolsistas, essa idéia cristalizada não pôde ser superada no GD.

#### Grupo Azul – 4º Caminho: Voluntariado em grupo

O Grupo argumentou que a escolha da ação voluntária junto com uma participação em grupo se deu devido ao fato de que esse tipo de articulação poderá facilitar as ações a serem realizadas pelos(as) integrantes, a fim de alcançarem um resultado final. Em grupo, é possível discutir idéias, formar uma única opinião e colocá-la em prática. O Grupo explicou a sua posição contrária à realização do voluntariado de maneira individual, pois julga que se este for realizado somente por uma pessoa, esta ficará sobrecarregada. Além disso, o fato de atuar em grupo permite que não haja um isolamento das pessoas. Discutiu-se ainda que em grupo é mais fácil praticar ações comunitárias.

A rejeição ao Caminho 1 se deu devido à descrença nos(as) políticos(as) que, segundo eles(as), apresentam atitudes incorretas. No entanto, destacaram que é importante que sejam escolhidas lideranças que representem e levem o trabalho adiante. Nesse sentido, a rejeição ao Caminho 1 vincula-se como mais um elemento além da descrença: o entendimento de que a participação política se dá somente via partidos políticos ou setores do governo, ou seja, uma visão restrita e talvez tradicional de entender a política.

#### Grupo Laranja – 4º Caminho: A junção dos três Caminhos

O trabalho no Grupo demorou a ganhar um ritmo. Um dos jovens, Marcos, iniciou o Diálogo posicionando-se pelo Caminho 1 pois, segundo ele, “não tem como o jovem ter voz se não estiver lá dentro da política. Se a gente não tiver um pouquinho de poder”. Inicialmente o Grupo

se posicionou contra a posição de Marcos. Geisiele disse da sua experiência na escola, com um grupo de amigas que, segundo ela, aprontaram uma “revolução” na escola, ao fazerem um jornalzinho de notícias. O exemplo da jovem foi bastante pertinente para mostrar que era possível participar da vida escolar e sua dinâmica por uma via alternativa, de um grupo. No entanto, de maneira, contraditória, ela conclui que o melhor Caminho seria a junção do 2 e do 3. No decorrer do Diálogo, que se tornou bastante dinâmico, os(as) jovens refletiram principalmente sobre o Caminho 2, do voluntariado. É possível dizer que todos(as), com exceção de Marcos, se centraram no Caminho 2 como a melhor a alternativa. No entanto, o jovem protestava: “Isso não vai mudar o país!”. Uma das jovens mais argumentativas, Lílian, respondeu: “Se todo mundo não mudar, como não vai mudar o país?”.

O Diálogo se tornou intenso e os(as) jovens deram vários exemplos sobre a importância de agir para ajudar as pessoas que passam fome e que estão tão perto da realidade de cada um(a). Argumentaram sobre a chance que cada indivíduo tem de fazer um pouco por melhorias sociais. Marcos, mais uma vez, se posiciona dizendo que era possível, sim, ir pelo Caminho do voluntariado, porém, em algum momento, será preciso usar dos artifícios da política para que mudanças se efetivem concretamente. Porém, novamente o restante do Grupo argumenta que o Caminho da política é de difícil alcance e, portanto, decidem pelo Caminho 2.

A escolha do Grupo, na opinião da bolsista, parece ser movida pelo impulso. Para evitar isso, o(a) facilitador(a) é chamado para esclarecer e, após esse momento, os(as) jovens decidem não se concentrar em um único Caminho, mas preferem “pegar as melhores coisas de cada Caminho”.

A junção dos Caminhos parece ser a mais “lógica” e é idealizada como a síntese perfeita, e não é posto em dúvida a pertinência ou chance de agir orientados(as) pelos diferentes Caminhos.

A escolha pela soma dos Caminhos é feita, mas sem se levar em conta os(as) próprios(as) jovens como sujeitos que agirão orientados na busca de suas expectativas. Há, aqui, a presença de um(a) “jovem abstrato(a)” que deverá realizar o Caminho idealizado. Nesse contexto, Marcos, o jovem que se posicionou pelo Caminho 1, tem sua opinião vencida no Diálogo. Para a apresentação, o Grupo criou uma letra de rap:

“Eu, voluntário, gosto de ajudar.

Todos unidos para o mundo melhorar

Não dependo do governo pra poder me apresentar

Vêm rádio e TV pra então nos divulgar

Jovens voluntários, estamos na ativa

Somando com o povo, então se liga

Ajudar é o nosso lema

Incentivar é o que queremos

Manifestar amor do mundo

E traz pra nós o que aprendemos

Fazendo diferença na cultura e na política  
Conscientizando a população da importância além do voto  
Somos jovens, unidos assim, somos fortes  
Fazendo a diferença e saindo a lutar  
Somando com os irmãos e a lutar e ganhar  
Pra tirar do poder quem quer nos derrubar”

#### Grupo Vermelho – 1o Caminho

O Grupo discutiu, inicialmente, cada um dos Caminhos resumidos no Roteiro de Diálogo e nos cartazes. A discussão sobre o Caminho 1 foi pequena. Ele foi interpretado pelo Grupo como o da participação que vai além do voto, ou seja, diz respeito à organização. Quanto ao Caminho 2, o Grupo ouviu muito a opinião de um dos jovens, Willian, que disse que “esse Caminho é tampar o sol com a peneira”. Nesse sentido, o Grupo concluiu que é preciso ter mais esclarecimento sobre o voluntariado. Nesse momento, uma das jovens citou as campanhas feitas para acabar com a fome no norte de Minas e ponderou que essas campanhas acontecem por um período, porém, as pessoas dessa região precisam de alimento o ano todo, e não por um período apenas. Segundo o Grupo, para ser voluntário(a) precisa ser instruído(a), ou seja, passar o conhecimento que se sabe para outros(as) através de atividades como oficinas de música e culinária.

O Grupo achou que o Caminho 3 era muito fechado. Um jovem disse que “esse Caminho é como um time de vôlei e futebol, ou seja, muito fechado”. Nesse sentido, os(as) jovens opinaram que os Caminhos 2 e 3, se escolhidos, limitariam a sua atuação. Segundo eles(as), “o trabalho voluntário é um trabalho em vão, ou seja, limita a atuação do governo”. Vemos aqui a influência dos pontos “contra” apresentados no Caderno de Diálogo e no CD durante a manhã. O Grupo criticou o trabalho voluntário, pois segundo ele, “esse Caminho não conta com o apoio do governo”. Nesse sentido, argumentaram que era importante a participação do governo contida no Caminho 1.

Depois da leitura do conteúdo de cada Caminho no Caderno de Diálogo, os(as) jovens já não se mostraram tão convictos(as). Apresentaram dificuldade em escolher um Caminho e, nesse momento, a monitora fez esclarecimentos. Os(as) jovens dialogaram novamente sobre os Caminhos e fizeram a escolha pelo Caminho 1, ponderando seus pontos contrários. Essa escolha foi marcada por muita dificuldade. Um jovem disse que “é preciso criar mecanismos para que as verbas não se desviem desse caminho”. Outra jovem disse que esse Caminho “tem uma ideologia de mudança”. O Grupo percebeu que nesse Caminho é possível participar através de mecanismos como grêmios e sindicatos. Durante a discussão, aconteceram muitos relatos paralelos de alguns(mas) jovens.

### 3.3.2 – As definições da plenária

Após a apresentação dos subgrupos, iniciou-se a discussão em torno das possíveis semelhanças dentre os diversos Caminhos escolhidos. A tendência majoritária foi em relação ao trabalho voluntário, mas realizado através da participação em grupos juvenis. A síntese definida pela plenária acerca das semelhanças dos caminhos foi resumida da seguinte forma:

- Engajar em grupos juvenis para ação social;
- contribuir individualmente;
- trabalho voluntário em grupo;
- engajar em grupos de teatro/cultura/música;
- ser voluntário(a) e engajar na política.

Segundo uma jovem, “todos os grupos buscaram a união dos jovens” numa perspectiva que vincula a ajuda mútua e a satisfação pessoal: “Eu participaria em algum grupo que procurasse ajudar alguém ou pessoas. Eu procuraria um grupo, como se fala, que me satisfizesse. Em relação a mim, com os outros”.

A partir desta ênfase, uma primeira intervenção da coordenação procurou questionar se o trabalho voluntário não representaria um abandono da participação nos canais que mais diretamente interferem nas decisões, deixando o poder nas mãos dos(as) adultos(as). Além disso, ponderou se as pessoas estariam dispostas a assumir o ônus do trabalho voluntário em termos de comprometimento do tempo dedicado às suas necessidades pessoais.

Diante dessas ponderações, alguns(mas) jovens reforçaram o apelo à ação em grupo, o que minimizaria o esforço. No entanto, uma das jovens ponderou a necessidade do apoio governamental também: “Eu não me engajaria em grupos de voluntários, eu vejo dessa forma, a pessoa fica sobrecarregada. Ela tem os outros compromissos. (...) Eu já participo de dança. É mais fácil de organizar, entendeu? A pessoa tem a quem pedir ajuda. E outra coisa, do governo... Infelizmente a gente precisa do governo pra dar uma cobertura, ajuda, política. Porque tem hora que eles ajudam as associações, dando curso. Então, assim, a gente precisa das autoridades acima da gente”.

Outra jovem se manifesta, ressaltando que o trabalho voluntário é “mais próximo da nossa realidade”, pois a política seria algo distante (“é mais difícil atingir eles”). A esfera da participação política aqui está restrita à relação com os(as) políticos(as), para os(as) quais é difícil apresentar suas demandas. Quanto ao envolvimento em grupo, essa jovem manifesta certa descrença na capacidade de ação: “nem sempre realmente traz uma mudança”. Assim, o trabalho voluntário apresenta-se para ela como algo concreto, no qual pode efetivamente sentir os resultados imediatos. Outra jovem reforça esse ponto de vista, manifestando que não se pode esperar a ação do governo: “não adianta só deixar na mão do governo. Se a gente não levantar, não ir atrás do que a gente quer, não vai adiantar. (...) Todo mundo depende de alguém, mas se a gente não fizer alguma coisa, o governo também não vai fazer não...”

Novas ponderações foram feitas, questionando se o trabalho voluntário não representaria reforçar a falta de interferência dos(as) jovens nas decisões sobre as políticas públicas. Outra questão apontada aos(às) jovens dizia respeito à tendência observada no Grupo a reduzir a participação política aos partidos políticos e à relação com os poderes legislativo e executivo.

Diante dessas ponderações, um dos jovens retoma a idéia de que a importância do trabalho voluntário está no maior controle em relação ao uso do tempo pessoal, pois o engajamento individual em trabalhos voluntários permite que você se dedique de acordo com a sua disponibilidade. Segundo esse jovem, para quem não tem grande disponibilidade de tempo essa seria a forma mais adequada de participação.

Outros(as) jovens, porém, retomam a dimensão grupal da ação voluntária, chamando a atenção para o seu caráter formativo e a possibilidade de contar com diferentes contribuições que cada um(a) pode oferecer de acordo com seu “dom”: “Então você tem que fazer com muito carinho, dedicação... E o trabalho em grupo também, você vai estar em grupo adquirindo conhecimento. Mas você vai estar trabalhando com a participação, com o outro dom que a pessoa tem. Não só o seu”. Essa jovem participava de uma igreja. Esse aspecto é reforçado por outro jovem: “Eu acho legal. Voluntário. Isso vai contagiar quem está à sua volta e de alguma forma gerado ali para poder atingir os maiores”. Outro jovem ainda reforça esse ponto de vista, dizendo que é “um pouco mais amplo”, não tão individualizado. Novas ponderações são apresentadas quanto ao caráter localizado dos trabalhos voluntários e dos agrupamentos juvenis, além da tendência a substituir o governo naquilo que seriam suas atribuições.

Diante disso, um dos jovens insiste na combinação dos Caminhos, contando com o apoio de mais uma jovem. No entanto, esse ponto de vista não contou com novas adesões.

De uma maneira geral, os(as) jovens tenderam a manifestar sua preferência pelo trabalho voluntário. Alguns(mas) reforçaram a ação individual. Para esses(as) jovens, a praticidade – adequação do tempo, maior controle e satisfação individual – era o principal aspecto positivo do voluntariado. No entanto, uma boa parcela dos(as) jovens, principalmente aqueles(as) com atuação prévia em igrejas e grupos culturais, tendeu a reforçar a perspectiva grupal do trabalho com base na sua dimensão formativa e na possibilidade de potencializar as ações pela contribuição que cada um(a) pode oferecer. Alguns(mas) jovens também defenderam a idéia de conciliação dos três Caminhos, uma tendência mais presente durante a apresentação dos trabalhos dos subgrupos, mas que, aos poucos, se enfraqueceu durante o debate.

A possibilidade de engajar-se diretamente em instituições para os(as) jovens era percebida como algo distante. Em geral, esse Caminho era identificado com o governo e os(as) políticos(as) em geral. Manifestava-se numa visão subordinada aos(às) políticos(as), vistos(as) sempre a partir de uma relação paternalista. Assim, uma hipótese é que a preferência pelo voluntariado esteja ligada a uma recusa por se subordinar a tal relação, distante e



desproporcional em termos de relação de poder. O trabalho voluntário ofereceria uma maior possibilidade de controle pessoal, um sentimento de realização e uma maior eficácia das ações.

GD2 – Jovens de 15 a 18 anos

Os Grupos e suas escolhas

Grupo Amarelo – 2º Caminho: “Eu sou voluntário e faço a diferença”

O Grupo apresentou muita dificuldade para escolher os caminhos participativos. A jovem Daiane disse que não entendeu os Caminhos. A bolsista percebeu que havia muitas dúvidas na atividade. Rosilene disse, olhando para a bolsista: “A lógica seria o Caminho 3, né?”. Parecia que a jovem tinha a impressão de que existia um Caminho correto a ser seguido. Tal comportamento pode estar alicerçado em uma lógica escolar, como se eles fizessem um exercício para ser corrigido e aprovado pelos(as) professores(as). O fato de ser o GD dos(as) jovens com a menor faixa etária pode ter sido um dos fatores de tal comportamento.

A bolsista retomou a relação entre manhã e tarde, os Cadernos foram lidos novamente e mais esclarecimentos foram feitos ao Grupo. Foi possível perceber a grande dificuldade de leitura de alguns(mas) jovens, o que dificultou ainda mais o entendimento dos Caminhos. A facilitadora foi chamada para ajudar e deu um exemplo concreto de cada Caminho. Parece ter havido um entendimento dos Caminhos Participativos através do exemplo.

O Caminho 2 foi o indicado, pois, segundo um dos(as) jovens, “O 2 é o melhor, porque eu vou gastar menos tempo, eu vou à hora que eu quiser. Agora, se eu escolhesse o 1, exigiria muito tempo”. Os(as) outros(as) jovens pareceram se convencer de que o Caminho do voluntariado era mesmo o “melhor”. Uma jovem afirmou “eu acho que já sou voluntária”. Junia e Rosilene disseram que era mais fácil explicar na plenária o Caminho 2. Houve a sugestão de um quarto Caminho, mas não teve ressonância dentro do Grupo, que se mostrou bastante agitado e parecia querer terminar logo “a tarefa”.

A atividade da tarde foi bastante confusa. Havia muita conversa, brincadeira e risadas no Grupo. Os(as) jovens, que pela manhã foram mais participativos(as), estavam bem calados(as) à tarde. Não houve um momento de reflexão mais precisa sobre as vantagens de cada Caminho e muito pouco se buscou de identidade individual com os Caminhos.

Grupo Azul – 4º Caminho: junção do 1º e 3º

O início do trabalho foi difícil, pois o Grupo estava desanimado e com o sono, devido ao almoço. Após leitura dos Caminhos, a jovem Michele perguntou para Grupo qual o Caminho que mais gostaram. Todos(as) escolheram o Caminho 3. Como a bolsista percebeu que a escolha não havia sido feita através de uma reflexão, retomou as semelhanças encontradas no período da manhã e perguntou para o Grupo qual dos três Caminhos poderia ajudar a concretizar as semelhanças da manhã. Depois dessa intervenção, o Grupo chegou a conclusão que o Caminho 1 seria o melhor para concretização das semelhanças. No entanto, o Grupo ainda estava preso ao Caminho 3.

Após esclarecimentos da bolsista sobre a possibilidade de criação de um quarto Caminho, o Grupo caminhou para essa decisão e assim o fez, elegendo um novo Caminho, com a junção do 1 e do 3, mais precisamente. A jovem Lucimar disse que “os jovens devem cobrar mais dos governantes, ou seja, não jogar a culpa só no sistema”. Roselaine disse que tem medo da repressão do governo. Depois de anotar os pontos discutidos no cartaz, Lucimar perguntou ao Grupo se eles(as) concordavam com esses. O Grupo concordou.

#### Grupo Laranja – 4º Caminho: o Caminho da cidadania

Nesse Grupo, a intervenção do bolsista se fez necessária várias vezes, em decorrência da estagnação a que chegavam os(as) jovens em certos momentos. O Grupo iniciou o trabalho com muito sono, logo após o almoço. Após a explicação rápida do bolsista sobre a atividade e sobre os Caminhos, a discussão levou o Grupo a propor um 4º Caminho, que seria uma junção dos três. O diálogo se deu em torno desse ponto. Os(as) jovens dialogaram sobre o quê de cada Caminho apareceria nessa opção do Grupo.

A posição final do Grupo é, resumidamente, um quarto Caminho, que se revelaria assim: um grupo de jovens, unidos(as) por ideais em comum, em prol da comunidade, que dialogaria com instâncias políticas, mas também faria trabalhos voluntários quando necessário e quando possível.

Em muitos momentos, o silêncio tomava conta da sala e o(a) bolsista novamente instigava o Grupo com perguntas. As mulheres falavam mais; os homens ficavam quietos e, muitas vezes, demonstravam falta de interesse.

#### Grupo Vermelho – 4º Caminho: a junção dos três

Os(as) jovens juntaram os três Caminhos, os quais ficaram assim resumidos: você sendo voluntário, pode participar da política e ter seu próprio grupo!

Para tal, o Grupo colocou como orientações principais: a) procurar saber o que o governo está fazendo. Assim, poderão cobrar, ter o controle, acompanhar e ampliar os direitos do(a) cidadão(ã); b) atuar na forma do voluntariado, pois este capacita as pessoas e ajuda o próximo. Argumentaram que nem sempre as ações do voluntariado são focalizadas, como diz o Roteiro de Diálogo na seção dos “contras” que acompanham esse Caminho. Eles(as) citaram como exemplos: realizar atividades de teatro, dança e bandas, compondo letras e assim falar da realidade do(a) jovem.

Apesar de a participação política estar presente nesse Caminho, ela se diluiu na ação do voluntariado em grupo. A visão de “ajudar o próximo” aparece como uma ação política e não como uma ação individual. Além disso, a inserção política é vista de forma reduzida, como se fosse o “governo”. O Grupo discutiu que, como voluntários(as), não seria possível resolver todos os problemas, mas já seria um começo o que já faria a diferença porque se todo mundo fizesse um pouco, já teríamos um Brasil melhor.

## GD2 – As definições da plenária

- O caminho-síntese do segundo GD teve como marca principal a ação voluntária, com ênfase em dois argumentos: possibilita “ajudar a comunidade” e “sobraria tempo para outras atividades”. Assim, a plenária da tarde sintetizou suas semelhanças:
  
- Voluntário (Caminho 2)
  1. Ajudar a comunidade
  2. Sobraria tempo para outras atividades

Embora esses aspectos estivessem presentes nos quatro Grupos formados, eles se apresentavam de diferentes formas. Apenas um Grupo expressou abertamente sua escolha pelo voluntariado. Embora reconhecendo os seus limites (“como voluntário, eu não resolveria todos os problemas”), esse Grupo manifestou ter optado por esse Caminho devido à possibilidade de conciliar tempo para si (“estudamos e fazemos cursos”) com o tempo dedicado aos(às) outros(as). Os outros três Grupos optaram pela combinação entre os três Caminhos, um enfatizando a participação política e os outros dois centrando-se no serviço voluntário através da organização em agrupamentos juvenis.

De uma maneira geral, prevaleceu a opção pela ação voluntária devida a sua maior flexibilidade para adequar-se ao tempo dos(as) jovens. Segundo uma das jovens: “Todos os Grupos escolheram o mesmo Caminho do voluntariado, pois esse caminho é capaz de realizar atividades, mas sem deixar de fazer suas obrigações, como abrir mão dos seus estudos ou separar do trabalho. A minha conclusão assim foi que todos, através do voluntariado, estão querendo melhorar a comunidade”.

Um debate inicial da plenária ressaltou também que, embora o voluntariado apresente-se como um eixo comum dos subgrupos, há diferentes formas de concebê-lo, seja ressaltando a ação individual, seja o trabalho em grupos ou a sua vinculação com a participação em instituições políticas.

Uma primeira ponderação feita à plenária quanto ao trabalho voluntário referiu-se à substituição do Estado, diminuindo as pressões pela ampliação da política social. Outro aspecto apontado pelo Grupo foi a possibilidade do voluntariado se resumir a uma ação assistencialista, realizada de forma precária e amadora, sem competência técnica.

Diante de tais ponderações, uma das jovens reafirmou sua adesão ao trabalho voluntário, indicando, no entanto, certas condições para isso. Ela diz que para ser voluntário “você tem que conhecer seus limites”, fazendo “o que você sabe”. Outra questão apontada por essa jovem refere-se a não assumir tarefas que são responsabilidades do governo.

Outros(as) jovens passaram a polarizar a atuação direta em instituições políticas com a adesão a um grupo juvenil. Segundo um jovem, o Caminho 1 é a maneira mais eficiente e direta de “melhorar a sociedade”, pois a partir da política “você começa a desenvolver os projetos”. No entanto, esse mesmo jovem manifestou que prefere atuar em grupos juvenis – “montar grupos de música, de teatro, de artes”. Esses(as) jovens podem estar dizendo que o Caminho mais interessante é o do envolvimento em agrupamentos juvenis, mas, para atingir os objetivos propostos na parte da manhã, a forma mais eficiente seria atuar diretamente nas instituições políticas. Como disse uma jovem: “Ah, eu acho que eu escolheria o primeiro Caminho, que é o da política. Que eu acho que para conseguir várias coisas é..., seria através da política. Mais o que eu mais gostei (...), que eu acho que mais combinaria seria o três”.

Um dos jovens retoma o tema do voluntariado alegando que “envolver em política gastaria muito tempo”, restando pouco tempo para atividades pessoais, como estudar. A atração pelo trabalho voluntário estaria, portanto, na possibilidade de desenvolver alguma ação social que não comprometesse muito o seu tempo.

Por outro lado, um dos jovens passa a defender o Caminho 1 como sendo aquele naturalmente apropriado para resolver os problemas das comunidades: “Porque pra você conseguir dinheiro pra, por exemplo, igual ela falou em fazer o muro (da escola). Não vai ser os voluntários que vão juntar dinheiro pra construir aquele muro. Vai ser o governo que vai precisar liberar a verba. Então... a comunidade tem que abrir um diálogo com o governo”. Esse jovem consegue a adesão de mais alguns(mas).

Por fim, o voluntariado retorna na voz de uma nova jovem, que polemiza com os defensores do Caminho 1: “A gente não pode ficar dependendo só dos políticos, porque eles decidem tudo. A gente não vai tão longe assim, não. Eu consigo obter todos os meus objetivos. Todos o que eu quero eu consigo”. Essa jovem já possui uma experiência prévia em trabalhos voluntários, o que ela considera uma forma eficaz de ajuda mútua. A esse depoimento contrapõe-se uma jovem que lembra que o voluntariado é uma opção que resolve problemas localizados: “ele não beneficia todo mundo”.

Assim, os(as) jovens ficavam divididos(as) entre os três Caminhos, que às vezes se mesclavam. O voluntariado era, muitas vezes, compreendido como uma ação em grupo (“as pessoas se reunindo e ajudando o próximo”). A atuação política, por sua vez, era compreendida como o resultado natural da organização e mobilização dos(as) voluntários(as) que se juntavam para mobilizarem suas comunidades para resolver algum problema específico (“o grupo precisa do voluntariado e o voluntariado precisa dos políticos”). Tal atuação não dizia respeito a engajar-se em uma instituição política – ONGs, partidos, sindicatos, associações de bairro –, mas em reivindicar diretamente a vereadores(as) e prefeitos(as) uma solução para questões pontuais, através de abaixo-assinados e reuniões. A compreensão acerca da política parecia se restringir à atuação partidária. Por mais que os(as) mediadores(as) do

Diálogo se esforçassem para problematizar essa questão, os(as) jovens tendiam a ver a atuação política como o engajamento em partidos ou como uma relação direta entre lideranças comunitárias e governantes.

De uma maneira geral, o Grupo parece ter manifestado diferentes visões das escolhas feitas, mas com uma tendência em valorizar o voluntariado como Caminho mais possível. Ao mesmo tempo, estava presente a visão da participação política restrita à esfera do Estado e dos partidos, e uma tensão entre esse Caminho, considerado como um Caminho “natural”, mais correto, tendo em vista que era “mais eficaz” e as outras possibilidades apresentadas. No entanto, tal constatação não dizia respeito a uma disposição pessoal a se envolver com organizações políticas, havendo, nos discursos, uma tendência a ver a política como algo a ser feito pelos(as) outros(as). Por outro lado, a atuação como voluntário(a) ou em agrupamentos juvenis estava identificada como algo que propiciava prazer aos(às) jovens. E, talvez, o mais convincente: uma avaliação de que o Caminho do voluntariado permitia um maior controle sobre o tempo despendido e os resultados da ação.

#### GD3 – Jovens de 18 a 24 anos

##### Os grupos e suas escolhas

##### Grupo Vermelho – 4º Caminho: a junção dos três

O trabalho iniciou-se com uma explanação do(a) monitor(a) sobre os Caminhos e sobre a atividade a ser desenvolvida. Mesmo assim, os(as) jovens desse Grupo apresentaram muita dificuldade de iniciar o Diálogo. Uma das jovens, Lourdes, apresentou a proposta de misturar os três Caminhos, pegando o melhor de cada um, e um rapaz, Cecílio, propôs criar uma Secretaria só de jovens.

O Grupo complementou essa idéia dizendo que deveria haver a mistura dos três Caminhos, com a participação dos(as) jovens. Houve dificuldade de entendimento sobre a proposta da discussão. Os(as) jovens pareciam não falar a partir deles(as) e para eles(as), mas para uma outra pessoa, como se os Caminhos fossem algo longe de sua realidade. Chegaram à conclusão que deveriam propor uma forma de organização, criada por eles(as) mesmos(as), e que essa proposta misturaria os três Caminhos. Para tal, ela teria que ter uma representatividade eleita pela comunidade, contendo a participação de líderes comunitários, presidentes de associações, representantes de igrejas e grêmios estudantis. A divulgação seria através dos meios de comunicação alternativos, que poderia se tornar posteriormente uma ferramenta de mobilização comunitária. Discutiram que essa organização deveria fazer um levantamento dos problemas da comunidade, por meio de pesquisas, feitas pelos(as) jovens voluntários(as).

O Diálogo se intensificou e as propostas se tornaram bastante amplas, como “fazer campanha de popularização da cultura”. Em seguida, parece ter havido certa exaustão no

Grupo, com os(as) participantes tendendo ao silêncio. A intervenção do(a) monitor(a) se fez necessária várias vezes como incitação ao Diálogo.

Após dialogarem sobre as propostas dessa organização, decidiram que ela seria uma ONG, pelo tipo de trabalho que desenvolveria. Com a intervenção do monitor, descobriram que a ONG estava classificada no Caminho 1, e então decidiram por um quarto Caminho, o qual se configurou da seguinte maneira: o Caminho 1 com “participação” dos Caminhos 2 e 3.

#### Grupo Laranja – 4º Caminho: união dos Caminhos Participativos

O sono do almoço se refletiu no ânimo desse Grupo. Os(as) jovens começaram os “contras” de cada Caminho. A maioria se aproximou do Caminho 2 – o voluntariado –, argumentando que não tinham tempo para se dedicar aos outros dois Caminhos. Mas, dois jovens, Fabrícia e Adriano, retomaram os pontos positivos do Caminho 3 – “Eu e meu grupo” –, na tentativa de convencer o Grupo de que este poderia ser o melhor Caminho. Um dos jovens, Leandro, desenvolveu argumentos favoráveis ao Caminho 1, argumentando que deveriam dar um voto de confiança à ação dos partidos políticos, associações e agremiações.

O Grupo então, através das idéias de Leandro e das colocações de Adriano, decidiu criar um quarto Caminho, usando o que consideravam o melhor de cada um dos três propostos pelo GD. A proposta foi a seguinte: atuar no Caminho 1 com objetividade, usando o movimento de idéias criadas no Caminho 2 e tendo como forma de expansão dessas idéias o Caminho 3. Isso, segundo eles(as), tornaria mais fácil a cobrança de atuação do Caminho 1, também. Segundo eles(as), por meio do Caminho (participação política), será possível a conscientização de um número maior de pessoas, compartilhando as tarefas. Com a ação voluntária, do Caminho 2, visto aqui como possibilidade de “doação” do tempo e daquilo que é produzido pelo(a) jovem e que pode ajudar outras pessoas, eles(as) acreditam realizar ações que podem levar ao reconhecimento e auto-realização, atingindo outros espaços. E com o trabalho em grupo, atuando coletivamente, presente no Caminho 3, eles(as) acreditam que o trabalho deixará de ser localizado e individual, e abrangerá um número maior de colaboradores(as).

#### Grupo Azul – 4º Caminho: junção do 1 e 2

O trabalho iniciou com a leitura dos Caminhos no Caderno. O Diálogo começou com a jovem Débora dizendo que, para melhorar a estrutura na educação, era melhor ir pelo Caminho 1: “Eu acho que para conseguir fazer isso é só com estrutura”. Porém, Wanderson argumentou que a maioria dos(as) jovens daquele subgrupo trabalhava e, sendo assim, o Caminho 1 era um tanto complicado para a realidade deles(as). Disse ainda que o Caminho 3 exigia tempo e concluiu “o 2 é o melhor para quem tem pouco tempo”. A jovem Débora salientou o caráter organizativo presente no Caminho 1 e Wanderson concordou com ela, completando que, de fato, esse era o que tinha maior influência, mas achava perigoso a possibilidade de manipulação política.

O Diálogo ficou intenso e o Caminho 1 voltou a ser questionado, sendo visto como o que mais se aproximava da elite e não mudava nada. Apesar disso, houve certo

reconhecimento de que era preciso acompanhar de perto os acontecimentos políticos. Os(as) políticos(as) se tornaram o foco do Diálogo, desde o reconhecimento da sua má reputação até a existência de uma passividade da população em acompanhar a ação destes(as), como, por exemplo, a prestação de contas da Câmara Municipal.

Houve uma boa discussão sobre os Caminhos 1 e 2, discussão que envolveu elementos como tempo, eficácia, facilidades em cada Caminho, burocracia, legitimidade. No final, um dos jovens, André, concluiu: “o que atinge as propostas mesmo é o 1”. A maioria concordou. A conversa do Grupo ficou bastante centrada nos Caminhos 1 e 2.

Um dos jovens, Marcelo, retomou o Diálogo, lembrando que a única forma de alcançar as propostas da manhã seria o Caminho 1. Ele exemplificou dizendo: “Como conseguir cotas? Só pelo Caminho 1 mesmo”. No entanto, foi alertado por outros(as) jovens de que o risco da política era o pior: “Se o cara tá na política, ele vê ele primeiro”.

No final da discussão, eles(as) optaram por elaborar um quarto Caminho, contendo mais aspectos dos Caminhos 1 e 2. O Grupo destacou que era importante lutar por uma causa nobre e, ao mesmo tempo, não perder a dimensão social presente no trabalho voluntário para “conscientizar as pessoas quanto a importância de cada um estar ciente da sua participação na sociedade”. Acreditam que é importante participar da democracia para introduzir as idéias no meio político. Apesar de enfatizarem a dimensão do engajamento político, esse Grupo também demonstrou uma interpretação um pouco restrita da mesma, entendendo-a como a ação nos partidos políticos ou nos poderes do Estado. As participações comunitárias ou o grêmio estudantil, por exemplo, não foram incluídos como formas de participação política. Talvez esse entendimento tenha contribuído para a rejeição do Caminho 3.

#### Grupo Amarelo – 4º Caminho: a junção dos três

O trabalho no Grupo iniciou com a leitura feita pela bolsista dos cartazes explicativos sobre os Caminhos de Participação. Em seguida, foram retomadas as semelhanças levantadas na plenária da manhã.

Uma das jovens, Poliana, propôs a criação de um novo Caminho. Ela preferiu o Caminho 1, pois segundo ela, “envolve o governo”. Gildo e Adão concordaram com Poliana.

No entanto, Poliana percebeu que o Caminho 1 não atendia a relação entre professores(as), alunos(as) e comunidade, uma das semelhanças levantadas pela manhã concernentes à educação. O Grupo releu as semelhanças, relacionando-as aos Caminhos. Uma jovem fez a seguinte interpretação: “O trabalho necessita do Caminho 1. A cultura e lazer do Caminho 3. A educação necessita do Caminho 1 e Caminho 2”. Ela afirmou que “tem coisas que precisamos do governo e tem outras que precisam do voluntariado”.

O Grupo discutiu em torno dessa elaboração e, ao final, acabou optando pela fusão dos Caminhos, que recebeu o seguinte nome: “Eu e meu grupo fazemos a diferença”. Todos(as) os(as) integrantes do Grupo concordaram. A jovem Patrícia lembrou-se dos contras do Caminho 1. Ela pediu ao Grupo para expressar suas opiniões. Alguns(mas)

integrantes do Grupo falaram de suas experiências nos seus bairros. Segundo os relatos, em alguns bairros as escolas já estão funcionando nos finais de semana. Em relação à cultura e lazer, Fabiano e Débora acharam que o Caminho 3 poderia concretizar as semelhanças apontadas no período da manhã. No entanto, apesar das intervenções da bolsista, a sugestão de Poliana acabou sendo acatada pelo Grupo, ou seja, um quarto Caminho, apontando intervenções específicas em cada área: educação, trabalho, cultura e lazer. O Grupo elaborou a seguinte exposição:

Educação: o Grupo apontou que “Para se chegar à educação que queremos no Brasil, precisamos criar um novo Caminho, pois em relação à educação precisamos tanto do governo como de voluntários, com grupos dispostos a ajudar. Precisamos do governo para investir nas escolas, mudar o conceito de aprovação dos alunos para criar cotas em escolas (faculdades) públicas, Precisamos do voluntário para ajudar na interação de aluno, pais, professores e diretores”.

Nota-se que, para a educação, eles(as) apresentam a fusão dos três Caminhos, porém, com maior ênfase nos Caminhos 1 e 2. A pouca adesão ao Caminho 3 pode ser apontada pelo perfil do Grupo, aliás, um perfil muito presente em todos os GDs: não tivemos muitos(as) jovens com inserção em grupos culturais.

Trabalho: segundo os(as) jovens, para se alcançar as demandas relacionadas ao trabalho, faz-se necessária a opção pelo Caminho 1, pois esse campo envolve leis e, nesse caso, seria necessário um Caminho mais concreto, no qual se poderia ter um contato maior com os(as) governantes.

Cultura e Lazer: para esse campo, o Grupo julgou necessária a adesão aos Caminhos 2 e 3 para conseguirem espaços para realização de eventos teatrais, cinematográficos e esportivos. Segundo eles(as), para que possam realizar os trabalhos voluntários e ação coletiva em grupos culturais, é preciso condições e espaços. No entanto, o Grupo alertou que falta quem organize os eventos e, nesse caso, os grupos e os(as) voluntários(as) entrariam em ação para a divulgação dos eventos. Há, nesse Grupo, uma leitura um pouco diferente do voluntariado, combinando-a com o Caminho da participação cultural dos grupos juvenis.

### GD3 – As definições da plenária

A síntese das semelhanças no terceiro GD ficou assim:

- 1 + 2 + 3
- Voluntário: mobilizar os(as) jovens – Grupo com projeto reivindicar aos(às) “superiores”
- Participação política direta
- Voluntariado: ajudar o(a) próximo(a)
- Mesmo a consciência que o 1º é o mais coerente, não se dispõe



- Mistura dos três Caminhos

Os subgrupos formados para discutir os Caminhos Participativos tenderam a fundir das alternativas propostas, com a predominância da participação direta em instituições políticas (Caminho 1). Os relatos dos subgrupos manifestavam a idéia inicial de que esse Caminho era “o mais coerente” ou “o melhor Caminho para concretizar os objetivos da sociedade”. O trabalho voluntário também foi citado como importante no que diz respeito à sua capacidade de mobilizar as pessoas. De uma maneira geral, os(as) jovens tenderam a manifestar a opinião de que a participação política, embora contenha alguns vícios, pode ser aperfeiçoada se combinada com a ação voluntária e a organização de coletivos juvenis.

Os(as) jovens em geral manifestaram uma visão idealizada dos Caminhos propostos, principalmente quando se referiam ao Caminho 1, sem que isso implicasse na sua adesão pessoal a ele. As ponderações iniciais feitas ao Grupo procuravam incentivar os(as) jovens a se manifestarem sobre qual tipo de ação estariam dispostos(as) a desenvolver.

As primeiras duas jovens a se manifestarem tenderam a escolher o Caminho 1, que, segundo elas, possibilita “uma força maior para conseguir” atingir os seus objetivos. Uma das jovens defendeu a idéia de que, se engajando em um partido político, mesmo correndo o risco de não ser ouvida – “as opiniões devem ser muito ignoradas” –, é possível atuar para se fazer ouvir.

Outra jovem diz que o melhor seria aliar a participação política com o trabalho voluntário: “Um líder do voluntariado chegasse a algum partido político e tentasse um diálogo”. Essa posição é contraposta por outra jovem, que defende a posição de que o melhor Caminho seria a mobilização dos(as) jovens, por meio das escolas, para acumular forças.

A essas falas se contrapôs a posição de um jovem com a proposta de os(as) jovens se preocuparem em ter seus(suas) próprios(as) representantes – “se tornar um superior”, mobilizando-se para eleger pessoas que os(as) representem de fato – “tipo prefeito, governador”.

Os(as) jovens foram chamados a refletir se teriam tempo e disposição para engajarem-se no Caminho 1. Diante dessa ponderação, uma jovem manifesta que, embora reconhecendo a importância de todos os Caminhos, a sua opção seria pelo voluntariado, tendo em vista que é “mais fácil” para o(a) jovem se engajar nesse tipo de ação. Segundo essa jovem, o Caminho 3 exige muito esforço de mobilização e o Caminho 1 necessita de influência política – “apoio superior”.

Um segundo jovem também se identifica com o trabalho voluntário, pois esse Caminho não comprometeria muito o seu tempo: “Vou lá, faço meia horinha assim, bonitinho... Entrego uma cesta ali, outra aqui... (risos)”. Por outro lado, manifesta que o Caminho 1 prepondera sobre os demais em termos da sua capacidade de ação e do seu poder financeiro. Uma outra jovem defende a idéia de juntar os três Caminhos, com ênfase na organização de voluntários(as) em grupos para “pedir ajuda a um político”. Um dos jovens

se contrapõe a essa posição, alegando que isso seria “querer abraçar o mundo”, preferindo optar pelo Caminho 1: “Com um grupo, em conjunto manifestar, cobrar”.

Uma jovem alega que o voluntariado não tem força e que os(as) outros(as) jovens estão optando por esse Caminho por julgá-lo mais fácil, pois exige pouco tempo de dedicação. Assim, a melhor alternativa, na sua opinião, seria a reunião dos três Caminhos. Interpelada se teria condições para atuar assim, a jovem defende a idéia de que isso só poderia se dar através da formação de grupos de voluntários(as). A partir dessa fala, três outras jovens se manifestam favoravelmente ao voluntariado, enfatizando duas questões: a capacidade de atuação mais perto do seu local de moradia, dentro das suas possibilidades financeiras e de tempo, e a possibilidade de organizar grupos para desenvolverem as ações.

Assim, embora o Grupo inicialmente tendesse a reunir os Caminhos, com forte valorização da participação política centrada nos partidos e no governo (Caminho 1), as manifestações individuais conduziram o debate para a valorização do voluntariado pela ação de coletivos juvenis. A alternativa da participação política direta em instituições não parece ser atraente aos(as) jovens, exceto para um deles, que fez referência a esse Caminho, manifestando sua disposição em atuar “com um grupo, em conjunto, manifestar, cobrar”. Houve uma tendência a encarar o trabalho voluntário em grupo como uma alternativa mais próxima às possibilidades de atuação dos(as) jovens, sendo aquela que apresenta resultados mais visíveis para eles(as). É importante destacar a atuação deste Grupo, o que apresentou um envolvimento maior e uma discussão mais consistente dentre todos os GDs.

GD4 – Jovens de 15 a 24 anos

As escolhas dos Grupos

Grupo Azul – 4º Caminho: A ação voluntária em grupo para uma atuação política

O jovem Renato abriu o Diálogo posicionando-se favorável ao Caminho 2. A possibilidade de conciliação do tempo era o que motivava a sua escola: "Eu não tenho tempo, mas posso ajudar como voluntário, se precisar".

Um outro jovem, Fernando, argumentou sobre os limites do voluntariado, apontando como preferido o Caminho 3, ou seja, trabalhar com um grupo e ajudar. Esse jovem disse fazer parte de um grupo de pagode e falava de uma experiência concreta. Luana, que participava de um grupo de capoeira, também concordou com esse Caminho. Outro jovem, Renato, argumentou que para ir ao Caminho 3 era necessário começar sendo voluntário(a). Ele afirmou ser favorável ao Caminho 1, pois “posso ser voluntário, juntar outros num grupo e ir atrás do político que eu elegi e cobrar dele. Reunir com outros grupos em outros bairros e fazer a mesma coisa. Exigir fiscalização”.

A descrença na sinceridade dos(as) políticos(as) ocupou um longo tempo do Diálogo e levou a opção de construção de um novo Caminho, enfatizando o 1 e o 2. O Caminho 3 se perdeu no resultado final da escolha, mesmo com a presença dos(as) dois(duas) jovens que o defendiam inicialmente.

O Grupo preparou sua apresentação imaginando os passos que dariam para viabilizar as demandas discutidas. Para (as), eles ser um(a) jovem voluntário(a) seria uma forma de se reunir com outros(as) jovens dispostos(as) a levar adiante as propostas de melhorias das áreas apontadas na discussão da manhã, a saber, educação, trabalho, cultura e lazer. Essa ação seria desenvolvida em grupo, o qual teria um(a) representante que levaria as propostas para a Câmara dos Vereadores da cidade. Mas que grupo seria esse? Seria um grupo para cada região ou cidade. Esses manteriam contatos e reuniões constantes com vereadores(as) e representantes. O resultado dessas reuniões seria a concretização das metas, exigências e idéias traçadas pelos(as) jovens organizados(as) em forma de grupo, e elas seriam levadas aos(às) governantes e aos(às) seus(suas) superiores pelos(as) representantes eleitos(as).

O Grupo fechou a sua apresentação com as palavras “ordem e progresso”, o que pode nos dizer da forma tradicional como a atuação política é vista: relacionada aos poderes do Estado, ao voto e a política partidária. A rejeição ao Caminho 3 pode ser vista como resultado da visão dominante sobre a participação.

#### Grupo Vermelho – 4º Caminho: junção do 1 e 2

O trabalho iniciou-se com a leitura dos cartazes explicativos dos Caminhos de Participação. Em seguida, a bolsista retomou as semelhanças levantadas no Diálogo no turno da manhã. A jovem Leidiane disse: “Eu assumo o Caminho 2. Eu não tenho tempo”. Amanda preferiu os Caminhos 2 e 3. “Eu também não tenho tempo”.

Leandro também disse preferir o Caminho 3, pois “não ocupa muito tempo”. Segundo ele, “o grupo se reúne uma vez por semana”. Já Valteni preferiu o Caminho 2. Joyce achou que o Caminho 1 “exige liderança” e reforçou que esse não servia para ela, pois não tem o perfil de “cobrar” a participação das pessoas.

Durante alguns momentos, alguns(mas) jovens do Grupo começaram a conversar sobre outros temas, fugindo da proposta de trabalho, e a bolsista precisou intervir, chamando-os(as) para a proposta do trabalho.

O Caminho 1 foi novamente apontado como o mais difícil pelo Grupo devido à falta de tempo, e o voluntariado foi visto com bons olhos e defendido por Joyce, “O pouco que você faz para uma ou duas pessoas dá para ampliar”. Nesse momento, a jovem Amanda afirmou que concordava com um pouco de cada Caminho, mas relatou que, de todos, “não tenho disposição para assumir o Caminho 1”.

Novamente a conversa se dispersou e o jovem Leandro tentou organizar o Diálogo. Ele explicitou que o grupo escolheu o Caminho 2. O jovem Valtini pergunta ao Grupo se levariam a questão da saúde para a plenária, mas sua questão não teve ressonância.

A bolsista interveio novamente, questionando se o Grupo estava certo pela escolha do Caminho 2, como havia sido citado por Leandro, e se achavam que esse Caminho seria capaz de concretizar as semelhanças levantadas no período da manhã. Joyce explicitou que: “Escolhemos o Caminho 2 devido à disponibilidade, porém o Caminho 1 é o melhor”. Leandro lembrou que “o Caminho 2 só pode ajudar a nossa comunidade”.

Leandro insistiu em criar um quarto Caminho, envolvendo a saúde, mas Joyce não concordou. Ela o lembrou de que não há Caminho para a saúde e sim, para os temas propostos pela manhã.

Os(as) jovens tiveram dificuldade em escolher um Caminho, bem como de criar um novo Caminho. No final, acabaram optando construir um quarto Caminho com a junção dos Caminhos 1 e 2. No entanto, a todo momento, vários(as) jovens do Grupo diziam reconhecer a importância do Caminho 1, mas o fato de não terem disponibilidade de tempo para se dedicar à demanda que ele certamente traria induziu a escolha pela sua articulação com o Caminho 2, ou seja, uma atuação juvenil com um conteúdo ou consciência política, porém, na perspectiva do voluntariado.

#### Grupo Laranja – 1º Caminho: A construção de uma ONG.

O Grupo, estimulado pela bolsista, leu a parte “Saiba Mais” do Caderno de Diálogo, referente a cada Caminho Participativo. A leitura foi feita em voz alta e revezada. Na medida em que terminavam as informações sobre cada Caminho, os(as) jovens faziam breves comentários e mostravam sua compreensão sobre o Caminho.

A proposta da atividade parece ter sido compreendida pelo Grupo, o que pode ser expresso na fala de Ademar: “Para ter aquelas coisas da manhã, a gente tem que correr atrás pra conseguir”. Renato disse: “Só se for pelo Caminho 1 que vai adiantar”. Ademar ainda lembrou que “para mudar mesmo não adianta também ser só a gente”. Esse jovem argumentou que a vida de cada um(a) tem sido muito corrida e apertada, sendo assim, para alcançar as propostas, seria imprescindível uma mobilização de toda sociedade.

Renato fez um comentário interessante sobre a eficácia do Caminho 2 na resolução das questões: “O voluntário dá para praticamente tudo, menos para as coisas do trabalho”. Ele lembrou que, para que ocorram algumas mudanças que desejam, não se pode renunciar o Caminho da política: “É o único que dá chances de mudanças nas leis, por exemplo”. Luanda disse que, para ela, o melhor Caminho era o 3. Porém, a jovem pensou no Caminho 3 muito mais como um Caminho de um grupo de voluntários(as) do que um grupo cultural. Para ela, a idéia de grupo estava necessariamente vinculada ao voluntariado: “Para gente ter um grupo, a gente tem que ser voluntário”.

O Caminho 2 apareceu no Diálogo puxado por uma das jovens. Mesmo assim, Ademar argumentou a favor do Caminho 1: “Mesmo que a gente não goste, que é assunto chato, mas o que resolve é o Caminho 1. É o governo que vai resolver isso aí. É preciso chegar lá pra resolver isso aí. Conversar na Câmara... para ver se ajuda a gente”. O Caminho 1 foi sintetizado como “o governo” e vários(as) jovens fizeram essa mesma interpretação. Nota-se que esses(as) jovens não se vêem como agentes políticos(as); percebem o governo como o único encarregado dessa empreitada, quem poderia de fato responder às demandas na educação, trabalho, cultura e lazer.

Um dos jovens sugeriu a união entre os Caminhos. Lembrou a importância dos Grupos se reunirem na tentativa de solucionar alguns problemas, e não só o governo. Ademar concordou e disse que achava possível ser voluntário(a) e político(a) ao mesmo tempo. O jovem colocou o voluntariado como um primeiro passo para se chegar à política, meio que ele considerava mais eficaz. Ele disse: “Primeiro a gente tem que ser voluntário, conseguir atenção das pessoas, e depois formar um grupo na comunidade”.

Renato esboçou no papel aquilo que ele chamou de “estratégias” para conseguir atingir as semelhanças da manhã. A sua ideia era ser voluntário em um primeiro momento, reunir um grupo na comunidade, procurar um(a) representante político(a) [vereador(a)] e levar até ele(a) as questões da comunidade. Esse mesmo processo deveria ser feito em outras comunidades e, a partir dos seus(suas) representantes na esfera pública, os problemas seriam “resolvidos” pelo poder público, a partir da demanda de um grupo organizado na comunidade.

O Grupo concordou com a proposta e decidiu escrever o cartaz com o que o jovem já havia escrito. Luanda ainda lembrou que preferia o Caminho 3, e Renato se manteve firme: “Tem que ser política, minha filha, sem ela não tem jeito”. A jovem foi vencida pelo argumento e o restante do Grupo escolheu o Caminho 1, com a elaboração de uma organização dos(as) jovens.

Para o Grupo, o ideal seria organizar uma ONG que se dispusesse a “participar em busca de um interesse comum entre as sociedades”. Essa ONG foi considerada a ação ideal para alcançar melhorias na educação, trabalho, cultura e lazer, pois sendo uma instituição registrada, poderia transmitir uma imagem de maior confiança para os possíveis financiadores e também para o poder público. A ONG também poderia contar com a ajuda do voluntariado, pois estes também poderiam participar de forma significativa.

Observa-se que, apesar da ênfase recair na ONG como o Caminho 1, o Grupo manifestou também a importância do Caminho 2, não rejeitando-o totalmente. Aliás, pela proposta do Grupo, nota-se que a ONG se confunde com o voluntariado, e não é vista como uma proposta de engajamento político.

#### GD4 – As definições da plenária

Os(as) jovens participantes desse quarto GD chegaram à seguinte síntese dos Caminhos:

- Trabalho voluntário (voluntariado);
- ausência do Caminho 3;

No debate, os(as) jovens, de uma maneira geral, tendiam a ver o Caminho 1 como “o ideal”, mas também muito penoso. A opção pelo voluntariado não descartava a relação com os(as) políticos(as), vistos(as) aqui como aqueles(as) que “ajudam” o grupo: “A gente vai se apoiar nos políticos, que vai dar à gente uma força”.

Iniciada a problematização dos Caminhos, uma jovem se manifestou: “O (Caminho) 1 é burocrático, é compromisso, entendeu? E não tem tempo para fazer tudo... E o 2 é mais fácil porque a gente ajuda. Ajuda as pessoas que são próximas, entendeu?”. Essa jovem parece dizer que o Caminho da participação política seria “o ideal” para enfrentar as demandas colocadas, mas que ela se sente impotente para participar diretamente da política, um universo distante e que demanda muito esforço. O Caminho do voluntariado, ao contrário, surge como algo concreto e que pode ser vislumbrado no arco de suas ações.

Durante a discussão, os(as) jovens apontaram uma série de características das pessoas que se dedicam ao voluntariado: não ter vergonha, conversar bastante, ter espírito de liderança e gostar de desenvolver trabalhos comunitários. Um dos jovens retomou a questão do tempo como uma característica importante desse Caminho, que facilita a adesão a ele. O trabalho voluntário, como atividade individual, permite um maior controle sobre o tempo (“igual se fosse final de semana”), o que não ocorre quando se envolve com instituições ou grupos juvenis. Uma outra jovem apontou que o trabalho voluntário seria importante porque o governo se omite. Parece que o voluntariado surge da solidariedade com aqueles que necessitam de alguma forma de ajuda: “Se o governo não faz... A gente não pode ver as pessoas necessitando da nossa ajuda e a gente não ajudar”. E completa: “Com as ONGs, a vida já tá ruim. Sem elas, então, seria pior, porque tem gente que necessita delas”.

É importante ressaltar que o Grupo tende a confundir as ONGs com o trabalho voluntário, embora eles pertençam a Caminhos diferentes. Alguns(mas) jovens apontaram algumas dificuldades de se engajarem nas ONGs. Eles(as) ressaltaram que isso demanda muito tempo para atuar e se reunir, além das dificuldades que uma ONG formada por jovens teria de se fazer ouvir pelos(as) políticos(as).

Um dos jovens revela uma descrença em apresentar suas demandas aos(às) políticos(as): “Eles vão iniciar o projeto junto com você, mas depois vão largar mão”. À essa posição se contrapôs um jovem, defendendo a idéia de que deveriam se mobilizar para exigir que os(as) políticos(as) façam o que “é dever deles e direito da gente”. Segundo ele, os(as) jovens não podem ficar fazendo “o trabalho dos governantes”.

A partir desse momento, os(as) jovens se envolveram numa longa discussão acerca da participação política delimitada à questão da eleição dos(as) políticos(as). Alguns(mas) manifestaram a idéia de que os(as) jovens são culpados(as) pela eleição de maus(más) políticos(as), pois votam sem consciência. Um jovem se contrapôs a essa posição, dizendo que não se sente culpado, mas sim enganado: “Ele mostra lá pra gente o que eles têm pra fazer. A gente vota nele. Só que aí ele engana a gente. Ou seja, a gente não é culpado”. Uma jovem

concordou ao dizer que não se culpa, pois o poder corrompe as pessoas: “Por melhor que a pessoa seja, quando ela tem poder demais, isso estraga ela”. Outra jovem defendeu que não devíamos ter tanto rodízio entre os(as) políticos(as), pois “toda vez que trocar, ele vai querer se levantar na vida”. E completou: “Deixa ele roubar, que na hora que ele cansar de roubar, ele vai atender o pedido do povo”.

Os(as) jovens parecem revelar uma visão bastante distanciada quanto à participação política, em geral vinculada ao voto, além de uma relação de dependência com os(as) políticos(as). Um dos jovens manifestou que o único modo de chegar ao(à) prefeito(a) ou ao(à) governador(a) é por meio do(a) vereador(a). Revela-se um sentimento de impotência para controlar as ações dos(as) representantes eleitos(as). Parece haver uma redução da ação política ao governo, na figura dos(as) políticos(as) [vereadores(as), prefeitos(as) e governadores(as)].

Algumas ponderações foram feitas pelos(as) mediadores(as) no sentido de que os(as) jovens explicitassem o que seria uma ação política, buscando ampliar a noção até então restrita ao voto e à ação dos(as) políticos(as). Uma das jovens defendeu a proposta de que professores(as) e alunos(as) deveriam fazer uma greve para reivindicar melhorias para as escolas. Outra jovem relata seu conflito com o(a) professor(a) de Física de sua escola, o que ocasionou a transferência do(a) professor(a) para outro período. Ela considerou isso uma ação política. O debate se encerrou com a retomada do tema da eleição dos(as) políticos(as), ressaltando que muitos(as) candidatos(as) são despreparados(as) (“sem instrução nenhuma”).

De uma maneira geral, os(as) jovens iniciaram o debate manifestando uma visão do voluntariado como uma forma de participação com a qual mais se identificavam, pelo fato de que nele vislumbravam reais possibilidades de ação. O universo da participação política é identificado com os(as) políticos(as) e com a burocracia estatal, algo que demanda esforço e tempo e que exige boas relações com o poder. Assim, embora reconhecendo que seria o Caminho mais eficaz para o atendimento das demandas apontadas durante o período da manhã, os(as) jovens manifestaram uma visão bastante restrita da ação política. É como se dissessem: é algo para eles(as), não para nós.

#### GD5 – Jovens de 15 a 24 anos

##### Os grupos e suas escolhas

###### Grupo Vermelho – 4º Caminho: A união

O Grupo discutiu e decidiu que, para atingir as três áreas da educação, do trabalho e do lazer, era necessário um engajamento político dos (as)jovens através da participação nos partidos políticos, sindicatos, movimentos sociais. Essa mesma participação seria efetivada também com a realização de trabalhos voluntários e com a organização em grupos para compartilhar idéias.

O Grupo também discutiu a estratégia de ação para alcançar tal Caminho. Essa foi enfatizada em três aspectos: participação política e atuação na área artística e nos meios de

comunicação (rádio, TV etc.). Apesar da junção dos três Caminhos, a proposta do Grupo se manteve muito generalizada e não houve aprofundamento, durante a apresentação, sobre o que significa o tipo de participação presente nos Caminhos apontados. A participação política foi entendida por esse Grupo como a ação de se reunir para “procurar os(as) políticos(as)” e para envolver a sociedade.

Grupo Amarelo – 4º Caminho: “Eu e meu grupo nos engajamos e temos nossa bandeira de luta”

O Grupo se reuniu e cada Caminho Participativo foi lido novamente. No final da leitura, os(as) jovens dialogaram e exemplificaram a respeito das características de cada um dos Caminhos. Talita disse: “Eu faria o Caminho 2, pois ele permite a minha própria vontade, ninguém me manda. Nós podemos ajudar as outras pessoas que precisam”. E ainda completou: “Mas alguns abusam demais. Ficam montando em cima da gente”. Zeni se posicionou dizendo que gostaria de participar de todas as três formas, porém não podia, pois não tinha tempo disponível: “A gente tem muita coisa pra fazer. Eu ia pelo Caminho 1, não pelo partidos políticos, mas mais pelos conselhos, ONGs, porque política também eu não gosto”. A política foi identificada novamente como um jogo de interesses particulares e muito mais associada o exercício institucionalizado da política vivido nos partidos, prefeituras, câmaras de vereadores, do que com a vida política propriamente dita. Essa compreensão causou uma certa rejeição ou ponderação excessiva dos(as) jovens em relação ao Caminho 1.

Eliomar contou uma ação solidária que exerceu, doando uma cesta de alimentos para uma família necessitada. Nesse sentido, ele apontou a solidariedade como o caminho para mudanças no contexto das desigualdades sociais. Talita disse: “Tem muita gente que tem como dar as coisas e não dá” e Regiane completou “Mas você tá fazendo sua parte, se cada um faz a sua parte melhora muito”. Os(as) jovens do Grupo concordaram com os argumentos levantados e propuseram a existência de mais cooperação entre as pessoas e, principalmente, entre os(as) jovens.

Regiane afirmou novamente que “Se todos os jovens se reunissem mesmo, mudava algo. Mas a maioria quer drogas, são irresponsáveis, por isso ninguém quer dar emprego”. E ela continuou dizendo da sua escolha sobre os Caminhos Participativos: “Eu posso seguir os três. Já fui catequista, já fui coordenadora da igreja, da pastoral da juventude. O que eu puder ajudar, eu ajudo!”.

Podemos observar, a partir da fala dessa jovem, a presença de um discurso que se apóia numa interpretação que atribui ao(à) próprio(a) jovem a culpa pelos seus atos. É como se, apesar de reconhecerem as dificuldades e desigualdades, ainda falassem de um(a) “jovem abstrato(a)”, como se eles(as) não participassem dessa mesma categoria social e idade da vida.

O Caminho 3 foi percebido por uma das jovens como uma extensão do trabalho voluntário, e a sua diferença em relação ao Caminho 2 foi interpretada como a possibilidade de ser realizado em grupo. A jovem Talita foi categórica: “Sou contra o Caminho 1!”. Eliomar argumentou que “Tem muita maneira de fazer política”, reclamou dos partidos políticos e das corrupções do mundo da



política, mas a sua interpretação era mais aberta e ampliada, demonstrando a compreensão de que a política não se restringe a sua forma institucionalizada de ser.

Eduardo afirmou que “No meu caso, eu já faço o Caminho 1, porque eu tô no sindicato, tô pretendendo fazer o sindicato. E do Caminho 3 eu já faço parte”. Kesia inseriu mais um posicionamento favorável pelo Caminho do voluntariado: “Eu ia pelo Caminho 2. Você pode ajudar as pessoas de muitas maneiras, doando coisas não, porque não vai adiantar, mas incentivando”.

Ao lembrar das propostas tiradas na plenária da manhã, Talita disse: “Mas segurança, não tem como a gente resolver, porque é só a polícia mesmo. O Caminho 1, da política, pode ir na segurança mais diretamente, mas os outros Caminhos não podem”. Os(as) jovens leram novamente cada uma das propostas para educação, trabalho, cultura e lazer, fazendo uma articulação entre as semelhanças da manhã e os Caminhos Participativos à tarde. Ao final, concluíram que o Caminho 1 era o mais adequado para a solução dos problemas.

O Grupo realizou um diálogo maduro e concluiu que os melhores Caminhos para alcance das propostas da manhã – apesar de nem todos se identificarem pessoalmente com eles – seriam o 1 e o 3, a saber, a participação política e a inserção nos grupos culturais. Mas o Caminho do voluntariado ainda foi bastante destacado, como forma mais concreta de ação deles(as) próprios(as), dentro das suas limitações de tempo. No final, optaram pela escolha dos Caminhos 1e 3, com ênfase na participação política.

Logo após, eles(as) retomaram os problemas que foram colocados na parte da manhã. A questão da violência foi um tema retomado e os(as) jovens passaram a exemplificar várias situações ocorridas na sua própria vivência, como assaltos, mortes, tráfico de drogas. Essa realidade reforçou ainda mais a escolha pelo Caminho 1, permeada pela visão idílica de que o Estado é o único responsável e o único que possui condições de resolver tudo isso.

#### GD5 – As definições da plenária

O quinto GD definiu como semelhanças os seguintes pontos:

- Integração de jovens com a política: correr atrás dos políticos;
- formação de grupos jovens para intervir na realidade e arrecadar fundos, melhorias para a comunidade;
- fazer manifestações para melhorias na educação, saúde, segurança etc.

É importante ressaltar que o Grupo assinalou como diferença o fato de “o jovem participar da vida política como candidato”, manifestando já uma perspectiva quanto à sua relação com o campo da ação política. Ainda no processo de construção das semelhanças, uma jovem declarou que o seu Grupo defendia a idéia de mobilizar os(as) jovens, mas sem a atuação direta em instituições políticas: “A gente não participa de partidos políticos, isso aí a gente não concorda de forma alguma, a gente ia reunir para correr atrás da política, porque infelizmente a gente depende deles pra muitas coisas”. Esse depoimento parece resumir uma

posição comum entre os(as) jovens de encararem a participação política como algo para outros(as) (“Não é da gente, é dos políticos, governos, vereadores”). Outro aspecto presente nesse depoimento refere-se à tendência a reduzir a política ao engajamento em partidos e em cargos públicos.

Um dos jovens se disse disposto a formar um grupo com pessoas do bairro para atuar junto aos(às) moradores(as) de rua, o que remeteu ao trabalho voluntário em grupo. Novos depoimentos reforçaram a opção pelo trabalho voluntário, individualmente ou a partir da organização de agrupamentos. A preferência pelo trabalho voluntário parece estar ancorada em um sentimento de impossibilidade de atuação política na perspectiva restrita que manifestaram anteriormente. Assim uma das jovens disse: “O que eu poderia fazer sozinha era, simplesmente, mobilizar as pessoas. (...) Se eu tivesse coragem, eu entraria na política, mas eu não tenho. Lá no meu bairro eu sou muito conhecida. (...) Mas nem os próprios jovens dão valor pra um outro”.

Outro jovem deu um exemplo de trabalho voluntário que desenvolveu conseguindo algumas camisas para um time de futebol do seu bairro, em troca do compromisso em conseguir votos para um(a) vereador(a). Havia, nesse caso, uma noção do voluntariado associada a uma relação clientelista com a política.

Diante da tendência do Grupo em assumir o voluntariado, foram ponderados alguns limites desse tipo de ação. Ressaltou-se que ela demandava dedicação. Além disso, atentou-se para o fato de que o Estado poderia tender a transferir responsabilidades para a sociedade civil. Mesmo diante das ponderações, alguns(mas) jovens mantiveram suas opiniões alegando que “é uma oportunidade para ajudar as pessoas”. Outro participante, porém, defendeu a participação dos(as) jovens na política, concorrendo a cargos eletivos: “Porque o pessoal critica os políticos, por eles serem corruptos, eu também não gosto de político não. Exatamente por isso que eu acho que os jovens tinham que se interessar, pra tirar aquele pessoal de lá”.

Outro jovem se manifesta defendendo a posição de que “nem todo político é desonesto, tem muito político honesto”. Um outro participante chamou a atenção para o fato de que as pessoas querem soluções imediatas para problemas muito complexos: “Não é de hoje para amanhã que você vai mudar o mundo”. Uma jovem rebateu a crítica dizendo que os(as) políticos(as) prometem, mas não cumprem. No entanto, ela concordou que os(as) jovens devem participar, mostrando que são capazes e disputando o poder com os(as) políticos(as) e adultos(as).

Assim, as últimas manifestações pareceram reforçar a adesão ao Caminho 1. No entanto, podemos dizer que, de uma maneira geral, a ação política parece ser vista como algo que diz respeito aos(às) outros(as). Ela está restrita à esfera do Estado, diante do qual se acham impotentes e com a qual desenvolvem uma relação subordinada. Eles(as) se referem à dimensão da participação política como “correr atrás dos políticos”, “pedir uma ajuda” etc.

Justifica-se então a opção pelo voluntariado como aquela mais próxima de suas possibilidades e que, em alguns casos, articula-se com essa visão acerca da política.

### **3.4 – As escolhas dos caminhos: análise das fichas pré e pós-Diálogo**

A análise das escolhas assinaladas pelos(as) jovens nas fichas Pré e Pós-Diálogo levou em consideração as tendências apresentadas por cada Grupo, comparando-se os Caminhos entre si. Outra estratégia de análise foi observar a tendência geral de adesões ou resistências aos diferentes Caminhos propostos aos(às) jovens, tomando-se em conta as variáveis sexo, idade, escolaridade e trabalho. Para efeitos de análise, levamos em consideração uma variação de 0,5 pontos (as tabelas se encontram em anexo).

Quando analisamos os dados agregados de todos os GDs, não se observam variações significativas que permitam detectar uma tendência geral entre os(as) jovens. Apenas entre os(as) jovens que não trabalham há uma variação negativa de 0,5 pontos para o Caminho 3.

#### **Caminho 1**

Com relação ao primeiro Caminho, dois GDs (GD1 e GD3) não apresentaram alterações significativas quanto às posições iniciais dos(as) jovens. Dois Grupos revelaram uma tendência negativa: o GD4 (-0,6 para sexo, -0,5 para trabalho, -0,6 para faixa etária e entre -0,5 e -1,3 para escolaridade) e o GD5 (-0,6 para sexo, -0,7 para trabalho, -0,6 para faixa etária e de -0,5 a -2 pontos para os diferentes níveis de escolaridade).

Apenas o GD2 apresentou uma tendência clara de adesão ao Caminho 1, com uma variação positiva em todos os quesitos. Os índices variaram de +0,8 (Caminho 1 e escolaridade) a +1,2 pontos (Caminho 1 e sexo). Entre os homens, essa variação foi de + 1,8 ponto, enquanto para as mulheres correspondeu a + 0,6 ponto. Podemos com isso concluir que os homens do GD2 estiveram mais propensos a validar o Caminho 1.

Quando comparamos os dados por faixa etária, percebemos uma tendência de maior adesão ao Caminho 1 entre os(as) jovens de 15 a 17 anos (variação de +0,9 pontos), ao contrário dos(as) jovens de 15 a 24 anos, que apresentaram uma variação negativa de 0,6 pontos. Os(as) jovens de 18 a 24 anos e com experiência prévia não apresentaram mudanças significativas. Talvez isso explique porque o GD2 tenha se sobressaído, uma vez que esse Grupo está na faixa de 15 a 17 anos.

É interessante observar que, na plenária da tarde do GD2, os(as) jovens elegeram como semelhança o voluntariado. Ao analisarmos os relatórios dos subgrupos, no entanto, parece haver uma tendência a valorizar mais o Caminho 1, com o argumento de que trata-se da maneira mais eficiente para alcançar as demandas apontadas na parte da manhã. A plenária da tarde pode ter fortalecido a adesão a esse Caminho, uma vez que a escolha inicial pelo voluntariado passou a ser problematizada.

## **Caminho 2**

O Caminho 2 apresentou pouquíssima variação entre os diferentes GDs. Quando consideramos a variável sexo, podemos dizer que há uma tendência geral a diminuir a adesão a esse Caminho, mas não houve alteração significativa na pontuação que pudesse confirmar isso. Um destaque pode ser feito para o caso dos homens do GD4, com uma variação positiva de 0,6 pontos. Conforme relatada na síntese dos Caminhos do GD4, havia uma tendência entre os(as) jovens de optarem pelo voluntariado, manifestando uma visão distanciada da ação direta na política. Os(as) jovens desse GD tendiam a ver o Caminho 1 como o ideal, mas muito penoso.

Todos os Grupos, na contagem geral, não apresentaram grandes diferenças, com exceção para o GD5 que caiu 0,7 pontos, com maior queda entre os homens (- 1,2).

O mesmo ocorreu para o quesito trabalho, com uma variação negativa de 0,7 pontos. Para outras variáveis (faixa etária e escolaridade) não houve alterações significativas em nenhum GD.

Apesar disso, verifica-se, pelos relatos do GD5, uma forte presença do voluntariado, com o Grupo manifestando uma posição resistente ao engajamento político direto. Havia uma visão de que o voluntariado era a forma mais concreta de atuação, uma vez que a política lhes parecia algo distante, para a qual se achavam impotentes. Essa visão parece ter prevalecido.

## **Caminho 3**

Considerando todos os GDs, não há alterações significativas entre a primeira e a segunda pontuação dada pelos(as) jovens para o Caminho 3. Isso vale para os GDs 1 e 2. No entanto, quando os dados dos outros GDs são analisados isoladamente, observa-se tendências diferenciadas. No GD4, embora não apresente grandes variações, observa-se uma tendência positiva, sobretudo entre os homens (+ 1,0). Também no item escolaridade, embora pequena, a variação tende a ser positiva.

Por outro lado, os GDs 3 e 5 apresentaram uma tendência negativa quanto ao Caminho 3. O GD3 apresentou tendência negativa para sexo (-0,5) e faixa etária (-0,5) e o GD5 para sexo (-0,7) e trabalho (-0,8).

No caso do GD3, uma possível explicação pode ser o fato de contar com jovens mais velhos(as), com menor disponibilidade de tempo para participar de agrupamentos juvenis. Reforça tal hipótese o fato de a grande maioria dos(as) participantes de GD5 (11 em 14) ter mais de 18 anos. Por outro lado, quando analisamos a adesão ao Caminho 3 por faixa etária, verificamos que todas as faixas tenderam a recuar na sua escolha, com uma variação maior entre os(as) jovens de 18 a 24 anos (-0,5).

De fato, ao analisarmos os relatórios dos Grupos 3 e 5, verificamos que os(as) jovens tendem a fazer referências aos outros Caminhos, sendo quase nula a citação do Caminho 3. Quando a possibilidade de formar grupos juvenis é citada, como no GD5, ela aparece

vinculada à ação voluntária que ganha maior relevância (“formar um grupo com pessoas do bairro para atuar junto aos moradores de rua”).

Um dado intrigante é que, apesar de haver uma pequena tendência dos jovens GD 4 a marcarem positivamente esse caminho, um consenso na plenária da tarde desse GD foi exatamente a sua ausência, conforme consta do flipchart elaborado com a síntese dos subgrupos.

### **3.5 – Tecendo comentários sobre os caminhos participativos**

Inicialmente, é necessário discutir as articulações que os(as) jovens estabeleceram entre as demandas levantadas na parte da manhã em relação à educação, trabalho e cultura/lazer, com a escolha dos Caminhos Participativos na parte da tarde. No geral, podemos afirmar que não houve uma relação direta. Foi necessária a retomada, pelos(as) bolsistas, em vários momentos, das semelhanças destacadas pela manhã e o objetivo dos subgrupos, ou seja, como alcançá-las. Essa foi uma tendência de todos os GDs, mesmo ocorrendo em níveis variados. Podemos constatar essa mesma tendência nas plenárias da tarde. Também as problematizações foram mais no sentido de discutir os prós e contras da participação em grupo e individual dos(as) jovens a partir dos Caminhos escolhidos e a relação destes com a questão da participação juvenil de um modo geral, e não tanto em relação às semelhanças da manhã.

Embora essa articulação tenha sido tentada não foi uma tarefa fácil, pois em todos os GDs notamos certo descompasso entre a parte da manhã e da tarde, tanto no que se refere à proposta quanto à compreensão do Grupo. A parte da manhã se apresentava mais ideal e talvez com um nível de abstração e generalização muito intensas. Esse mesmo caráter também se fez presente nos Caminhos apontados, dificultando assim as possíveis vinculações com as demandas postas. Essa dificuldade pôde ser vista mesmo no GD1, composto de jovens com histórico de participação.

As dificuldades,, tanto de compreensão quanto de materializar e aprofundar o debate em torno da participação sociopolítica, pode ser atribuída a uma série de fatores. Um deles é a própria educação escolar, que não fornece instrumentos básicos para a compreensão da participação juvenil e muito menos oportuniza experiências que possibilitem a prática e a reflexão sobre os significados da inserção na vida política do país. Isso foi percebido em todos os GDs.

Somado a isso, a vivência dos(as) jovens em um universo sociocultural das camadas populares – a maioria dos 122 jovens com os(as) quais convivemos são das classes C/D e E – também pode ter influenciado essa dificuldade de concretização das semelhanças da manhã e escolha dos Caminhos Participativos à tarde pelos subgrupos. As sugestões dos(as) jovens estavam coladas às suas precárias condições de existência e à ausência do Estado enquanto formulador e mantenedor de políticas públicas que melhorem efetivamente as condições de vida das camadas populares na cidade de Belo Horizonte e Região Metropolitana.

Além disso, houve, em todos os GDs, uma associação e, muitas vezes, uma visão equivocada entre a participação política de um modo geral e a política partidária, em específico. A participação política, entendida como o Caminho 1, era vista da maneira mais tradicional possível, limitada à atuação do Estado e dos governos. A tendência geral é do(a) jovem não se perceber como sujeito de uma ação política, capaz de interferir de alguma forma nas instituições políticas, dominadas que seriam pelo mundo adulto. Talvez por isso possamos ter constatado uma recorrente rejeição à escolha do Caminho 1 e a sua diluição nos Caminhos 2 e 3.

Um outro aspecto recorrente foi a forma difusa em que apareceu o Caminho 3, exatamente aquele que valorizava a cultura juvenil. Nos pareceu que a dimensão de Grupo presente na vida dos(as) jovens foi interpretada como ação social e prática coletiva, e não necessariamente como uma inserção política e cultural diferenciada. Nos diferentes GDs, houve jovens skatistas e participantes de grupos de capoeira, entre outros, mas estes(as) não tiveram uma forte influência em relação à escolha dos Caminhos Participativos pelos subgrupos. Pelo contrário, sua ação tendeu a ficar diluída no voluntariado.

Em relação ao voluntariado, podemos constatar que foi a escolha hegemônica. Quer seja sozinho, quer seja mesclado com os Caminhos 1 e 3, o serviço voluntário se destacou. Nesse ponto, podemos chamar a atenção para certa contradição em relação às semelhanças apresentadas por todos os GDs na parte da manhã, como forma expressão do “Brasil que queremos” e os Caminhos escolhidos para “chegar lá”. Na discussão da manhã, os(as) jovens sugeriram que, na educação, no trabalho e na cultura/lazer, houvesse a ação conjunta dos(as) jovens nas iniciativas em busca de alternativas de trabalho e uma forte intervenção estatal e governamental na melhoria das escolas, na reciclagem dos(as) professores(as), na criação de oportunidades de emprego para os(as) jovens, na articulação com as empresas para a oferta de estágios e cursos profissionalizantes, na abertura de escolas nos finais de semana, na construção de centros de cultura, na implementação de cotas para alunos(as) nas escolas públicas e na garantia de policiamento com qualidade e maior segurança. Mas houve, na parte da tarde, um sentimento geral de descrença de que tal situação se configurasse por meio da ação governamental e estatal de fazer política, entendida pelos(as) jovens como o Caminho 1. Nesse ponto, os(as) jovens buscavam como opção para o “como chegar lá” a ação voluntária, de forma coletiva, acreditando que o esforço conjunto e coletivo pudesse fazer alguma diferença. Parece haver um apelo a uma visão romântica e um tom moralista e cristão que encontram assento no voluntariado: “ajudar ao outro incondicionalmente”, “fazer a sua parte e juntar com a do outro”, “construir um país melhor”, “salvar os drogados e traficantes dando-lhes oportunidade de trabalho” etc. Ao mesmo tempo, foi muito recorrente a justificativa da escolha pelo voluntariado em função da disponibilidade do tempo, sendo o Caminho mais flexível, na visão dos(as) jovens. Vários deles(as) expressaram também que o voluntariado possibilitava o controle das ações, desde a escolha, o ritmo, os resultados e a sua possível continuidade, diferente das ações institucionais, como os partidos, por exemplo, nas quais não se teria o mínimo poder de decisão.

É interessante ponderar que a “crença” no voluntariado carrega um diferencial: a articulação em grupo, um dos aspectos “pinçados” do Caminho 3 e que pode ser visto pelos(as) jovens como uma alternativa para a juventude da periferia. Essa sugestão de uma ação coletiva pode ser compreendida como expressão de práticas sociais e religiosas já desenvolvidas por vários(as) deles(as), sobretudo, dentro do trabalho comunitário realizado pelas igrejas (especialmente as evangélicas).

De alguma forma, podemos dizer que o(a) jovem “abstrato(a)” da parte da manhã, citado nos depoimentos e retomado em vários momentos na plenária da tarde, se tornou, com todos os limites, mais “concreto(a) e real” à tarde, na escolha dos Caminhos Participativos e na justificativa dada para a mesma. Estas podem não ter sido as idealizadas, mas foram as possíveis e reais, no contexto do Grupo de Diálogo.

Não se pode esquecer que a adesão e rejeição dos Caminhos Participativos pelos diferentes subgrupos, à tarde, foi realizada dentro dos limites das condições de existência dos(as) jovens integrantes, que são marcados(as) pela presença do desemprego, pela gravidez na adolescência, pela constituição precoce de uma família, pela escolarização precária, pela violência policial, pelo tráfico, pela falta de segurança, pelo limite do tempo disponível, contraditoriamente mescladas com uma grande alegria e vontade de vencer, expressa nos depoimentos e comportamentos dos(as) jovens. Sendo assim, os Caminhos escolhidos à tarde foram os “possíveis” no contexto de vida e de entendimento dos(as) jovens e da proposta metodológica do Grupo de Diálogo.

### **3.6 – O recado dos(as) jovens**

No final de cada Grupo de Diálogo, os(as) jovens foram estimulados(as) a se manifestar sobre o Dia e a formularem um recado para os(as) governantes (anexo – tabelas 4 e 5). Vários(as) jovens apresentaram resistências a dar seu depoimento, sendo necessário incentivá-los(as) a imaginar que tinham em sua frente o(a) prefeito(a) ou o(a) presidente da República.

Analisando os depoimentos, podemos constatar que a grande maioria dos(as) jovens (36%) fez referências a alguns valores que devem guiar os(as) tomadores(as) de decisões como responsabilidade, senso de justiça, seriedade, autenticidade e atenção aos(às) pobres. É interessante observar que os(as) jovens não vincularam diretamente as demandas discutidas durante o Dia com o tema de suas falas. Eles(as), em geral, manifestaram um tom de indignação e de protesto com relação à atuação dos(as) governantes (“parar de falar o que não podem cumprir”, “sair dos gabinetes e vivenciassem os problemas da população”, “para de ser ladrão”). Outras manifestações assumiam um lugar quase de submissão, solicitando que os(as) políticos(as) dessem assistência à população mais pobre (“que eles olhassem mais pra classe pobre”, “pra eles pensarem direitinho no que eles vão fazer, porque se fizer coisa errada lá, não serão eles que vão sofrer, é a gente aqui do lado de cá que sofre”, “ajudar aqueles que precisam”).

O segundo tema mais recorrente foi os(as) jovens como centro da preocupação dos(as) governantes (17%). Os comentários não manifestaram, no entanto, posturas reivindicativas, com poucos jovens exigindo a atenção dos governantes como um direito (“que os políticos escutem mais a gente, prestem atenção nas nossas idéias, que nós também somos gente” ou “que eles parassem de dizer que nós somos o futuro desse país, porque nós somos o presente e a realidade desse país”). Em geral, houve uma posição subordinada (“que a gente tá na mão deles, eles que decidem o que vai fazer com a gente” ou “olhar mais pra gente, que ´tamos precisando”). Nesses depoimentos, podemos perceber a influência das discussões ocorridas ao longo do Dia que, de alguma forma, foram incorporadas ao discurso dos(as) jovens.

Outros temas estavam vinculados às questões debatidas durante o Dia – educação e participação juvenil (4%), cultura/lazer (3,3%), emprego/trabalho e saúde (2,45%). Também aqui podemos perceber elaborações dos(as) jovens a partir dos debates ocorridos ao longo do Dia. Por último, temos um bloco formado por temas variados que foram indicados por poucos(as) jovens: atenção às crianças, atenção aos(às) idosos(as), democracia, preconceito/racismo, corrupção e renovação dos(as) políticos(as). Comparando a tabela dos comentários iniciais com a dos comentários finais, podemos constatar que grande parte das preocupações iniciais não foi retomada no final do Dia, nem mesmo as demandas da parte da manhã ou aspectos dos Caminhos da parte da tarde. Ou seja, grande parte dos(as) jovens não vinculou a mensagem aos(às) governantes com o conteúdo das discussões ao longo dos GDs. Também podemos perceber que as diferenças dos depoimentos existentes entre os GDs tendem a expressar a idiossincrasia dos(as) integrantes de cada um deles, não havendo, a princípio, uma relação mais estreita com algumas das variáveis como a idade, sexo ou escolaridade, por exemplo.

### **Avaliação do dia**

A segunda parte dos comentários finais dizia respeito a uma breve avaliação do Dia pelos(as) participantes. Em geral, os(as) jovens valorizaram a oportunidade, dizendo-se satisfeitos(as) por poderem desfrutar do espaço e da atenção dispensada a eles(as). Em sua maioria, as falas se referem à oportunidade de debater suas opiniões/aprendizado (54%) como um espaço rico de formação, no qual puderam confrontar opiniões, debater idéias e ter acesso a novas informações.

Um segundo aspecto positivo para os(as) participantes foi a oportunidade de conhecer novas pessoas (29%). Muitos(as) se referiram à oportunidade de fazer novas amizades, o clima de confraternização e encontro proporcionado, e o fato de ter contato com pessoas da mesma idade, discutindo temas do interesse dos(as) jovens.



Outras manifestações se referiam a diferentes aspectos como mudar de opinião, a produção do Dia, conscientização do poder da juventude, despertou o desejo de participar como voluntário e a atenção dispensada aos(as) jovens.

Apenas os(as) jovens do primeiro GD apresentaram críticas e sugestões que diziam respeito ao pouco tempo dado para os trabalhos em Grupos e para as atividades em geral. Eles(as) chamaram a atenção também para a possibilidade de promover novos encontros e contemplar outras temáticas, como sexualidade e drogas.

Em geral, os depoimentos confirmam as impressões iniciais dos(as) bolsistas e supervisores(as) de um clima muito favorável entre os(as) jovens com relação à participação no Dia. Muitos(as) saíram agradecendo a oportunidade e reafirmando a disposição em reencontrar o grupo. Chama a atenção a novidade que significou para os(as) jovens parar um dia para refletir. Sentimos que, no geral, grande parte deles(as) nunca parou para pensar sobre a própria realidade em que vive, mostrando-se pouco reflexivos(as), reproduzindo lugares-comuns. Ao mesmo tempo, nos chamou a atenção a boa vontade de grande parte dos(as) jovens em participar dos debates, mesmo que só nos pequenos Grupos. Essa realidade pode estar nos mostrando a falta de instâncias e canais de participação nos quais esses(as) jovens possam exercitar a dimensão do coletivo, seja em debates, seja em ações. Nesse sentido, é necessário colocar em questão a qualidade da escola, em especial as públicas, tanto em termos de conhecimento quanto na possibilidade de estar proporcionando experiências coletivas.

### **3. 7 – Juventude e participação**

A partir da descrição e análise dos conteúdos dos cinco Grupos de Diálogo realizados, pelos quais passaram 122 jovens das mais diferentes regiões e municípios da Região Metropolitana de Belo Horizonte (RMBH), podemos nos perguntar: o que os(as) jovens estão nos dizendo em relação às suas demandas e necessidades? Quais as perspectivas de participação que eles(as) apontam? Numa síntese preliminar dos dados levantados neste relatório, buscaremos refletir sobre dois eixos: as demandas dos(as) jovens e as perspectivas de participação.

É necessário reforçar os limites metodológicos da pesquisa, já discutido na primeira parte deste relatório. Lembramos que não estamos analisando as concepções dos(as) jovens, mas sim as suas concepções expressas em um contexto externo a eles(as), o Centro Cultural da UFMG, em uma atividade proposta por nós, com compreensões diferenciadas por parte deles(as). Além disso, são concepções que foram expressas numa situação de relação com a equipe, seja nos pequenos Grupos ou na plenária. Enfim, queremos afirmar que não estamos analisando as concepções dos(as) jovens, mas sim as concepções dos(as) jovens na relação com a equipe de pesquisa.

### 3.7.1 – As demandas dos(as) jovens

Os 122 jovens participantes dos GDs espelham a realidade da juventude da RMBH. Em termos de origem social, 84,4% deles(as) são oriundos(as) das camadas C/D e E, vivenciando uma realidade de pobreza, comum à grande maioria da população juvenil da Região. Inseridos(as) nessa realidade, a questão do trabalho significa não só a condição de sobrevivência como a possibilidade da vivência juvenil (Carrochano, 2004). O trabalho e a renda que ele gera é condição para grande parte desses(as) jovens ocuparem o tempo livre com um mínimo de qualidade, freqüentar festas e shows ou até mesmo comprar roupas. Até mesmo para sair do próprio bairro e terem acesso ao que a cidade pode oferecer, demanda um mínimo de condições financeiras.

Mas esses(as) jovens se deparam com o contexto da reestruturação produtiva e com opções da política econômica brasileira da última década, que tem gerado taxas de desemprego crescentes, penalizando exatamente a faixa etária de 15 a 24 anos (Pochmann, 2000). Dos(as) participantes dos GDs, como vimos, 42,6% não trabalhavam. Não é de se estranhar que a demanda comum a todos(as) seja pela qualificação profissional, articulada com uma política de primeiro emprego:

Às vezes tem muitas vagas, quando a gente chega na empresa e você não tem qualificação, você não tem oportunidade. Agora eu te pergunto: toda vez que você chega numa empresa e ela te fecha as portas, como é que você vai conseguir experiência? Eu acho que as empresas deviam dar mais oportunidade pra gente mostrar o trabalho. Dar um estágio que te paga meio... eu te pago a metade do salário para você aprender e depois eu te pago mais. Devia dar mais oportunidade pra gente aprender.

Apontam também a necessidade de uma adequação entre a qualificação profissional, o primeiro emprego e a garantia da possibilidade de continuar os estudos, através de horários mais flexíveis:

O governo oferecer cursos profissionalizantes, porque hoje em dia, as empresas, elas pedem experiência, mas como que uma pessoa que nunca trabalhou vai ter experiência pra trabalhar? O governo oferecer trabalho de aprendiz... e as empresas ter carga horária menor para estudantes que trabalham, porque muitas pessoas pegam trabalho... serviço cedo, aí saem do serviço e vão direto pro colégio, saem do colégio à noite e têm pouco tempo pra poder descansar.

Uma outra demanda que merece destaque é a superação dos preconceitos, principalmente aqueles ligados à questão racial:

É... a gente discutiu também, eu até esqueci de falar... que quando uma pessoa vai procurar um emprego também tem muito preconceito. Se for uma loirinha e uma mulatinha, com certeza, isso já aconteceu lá no meu bairro, eles dão preferência pra loira.

A essa realidade, em que predominam as formas frágeis e subalternas de inclusão no mercado de trabalho, se alia uma escolarização precária. Como vimos anteriormente, um índice significativo dos(as) jovens participantes (22,9%) estava estudando ou tinham concluído no máximo o Ensino Fundamental, evidenciando uma realidade de defasagem série/idade. Pelos dados da pesquisa quantitativa (DAYRELL, 2005), podemos constatar que apenas 45,2% estavam estudando no período da realização da pesquisa. A esses dados se acresce aspectos da realidade escolar que dão uma referência da qualidade do ensino. Constatou-se que apenas 41,1% das escolas ofereceram atividades de sociabilidade, como festas ou excursões; e apenas 33,6% ofereceram atividades culturais, como teatro, dança ou música. Significa dizer que praticamente 2/3 das escolas da RMBH não estimularam ou organizaram ações culturais em 2004. Mesmo atividades de cunho informativo foram relativamente pouco oferecidas pelas escolas, sejam públicas ou particulares. As atividades mais comuns foram os filmes, presentes em 50,4% das escolas; seguidas por debates (46,9%); seminários (26,2%) e finalmente a visita a museus e exposições (16,4%).

Temos, assim, dois desafios postos. De um lado, é alto o índice de exclusão escolar entre os(as) jovens na RMBH, numa faixa etária em que deveriam estar prioritariamente inseridos(as) em um processo de formação/educação. Por outro lado, além do acesso, é necessário discutir a qualidade dos processos educativos oferecidos pela escola, principalmente a pública. Os dados sugerem que as escolas, de maneira geral, se mostram pouco abertas a desenvolver atividades que vão além da transmissão dos conteúdos formais. Um número pouco expressivo de escolas cria espaços e situações que favoreçam a experiência da solidariedade, o fortalecimento da sociabilidade, o acesso a atividades culturais e, mesmo, o acesso ao conhecimento de forma mais participativa, como os debates e seminários. Além disso, os(as) jovens na Região Metropolitana de Belo Horizonte praticamente não freqüentam as escolas nos finais de semana. Dos(as) poucos(as) que o fazem (14,2%), a maioria desenvolve atividades ligadas à sociabilidade e ao lazer, evidenciando o potencial que a escola pode representar, com todos os limites e desafios a superar, principalmente nas periferias, onde ela é uma das poucas instituições públicas existentes. O conjunto dos dados sobre a realidade escolar nos mostra que a escola, principalmente a pública, não vem abrindo espaços nem estimulando a criação de hábitos e valores básicos que poderiam contribuir para a participação juvenil, fato que se torna mais complexo para os(as) jovens pobres, que praticamente só possuem essa instituição para o acesso a esses bens simbólicos.

Nos diferentes Grupos de Diálogo, a precária escolarização da maioria dos(as) jovens evidenciou-se nas dificuldades apresentadas por boa parte deles(as) em ler e compreender os materiais utilizados, em participar dos subgrupos e plenárias, em se expressar oralmente em público, em refletir sobre sua própria realidade para além do senso comum. Eles(as) têm consciência e demandam uma escola de melhor qualidade. Para eles(as), isso implica em professores(as) mais comprometidos(as) e qualificados(as), tanto que essa foi a maior demanda:

... Os professores não 'tão tendo qualificação pra ensinar os alunos. E a gente tá saindo das escolas sem nenhuma preparação pra estar fazendo uma faculdade ou qualquer outra coisa.

E percebem a necessidade da escola conhecer a realidade dos(as) alunos(as), adequando-se à ela:

Rolar um trabalho pra capacitar os professores, pra saber com que tipo de aluno, jovens, eles 'tão lidando... assim. Pra saber porque aquele... pra saber porque que aquele jovem tá indo pra escola ali, mas ele não tem aquele interesse em estar prestando atenção na aula. E sabendo isso, tentar trabalhar em cima, pra poder... ver se melhora. Em relação isso na educação, ai!

Nesse sentido, acentuam a importância das relações entre professores(as) e alunos(as), em que estes(as) possam ser escutados(as), fazendo da escola um espaço de reflexão sobre a vida:

E... a integração entre alunos e professores, não ficar só o professor dá aula e aluno tem que escrever só, não! Uma recreação entre... vamos esquecer a aula dez minutos e vamos conversar, que é que tá acontecendo na sua casa, que é que vocês 'tão pensando em fazer da vida...

Uma outra demanda significativa diz respeito às cotas nas universidades públicas:

A liberação das cotas pra alunos de escolas públicas nas faculdades.

Essa realidade é reforçada quando se constata que a frequência a outros cursos, além das aulas regulares, é uma realidade presente para um pouco mais da metade dos(as) jovens (59%). Também aqui se percebe uma diferença significativa no acesso aos bens culturais: quem menos participa de cursos extra-escolares são os(as) jovens das camadas sociais mais baixas, negros(as), com baixo nível de escolaridade e que se encontram fora da escola, exatamente aqueles(as) que deveriam ser priorizados(as).

O acesso à informação, principalmente por intermédio dos meios digitais, como o computador e a internet, apresenta um recorte socioeconômico e racial. Têm computador (42,2%) e acesso à internet (34,5%), majoritariamente, jovens brancos(as), oriundos(as) das classes A e B, estudantes com maior grau de instrução e com trajetória na escola privada. Ao mesmo tempo, verificou-se que os espaços públicos de acesso aos meios digitais, como escolas ou telecentros, representam pouco diante da demanda existente ou são pouco divulgados entre os(as) jovens que vivem em um contexto de total desconhecimento desses serviços na esfera pública.

Não podemos esquecer também da dimensão da ocupação do tempo livre, da cultura e do lazer, dimensão essa que é parte da identidade juvenil. A pesquisa Perfil da Juventude Brasileira inquiriu os(as) jovens sobre as práticas culturais e de lazer a que tinham acesso.

Concluiu que os “contrastes socioeconômicos da sociedade brasileira se manifestam eloqüentemente na desigualdade da qualidade do tempo livre juvenil e no precário acesso a bens, serviços e espaços públicos de cultura e lazer da maioria da população juvenil” (Brenner, 2005). Essa constatação é mais séria quando levamos em conta que o tempo livre não é espaço apenas para atividades de lazer, cultura desinteressada e entretenimento. É também momento de construção de relações sociais com múltiplas mediações e interesses em jogo, desde os mais orientados para a satisfação de necessidades pessoais objetivas até aquelas voltadas para o estabelecimento de vínculos sociais, afetivos e espirituais, mais ou menos desinteressados. Não é de se estranhar que os(as) jovens nos GDs demandaram a criação de mais áreas de lazer, principalmente nas periferias:

Eu acho que todos os bairros têm que ter uma área de lazer, uma quadra, qualquer coisa, nem que seja um parquinho pra você brincar e tudo, porque, olha, pra você ver, pensa bem comigo, essas crianças mais novas de sete a sei lá, doze anos, por exemplo, elas saem da escola e o que é que eles vão? Vão pra rua, não tem onde, lugar pra brincar, não tem nada, o que é que elas vão fazer? Vão, né? Fazer coisas erradas, igual a menina ali falou, então eu acho que teria que ter mais área de lazer em relação a isso.

Diante da falta de equipamentos públicos, a escola passa a ser pensada como um centro cultural:

Eu acho que a escola, no final de semana, deveria ser aberta à comunidade, igual ele falou, com coisa de lazer lá dentro, atividades. Eu acho que ela devia ser aberta à comunidade, com certeza, com segurança, né? A comunidade ia participar mais da escola também, ia ver como é que é, ia gostar mais. E eu acho que seria bom.

Outra demanda é por políticas públicas que garantam eventos culturais gratuitos e também a sua divulgação:

É, em matéria de cultura é... poderia estar tendo mais incentivo, mais investimento, mais divulgação, né? Das coisas... Por exemplo, igual aqui mesmo, tem várias atividades culturais, mais ninguém ainda não sabia. Muita gente ainda não sabe, poderia estar havendo mais divulgação. E também poderia estar sendo formado na própria comunidade...

Essas constatações apontam que boa parte dos(as) jovens participantes dos GDs não tem acesso à escola nem a cursos extra-escolares. Já aqueles(as) que estudam, apresentam uma grande demanda e expectativa em relação à escola: como espaço de lazer, de formação profissional, de acesso cultural e de educação mais geral. Para esse grupo, a escola aparece como o grande (ou único) espaço público de acesso aos bens simbólicos. Ao mesmo tempo, criticam a escola que freqüentam, principalmente a relação com os(as) professores(as),

ênfatizando a falta de preparo dos(as) mesmos(as), a desmotivação e falta de paciência para com os(as) alunos(as). Parecem apontar que um dos problemas situa-se exatamente nas relações no interior da escola, o que vem confirmar a tensão existente entre professores(as) e alunos(as) como um dos principais problemas da escola pública, fenômeno confirmado em pesquisas e nos contatos com professores(as). Os(as) alunos(as) criticam também o fato da escola não desenvolver processos educativos que favoreçam posturas e valores que estimulem o associativismo.

Esses(as) mesmos(as) jovens também têm pouco acesso aos meios digitais e também à prática de leitura de livros, evidenciando uma incipiente cultura literária. Não se pode estranhar, assim, o baixo nível de informação demonstrado pela maioria dos(as) jovens participantes dos GDs. Podemos afirmar que a grande parte desses(as) jovens não está tendo acesso a experiências e situações que possibilitem a ampliação do universo sociocultural de origem, vivenciam um contexto que só agrava as inseguranças em relação ao presente e as incertezas quanto à vida, num contexto que tende a reproduzir a desigualdade social.

### **3.7.2 – As perspectivas de participação sociopolítica**

A grande parte dos(as) jovens participantes dos Grupos de Diálogo afirmou não possuir experiências de participação em alguma instância coletiva, seja ela qual for. Essa realidade reflete os índices existentes na RMBH. A pesquisa quantitativa constatou que apenas 20,7% dos(as) jovens afirmaram participar de algum grupo. Destes(as), a maioria encontra-se em grupos que desenvolvem atividades religiosas (43,5%), seguidos(as) por aqueles(as) que desenvolvem atividades culturais (27,1%). Os grupos que desenvolvem atividades esportivas aglutinam 26,6% dos(as) jovens, atividades estudantis (12,6%) e os grupos envolvidos na melhoria das condições de vida no bairro (7,7%). A partir daí, os índices caem de forma significativa: 4,3% desenvolvem atividades de comunicação; 3,9%, atividades político-partidárias ou estudantis; 3,4%, de meio ambiente e ecologia; e, por último, 0,5%, trabalhos voluntários. Chama a atenção a adesão dos(as) jovens às diferentes denominações religiosas, o que evidencia a influência que as igrejas continuam a exercer sobre os(as) jovens, colocando em questão uma pretensa secularização das novas gerações. Ao mesmo tempo, fica muito evidente a presença marcante das atividades de lazer e cultura que, somadas, atingem mais da metade dos(as) jovens, apontando para a centralidade delas na vivência juvenil, já constatada em pesquisas anteriores.<sup>7</sup> Como contraponto, é inexpressiva a participação juvenil nas atividades político-partidárias e estudantis, indicando um esvaziamento das instâncias clássicas de participação.

Ao analisar esses dados, tem-se de fazer um esforço para superar juízos de valor em torno do quanto deveria ser essa participação, que quase sempre cai em conclusões pessimistas em relação à juventude. Ou mesmo superar as idealizações do passado, como

---

<sup>7</sup> Na pesquisa Perfil da Juventude Brasileira (Abramo, 2005), mais da metade dos(as) que dizem participar de algum grupo está inserida em grupos culturais.

aquelas que transformaram a juventude de 1968 em um modelo simbólico. A questão é que são muito poucos os dados sobre a participação juvenil nas décadas passadas, ficando muito complexa qualquer comparação: não se pode afirmar que a juventude contemporânea participa menos ou mais do que as anteriores.

Da mesma forma, são muito poucos os dados sobre a participação sociopolítica do conjunto da população, ficando difícil comparar se a juventude é o único segmento que não apresenta maiores índices de participação ou se essa realidade é do conjunto da população. Considerando os dados de Ribeiro e Santos<sup>8</sup>, infere-se que os índices de participação da juventude não diferem muito do conjunto da população, constatando-se, até mesmo, o baixo nível de envolvimento com os partidos políticos e sindicatos. E mais: quanto maiores os níveis de instrução e de rendimento, maiores as possibilidades de associação, coincidindo com o perfil encontrado na pesquisa quantitativa do(a) jovem que mais participa.

Mas diante da realidade da grande maioria da juventude na RMBH, podemos inferir que uma das causas que explicam os baixos índices de participação social e política dos(as) jovens é o contexto socioeconômico vivenciado pela maioria deles(as), que não estimula a esperança e a crença na ação coletiva como capaz de interferir de algum modo na sua realidade, nem mesmo no lazer. Esse contexto também não oferece os meios para a criação de hábitos e valores favoráveis à participação, nem mesmo para o seu exercício e conseqüente aprendizagem. Por isso a democracia política é muito difícil de efetivar-se sem um mínimo de igualdade econômica substantiva.

Uma segunda hipótese que os dados possibilitam levantar diz respeito às condições que o(a) jovem encontra para viabilizar a sua participação. Um dos motivos possíveis da pouca participação social da juventude pode ser creditado à falta de espaços e de situações que os(as) jovens da Região Metropolitana de Belo Horizonte encontram para o exercício e aprendizagem da vida coletiva e da participação social, experimentação essa que poderia levá-los(as) a acreditar nos possíveis resultados de uma ação coletiva e na força da união, por exemplo.

A escola, como se afirmou anteriormente, é um dos espaços privilegiados para esse processo de aprendizagem. Mas nos GDs, chamou-nos a atenção o fato de os(as) jovens, com pouquíssimas exceções, não referirem às organizações estudantis, nem mesmo apresentarem demandas ou propostas relacionadas à participação estudantil. Parece que os(as) jovens, principalmente aqueles(as) que ainda estudam, não articulam uma identidade como estudantes. Essas evidências são reforçadas pela pesquisa quantitativa, que constatou que mais da metade dos(as) estudantes desconhece a existência de grêmio estudantil, de representação de classe, de conselho de classe e de conselho de escola, e menos de 1/5 participa dessas instâncias.

Significa dizer que a escola, tanto a pública quanto a privada, não tem priorizado a questão da participação como uma dimensão importante do processo educativo vivenciado

---

<sup>8</sup> Citado em IBASE, 2004.

pelos(as) jovens, e, o que é mais sério, nem mesmo os(as) tem informado a respeito da existência dessas instâncias. Uma resposta fácil diante desses dados é atribuir o problema ao(à) jovem aluno(a), considerando-o(a) desinteressado(a) ou apático(a). Mas a pesquisa evidencia que, quando a escola oferece atividades diferenciadas, o(a) aluno(a) se envolve. Na metade das escolas que oferecem as atividades mencionadas anteriormente, há uma participação significativa de mais de 60% dos(as) alunos(as). Nos GDs, era perceptível o desejo dos(as) jovens em participar dos debates e nas avaliações finais. Foi expressivo o número dos(as) que manifestaram vontade de continuar a discussão e também de inserir-se em algum coletivo.

Essa realidade da escola pode ser transposta para grande parte das instituições clássicas, como os partidos e os sindicatos. No geral, podemos afirmar que não existe uma política de estímulo à participação juvenil através da criação de mecanismos próprios que possam tanto estimular como facilitar essa participação. As organizações juvenis partidárias existentes, por exemplo, tendem a não criar uma linguagem, nem mesmo atividades que aproximem do perfil do(a) jovem, reproduzindo as mesmas práticas e vícios das organizações partidárias adultas. A mesma situação vem ocorrendo com as coordenadorias ou secretarias de juventude criadas por inúmeras prefeituras da Região. Até então não tem sido perceptível qualquer movimento que venha de encontro às demandas juvenis por espaços participativos. Parece existir uma falta de sensibilidade do mundo adulto e suas instituições em perceber essa realidade e criar espaços institucionais, além da escola, que estimulem a participação dos(as) jovens e o desenvolvimento de valores democráticos.

É nesse contexto que devemos analisar o posicionamento dos(as) jovens diante das três opções dadas de Caminhos Participativos, buscando entender quais as perspectivas de participação que apontam.

Caminho 1 – Foi o Caminho que recebeu a menor adesão nos cinco GDs, mas, na discussão nos subgrupos e nas plenárias, todos(as) reconheciam a sua importância, afirmando a importância do governo para a implementação das suas demandas. É importante assinalar que os(as) jovens tenderam a compreender a participação política expressa no Caminho 1 como a ação institucional do governo, e não com uma atuação dos(as) jovens em outras articulações, como movimento estudantil, grêmios etc. Temos como hipótese que o pouco conhecimento dos(as) jovens sobre o que vem a ser a “vida política” e a sua pouca inserção em ações políticas juvenis possa ser um dos motivos dessa leitura restrita do Caminho 1.

Parece-nos também que os(as) jovens indicam que o Caminho da participação política mais organizada pertence ao mundo adulto, e mais ainda, a um determinado tipo de engajamento político mais tradicional: os partidos, a representação na Câmara dos Vereadores, entre outros. Talvez seja a essa dimensão dessa forma “tradicional” de política que a realidade juvenil consiga chegar: ao(à) vereador(a) eleito(a) no bairro, ao(à) vereador(a) que paga algum dinheiro para a contribuição na campanha política. Ou seja, a uma ação reivindicativa junto às instituições constituídas, como a Câmara Municipal e seus(suas)



vereadores(as), ou mesmo a prefeitura. Podemos inferir que os(as) jovens não se percebem como atores, sujeitos de uma ação que possa interferir na realidade e nas instituições.

Nesse sentido, a rejeição ao Caminho 1 parece demonstrar uma certa descrença nas formas de engajamento político mais tradicionais e também a falta de conhecimento sobre a vida política mais abrangente e a pouca experiência dos(as) jovens em ações como essas. Mas também nos alerta para uma visão muito restrita das possibilidades de intervenção na realidade como atores, sujeitos e cidadãos(ãs).

Caminho 2 – Podemos afirmar que foi o Caminho que teve maior adesão, seja sozinho, seja mesclado com os outros Caminhos. No item anterior fizemos algumas considerações em torno dessa escolha dos(as) jovens. Pontuamos ali que os(as) jovens viram nas ações voluntárias, mas realizadas de forma coletiva, o Caminho possível de atingir as demandas propostas. Ficou claro nos debates que eles(as) têm consciência dos limites desse tipo de envolvimento participativo, mas admitem que “já é alguma coisa”. Nas argumentações também ficou perceptível que esse Caminho era o mais flexível em relação à disponibilidade de tempo e do grau de envolvimento, possibilitando níveis diferenciados de adesão. Um outro aspecto é o fato desse tipo de ação possibilitar resultados mais imediatos e visíveis, além de ser o que parece possibilitar um maior controle das ações, muito diferente de um partido político, por exemplo. Como entender essa posição?

Não temos a pretensão de esgotar a análise, apenas apontar algumas inferências possíveis. A ênfase no voluntariado pode estar expressando a falta de canais de participação, fato que não possibilita o estímulo, muito menos a experimentação de formas diferenciadas de participação social, o que leva a um descrédito da efetividade das ações coletivas.

Podemos também ver nessa escolha dos(as) jovens um traço da cultura brasileira, que tem como um dos seus valores a solidariedade. Mas no contexto histórico de uma sociedade marcada pela desigualdade socioracial e pela hierarquização das relações, a prática da solidariedade tende a assumir um padrão assistencialista, presente transversalmente em todas as camadas sociais, e reforçada pelas práticas religiosas institucionais. Assim, as ações voluntárias, como expressão cultural, passam a ser naturalizadas, uma consequência natural das “boas intenções” dos(as) jovens.

Finalmente, essa adesão pode ser creditada à forma como a juventude contemporânea vem lidando com as dimensões do tempo. Algumas pesquisas evidenciam que a participação juvenil tem se caracterizado pela fluidez, pelo nomadismo e pela intermitência, além de sinalizar para formas de agregação pontuais, com objetivos determinados e no presente. Essas características têm relação com as transformações mais amplas introduzidas no contexto das sociedades complexas, como a velocidade das transformações tecnológicas, que ampliam as incertezas características desse nosso tempo. Segundo Leccardi (1991), diante dessas incertezas, a busca de sentido é transferida para o presente, num eixo temporal curto que tornaria possível seu controle. Assim, o presente de hoje não é mais só a ocasião e o lugar, quando e onde se formulam as questões às quais se responde interrogando o passado e o

futuro, mas também é a única dimensão do tempo que é vivida se maiores incômodos e sobre a qual é possível concentrar a atenção. Assim, o voluntariado como uma ação que tem algum resultado imediato e visível e, até certo ponto, passível de controle, pode estar expressando o tempo e ritmo da juventude contemporânea.

Um outro exemplo dessa realidade juvenil pode ser visto na pesquisa quantitativa (DAYRELL, 2005), no quesito da participação comunitária. O índice de jovens que afirmam participar de algum grupo ou associação é pequeno (7,7%), mas quanto à participação em algum movimento ou mobilização para alguma melhoria no bairro, esse índice sobe para 19,9%, o que pode reforçar a idéia de que os(as) jovens se dispõem a participar de contextos e situações mais concretas, que dêem retorno imediato.

Caminho 3 – No geral, podemos afirmar que o Caminho 3 foi a segunda maior adesão dos(as) jovens. Mas apareceu de forma difusa, na maioria das vezes diluído no Caminho 2. A ênfase dada foi ao grupo, ao coletivo, e não tanto à linguagem cultural. Pareceu-nos que a dimensão de grupo presente na vida dos(as) jovens foi interpretada como ação social e prática coletiva, e não necessariamente como uma inserção política e cultural diferenciada. Parece que eles(as) não percebem a dimensão política presente na ação cultural.

Uma explicação possível pode ser creditada à pouca abrangência dos grupos culturais na RMBH. Como analisamos anteriormente, 20,7% dos(as) jovens desenvolvem alguma atividade coletiva; destes(as) apenas 27,1% estão envolvidos(as) em atividades culturais das mais diversas, como música, dança ou teatro. Ao mesmo tempo, grande parte desses(as) jovens, como vimos, não tem acesso aos bens culturais e simbólicos, além de apresentar dificuldades em circular pela cidade, fatores que limitam o conhecimento e a adesão a grupos culturais.

Nessa análise inicial dos Grupos de Diálogo, podemos constatar a riqueza dos dados existentes que ainda demandam um esforço de adensamento teórico que possibilite compreender melhor o posicionamento dos(as) jovens diante da realidade nacional e as perspectivas que apontam para uma inserção ativa na vida social e política do país. Podemos afirmar que ainda conhecemos pouco esse(a) jovem que participou dos GDs, o(a) cidadão(ã) comum, integrante daquela maioria que não participa de projetos de qualquer natureza, que praticamente não é contemplado(a) por nenhuma política pública, a não ser a escola. E voltamos a insistir no aparentemente óbvio: a escola é uma das poucas instituições públicas que atingem de forma mais universal a juventude brasileira. Daí a importância de uma mobilização em torno da valorização da escola pública, de um maior investimento de políticas públicas educacionais, da reivindicação de uma Pedagogia da Juventude, um projeto político-pedagógico que tenha como centro o(a) jovem, suas demandas e necessidades.

---

## 4 – Bibliografia

- ABRAMO, Helena & BRANCO, Pedro Paulo Martoni. Retratos da Juventude Brasileira: análises de uma pesquisa nacional. São Paulo: Editora Fundação Perseu Abramo. 2005
- BENDIT, René. Participación social y política de los jóvenes en países de la Unión Europea. In: BALARDINI, Sergio (Comp.). La participación social y política de los jóvenes en el horizonte del nuevo siglo. Buenos Aires: CLACSO, 2000. p. 19-58.
- BRENNER, Ana Karina; CARRANO, Paulo; DAYRELL, Juarez. Juventude brasileira: culturas do lazer e do tempo livre dos jovens brasileiros. In: ABRAMO, Helena & BRANCO, Pedro Paulo Martoni. Retratos da Juventude Brasileira: análises de uma pesquisa nacional. São Paulo: Editora Fundação Perseu Abramo. 2005
- CARRANO, Paulo. Os jovens e a cidade. Rio de Janeiro: Relume Dumará, 2002.
- CARROCHANO, Maria Carla. Jovens operários e operárias: experiência fabril e sentidos do trabalho. In: Perspectiva. Revista do Centro de Ciências da Educação. Florianópolis. Vol 22, no. 2, julho-dezembro 2004
- DAYRELL, Juarez. Relatório Preliminar da Pesquisa Quantitativa: Juventude Brasileira e Democracia. 2005. mimeo.
- \_\_\_\_\_. A música entra em cena: o rap e o funk na socialização da juventude. Belo Horizonte: Editora da UFMG. 2005
- IBASE. Juventude brasileira e democracia: participação, esferas e políticas públicas. Marco Zero, jul. 2004. Mimeo.
- LECCARDI, Carmem. Orizzonte del tempo: esperienza del tempo e mutamento sociale. Milano: Franco Angeli, 1991.
- POCHMANN, Marcio. Emprego e desemprego juvenil no Brasil: as transformações nos anos 1990. In: FÁVERO, Osmar; CARRANO, Paulo; RUMMERT, Sonia M. (org.). Juventude, educação e sociedade. Movimento: revista da Faculdade de Educação da Universidade Federal Fluminense. Rio de Janeiro, no. 1, p. 52-72, .maio, 2000,
- SPOSITO, Marília. Algumas hipóteses sobre as relações entre movimentos sociais, juventude e educação. Revista Brasileira de Educação, ANPED, no. 13, 2000.

---

## 5 – Anexos

Prezado (a) \_\_\_\_\_

Esta carta é um convite para você participar de uma conversa com outros(as) jovens. Trata-se de um dia inteiro de bate-papo em que queremos ouvir a sua opinião sobre os problemas que a juventude enfrenta em seu dia-a-dia e as formas através das quais os(as) jovens poderiam estar participando para ajudar a resolver esses problemas. Essa conversa faz parte de uma pesquisa nacional e está acontecendo em outras oito regiões brasileiras. A coordenação é feita pelo Instituto Brasileiro de Análises Sociais e Econômicas (Ibase) e pelo Instituto de Estudos, Formação e Assessoria em Políticas Sociais (Pólis) – com a ajuda de uma rede de instituições em oito Regiões Metropolitanas do país. Aqui na Região de Belo Horizonte, a instituição responsável é o Observatório da Juventude da UFMG.

A primeira fase dessa pesquisa aconteceu entre os meses de outubro e de dezembro de 2004, e você deu a sua contribuição respondendo a um questionário sobre juventude e participação, quando foi abordado próximo a sua casa, lembra? Você vai ter mais uma oportunidade de participar, dessa vez conversando com outros(as) jovens sobre a realidade da juventude no Brasil e as coisas que precisam acontecer para termos um Brasil melhor. Entre os(as) que responderam ao questionário da 1ª fase da pesquisa, escolhemos ao acaso alguns(mas) jovens para participar desse diálogo.

Estamos convidando você para participar do encontro que se realizará no dia 2 de abril, sábado, das 8 às 18 horas, no CENTRO CULTURAL DA UFMG, na Av. Santos Dumont, 174 (esquina com a rua da Bahia, em frente à Praça da Estação). Nesse dia, estaremos oferecendo café da manhã, almoço e um lanche à tarde, além de 50 reais para o transporte e em compensação das horas que você estará dedicando ao encontro. Para que todos(as) possam participar igualmente, avisamos que não será permitida a participação daqueles(as) que chegarem após às 9:00 horas

Junto com essa carta, você está recebendo uma agenda resumida do nosso Dia de Diálogo. Além disso, se você ou seus responsáveis quiser(em) mais informações sobre as organizações responsáveis pela iniciativa, sobre a pesquisa ou sobre o Dia de Diálogo, basta entrar em contato com Ângela, na Faculdade de Educação da UFMG, no Campus da Pampulha, sala 1556, telefone 3499-5304, ou com o Prof. Juarez Dayrell, no celular 9967-2954 (pode ligar a cobrar sem o menor problema)

Ficaremos muito felizes se você puder participar dessa conversa entre jovens sobre a sua realidade e os caminhos para melhorar a vida da juventude no país.

Aguardamos você lá!

Um abraço,

-----

Prof. Juarez Dayrell

Supervisor Regional da Pesquisa em Belo Horizonte

**Tabela 1 – Síntese dos Comentários Iniciais**

<b>Comentários Iniciais (temas questões)</b>	<b>Grupo de Diálogo Experiência Participativa (02/04/05)</b>	<b>Grupo de Diálogo 15-18 (16/04/05)</b>	<b>Grupo de Diálogo 18-24 (23/04/05)</b>	<b>1º Grupo de Diálogo 15-24 (30/04/05)</b>	<b>2º Grupo de Diálogo 15-24 (07/05/05)</b>
Violência/Segurança	6	15	15	15	10
Violência contra a mulher	1	--	--	--	--
Emprego /Trabalho/Falta de oportunidade	10	11	12	1	5
Desigualdade social	6	2	8	2	1
Educação	5	2	8	2	--
Acesso ao Ensino Superior	2	--	1	--	--
Fome/Miséria	2	--	1	1	2
Corrupção/Maus (más) políticos(as)/ governantes	4	1	4	--	--
Saúde	4	--	1	1	--
Desinformação das pessoas	3	--	--	--	1
Cultura	1	--	--	--	--
Drogas	2	--	--	1	1
Meio ambiente	1	--	1	--	--
Falta de solidariedade	--	1	--	1	--
Situação financeira do país/Juros	--	1	--	1	--
Preconceito	--	1	4	--	--
Desigualdade racial	--	--	1	--	--
Menores abandonados(as)	--	--	1	--	--
Construção de novos presídios	--	--	--	1	--
Juventude/jovens	--	--	1	--	1

**Tabela 2 – Comentários Iniciais por GD**

**GD1**

<b>Comentários Iniciais (temas/questões)</b>	<b>Grupo de Diálogo 1 – Experiência Participativa (02/04/05)</b>
Temas/ Questões	Exemplos de falas dos(as) jovens que abordam esse tema/questão
Violência/ Segurança	“É essa matança que tá aí, né?, no Brasil” “A violência e a desigualdade social”
Violência contra a mulher	“A violência contra a mulher”
Emprego/Trabalho/ Falta de oportunidade	“A falta de oportunidade que o jovem não tem. (...) As empresa não dão oportunidade pra aprender, pra ensinar.” “A falta de emprego” “A falta de oportunidade que quase ninguém tem, ainda mais de... quem tem a classe..., quem vem da classe mais baixa. Geralmente eles não dão assim, outras oportunidades.” “Drogas, violência, desemprego em geral. A falta de oportunidade.”
Desigualdade social	“O que mais me preocupa no Brasil é a desigualdade social. Com certeza! É o fator mais... que nos preocupa a todos, eu creio que a mim e a todos que aqui estão.” “E o que mais me preocupa no Brasil é o desemprego, a desigualdade social e a saúde.”
Educação	“Falta de alfabetização, juvenil também. Para todos.” “O precário investimento na educação e a sua expansão em gera.”
Acesso ao Ensino Superior	“A minha entrada na faculdade” “Aquela dificuldade de entrar na faculdade”
Fome/miséria	“A fome”
Corrupção/Maus(más) políticos(as)/ governantes	“A corrupção e os maus políticos” “A negligência das autoridades” “Desonestidade”
Saúde	“A saúde e a educação”
Desinformação das pessoas	“A falta de informação, educação, e eu acho que isso envolve quase todos os problemas do Brasil.” “A desinformação social”
Cultura	“A cultura e a educação”
Drogas	“Esse crescimento na juventude com dependências químicas”
Meio ambiente	“Algo que vai ser futuro que é a guerra atrás da nossa água.”

**Tabela 2 – Comentários Iniciais**  
**GD2**

<b>Comentários Iniciais (temas/questões)</b>	<b>Grupo de Diálogo 2 – 15-17 anos (16/04/05)</b>
Temas/ Questões	Exemplos de falas dos(as) jovens que abordam esse tema/questão
Violência/Segurança	“A violência”
Emprego/Trabalho/ Falta de oportunidade	“O desemprego e a falta de oportunidade”
Desigualdade social	“A desigualdade social”
Educação	“O Caminho da educação, que ela tá enfraquecendo muito na escola municipal, estadual, escola pública.” “A educação nas escolas e principalmente periferias.”
Corrupção/maus(más) políticos(as)/ governantes	“O que mais me preocupa no Brasil são os governantes.”
Falta de solidariedade	“Falta de solidariedade nas pessoas”
Situação financeira do país/Juros	“É a situação financeira do país”
Preconceito	“O preconceito”

**Tabela 2 – Comentários Iniciais**

**GD3**

<b>Comentários Iniciais (temas/questões)</b>	<b>Grupo de Diálogo 3 – 18-24 anos (23/04/05)</b>
Temas/ Questões	Exemplos de falas dos(as) jovens que abordam esse/a tema/ questão
Violência/Segurança	<p>“A violência”</p> <p>“O que mais me preocupa é a criminalidade. O que eu acho que gera isso é a falta de empregos. Se tivesse mais emprego, com certeza os jovens hoje estariam mais ocupados, e não teria isso.”</p>
Emprego/Trabalho/ Falta de oportunidade	<p>“Falta de oportunidade para nós, jovens”</p> <p>“A falta de oportunidade, falta de emprego”</p> <p>“A falta de oportunidade que o jovem tem ao mercado de trabalho. Porque os empresários geralmente procuram uma pessoa que já tem experiência área e não tem muito trabalho pra poder colocar jovem no mercado de trabalho, já que ele não tem experiência.”</p> <p>“A falta de estudo e trabalho pra todos, né? Todo mundo precisa trabalhar pra estudar também.”</p>
Desigualdade social	<p>“A diferença social”</p> <p>“A má distribuição de renda”</p>
Educação	<p>“Os estudos”</p> <p>“O acesso a educação”</p> <p>“Educação no Brasil que está cada dia mais precária.”</p>
Acesso ao Ensino Superior	“A dificuldade de acesso a cursos superiores, a educação superior”
Fome/Miséria	<p>“A miséria”</p> <p>“A fome”</p>
Corrupção/maus(más) políticos(as)/ governantes	<p>“A corrupção”</p> <p>“A política de alguns governantes”</p> <p>“A falta de compromisso dos nossos líderes”</p>
Saúde	“A saúde”
Meio ambiente	“A poluição”
Preconceito	<p>“O preconceito”</p> <p>“Preconceito social”</p> <p>“O preconceito, todo tipo assim, religioso... ah, regional mesmo.”</p>
Desigualdade racial	“Diferença racial e social”
Menores abandonados(as)	“Os menores abandonados”
Juventude/jovens	“Os jovens”



**Tabela 2 – Comentários Iniciais**  
**GD4**

<b>Comentários Iniciais (temas questões)</b>	<b>Grupo de Diálogo 4 – 15-24 anos (30/04/05)</b>
Temas/ Questões	Exemplos de falas dos(as) jovens que abordam esse tema/questão
Violência/Segurança	“A violência em geral” “Mortalidade no Brasil”
Emprego/Trabalho/ Falta de oportunidade	“Falta de oportunidade para arrumar um bom serviço”
Desigualdade social	“A desigualdade social” “A divisão de classe social”
Educação	“A educação”
Fome/Miséria	“Me preocupo, assim, com a fome, que muitas crianças, eu fico vendo, assim, pela televisão, no vale do Jequitinhonha, passando fome”
Saúde	“A saúde”
Drogas	“As drogas”
Falta de solidariedade	“Falta de confraternização”
Situação financeira do país/Juros	“Sem dúvida, acho que é o juros, po que sem o juros a gente teria tudo.”
Construção de novos presídios	“A construção de novos presídios”

**Tabela 2 – Comentários Iniciais**  
**GD5**

<b>Comentários Iniciais (temas/questões)</b>	<b>Grupo de Diálogo 15-24 anos (07/05/05)</b>
Temas/ Questões	Exemplos de falas dos(as) jovens que abordam esse tema/questão
Violência/Segurança	“A sociedade muito violenta”
Emprego/Trabalho/ Falta de oportunidade	“O desemprego”
Desigualdade social	“A desigualdade social, né? O pessoal que passa muita fome, né? Todo mundo assim, muita gente jogada na rua, não tem nenhuma informação, nada, entre outras coisas, né?”
Fome/miséria	“Muita fome”
Desinformação das pessoas	“Nenhuma informação”
Drogas	“A violência e as drogas que tá nos jovens hoje em dia”
Juventude/jovens	“A juventude”

**TABELA 3**  
**PLENÁRIA DA MANHÃ**  
**SEMELHANÇAS E DIFERENÇAS**

**GD1 – Jovens com experiência prévia de participação**

**02/04/2005**

**SEMELHANÇAS – MANHÃ**

<b>Educação</b>	<b>Trabalho</b>	<b>Cultura/Lazer</b>
Melhor qualificação dos(as) professores(as)/Prof. conhecer mais os(as) alunos(as)	Aumentar as oportunidades de trabalho para os(as) jovens	Ter mais centros de cultura nos bairros com apoio do governo
Mais verbas para a educação	Os(as) jovens devem buscar formas alternativas de trabalho	Ter mais iniciativas com apoio dos(as) jovens e dos(as) empresários(as)
Maior compromisso dos(as) governantes	As empresas devem investir na qualificação dos(as) jovens	Maior divulgação e informação sobre os eventos culturais
	O governo deve investir na formação dos(as) jovens para trabalho alternativo	Valorização das diferentes culturas no Brasil

**DIFERENÇAS:**

- Segurança nas escolas (a forma de garantir a segurança)
- Escola Plural
- Dar uma segunda chance para quem esteve cumprindo penas

**(TRABALHO ALTERNATIVO)**

- Trabalho alternativo X Carteira assinada
- Trabalho voluntário (cultura)
- Maior segurança nos espaços de cultura/lazer

**GD2 – Jovens com idade entre 15 e 17 anos**

**16/04/2005**

**SEMELHANÇAS – MANHÃ**

<b>Educação</b>	<b>Trabalho</b>	<b>Cultura/Lazer</b>
A escola deve abrir seus espaços nos finais de semana para atividades de lazer e cultura	Criar cursos de qualificação profissional para os jovens.	Mais polícia, com mais qualidade
Mais compreensão e diálogo entre professores(as) e alunos(as)	Estágios com oportunidade de aprendizagem.	Criar mais áreas de lazer nos bairros mais necessitados
Maior qualificação dos(as) professores(as)		

**DIFERENÇAS:**

- Áreas de lazer com mais organização
- Não há necessidade de mais áreas de lazer, mas sim de organização da utilização destas
- Áreas de lazer com organização não só do governo, mas também da comunidade local

**GD3 – Jovens com idade entre 18 e 24 anos**

23/04/2005

**SEMELHANÇAS – MANHÃ**

<b>Educação</b>	<b>Trabalho</b>	<b>Cultura/Lazer</b>
Melhor relação entre professores(as) e alunos(as)	Mais oportunidades de aprendizagem (com controle) no trabalho para jovens	Expansão de centros culturais nas escolas com organização e mais divulgação
Cotas para alunos(as) das escolas públicas	Redução da jornada de trabalho para os estudantes	Ampliação da campanha de popularização dos eventos culturais (teatro, cinema etc) com mais divulgação
Investimento do governo na educação para melhorar as condições das escolas	Reformular o Programa Primeiro Emprego para que ele funcione de fato	
Voltar a reprovação dos(as) alunos(as), maior cobrança dos(as) alunos(as), cobrar frequência		

**DIFERENÇAS:**

- Reciclagem dos(as) professores(as)
- Extinção da Escola Plural
- O interesse do(a) aluno(a) (a nota não é tudo)
- Maior interação entre as associações de bairro
- Passe livre com fiscalização

**GD4 – Jovens com idade entre 15 e 24 anos**

**30/04/2005**

**SEMELHANÇAS – MANHÃ**

<b>Educação</b>	<b>Trabalho</b>	<b>Cultura/Lazer</b>
Educação de boa qualidade	Dar mais oportunidades de trabalho por meio de estágios	Ter projetos e atividades de lazer
Professores(as) bem formados(as)		Ter segurança para as atividades de lazer
Cursos profissionalizantes em escolas públicas e na comunidade, com controle e fiscalização		Abrir escolas nos finais de semana
		Criar centros de lazer e cultura nos bairros

**DIFERENÇAS**

- PRO UNI
- Ter projetos de lazer e cultura nos finais de semana X “de segunda a segunda”
- Juros e impostos

**GD5 – Jovens com idade entre 15 e 24 anos**

**07/05/2005**

**SEMELHANÇAS – MANHÃ**

<b>Educação</b>	<b>Trabalho</b>	<b>Cultura/Lazer</b>	<b>Saúde</b>
Mais segurança nas escolas	Mais oportunidade de emprego, sem preconceito	Mais áreas de lazer	Mais verbas públicas para a saúde
Melhor formação dos professores(as)	Cursos profissionalizantes grátis		
Acesso aos computadores nas escolas (grátis)			

**DIFERENÇAS:**

- Mais vagas nas escolas públicas
- Mais livros grátis nas escolas
- Mais informação sobre sexualidade nas escolas

**TABELA 3.1**  
**SEMELHANÇAS – EDUCAÇÃO**

**Professores(as) mais qualificados – 3/5**

(número de Diálogos em que aparece total de Diálogos realizados)

<b>GD1 – Jovens com experiência prévia de participação – 02/04/2005</b>	<p>“Então a capacitação de professores seria muito melhor pra educação, seria muito bom cara!”</p> <p>“Professores.... desqualificados, porque os professores não tão tendo qualificação pra ensinar os alunos. E a gente ta saindo das escolas sem nenhuma preparação pra ta fazendo uma faculdade ou qualquer outra coisa”.</p> <p>“Bem é..., pra educação nós colocamos. Professores muito inteligentes, mas somente pra eles.”</p>
<b>GD2 – Jovens com idade entre 15 e 17 anos – 16/04/2005</b>	<p>“Qualificação dos professores nas escolas: pra mim e pelo meu grupo a gente chegou à conclusão que a cada dia, a cada ano que passa, os professores estão chegando na área da educação mais jovens, é... está acontecendo do professores não terem paciência de explicar a matéria...”</p>
<b>GD4 – Jovens com idade entre 15 e 24 anos – 30/04/2005</b>	<p>“Muitos professores não têm aquele estímulo de trazer o aluno pra dentro da sala e ficar atento ao que está sendo passado. É... então aí entra a questão do incentivo pros alunos, que são os professores estarem motivando suas aulas para trazerem esses alunos pra dentro da sala.”</p> <p>“A gente chegou a um consenso, a educação de boa qualidade, professores bem formados, essas coisas... e curso profissionalizantes.”</p>

**Melhor relação entre professores(as) e alunos(as) – 3/5**

<b>GD1 – Jovens com experiência prévia de participação – 02/04/2005</b>	<p>“Rolar um trabalho pra capacitar os professores, pra saber com que tipo de aluno, jovens, eles’ tão lidando... assim. Pra saber porque aquele..., pra saber porque que aquele jovem tá indo pra escola ali, mas ele não tem aquele interesse em estar prestando atenção na aula. E, sabendo isso, tentar trabalhar em cima, pra poder... ver se melhora. Em relação isso na educação, ai!”</p>
<b>GD2 – Jovens com idade entre 15 e 17 anos – 16/04/2005</b>	<p>“Eu acho que ta aí, os professores têm que ter a paciência de estar ali explicando, de falar ‘oh, tem algum problema? Se você quiser, eu te explico de novo, se for preciso a gente fica nas outras aulas’...”</p>
<b>GD3 – Jovens com idade entre 18 e 24 anos – 23/04/2005</b>	<p>“E... a integração entre alunos e professores, não ficar só o professor dá aula e aluno tem que escrever só, não! Uma recreação entre... vamos esquecer a aula dez minutos e vamos conversar, que é que tá acontecendo na sua casa, que é que vocês’ tão pensando em fazer da vida.”</p>



### Mais verbas para a educação – 2/5

<b>GD1 – Jovens com experiência prévia de participação – 02/04/2005</b>	Falta de verbas. Professores mais qualificados. Governo investir mais nas escolas.  “Aí que nós pegamos e colocamos os pontos negativos na educação. Falta de verbas...”
<b>GD3 – Jovens com idade entre 18 e 24 anos – 23/04/2005</b>	“É... é investimento né? É nas escolas, no espaço, nos livros. Investir no professor também, porque a reciclagem é importante, pois a gente tem que olhar o lado do professor também. Porque ele estuda lá, dez anos, doze anos na faculdade, fazendo doutorado, sei lá o que, um monte de coisa. Pra depois ir lá e trabalhar numa escola... que tem que trabalhar dois horários pra ver se ganha um pouquinho a mais. Então ele pode trabalhar a vida inteira e nunca vai suprir o que ele pagou a faculdade. Então tem que ter um... olhar também o lado do professor, né? Investimento do governo mesmo, professor, aluno e escola.”

### Compromisso dos governantes com a educação – 1/5

<b>GD1 – Jovens com experiência prévia de participação – 02/04/2005</b>	“Criar mais opções de estudo e informatização. Falta de verbas. Professores mais qualificados. Governo investir mais nas escolas.”
---	--

### Abertura do espaço da escola nos fins de semana – 1/5

<b>GD2 – Jovens com idade entre 15 e 17 anos – 16/04/2005</b>	“Abrir as escolas nos fins de semana com a orientação de alguém, porque eles não abrem com medo de vandalismo, com medo de... das pessoas, é... quebrarem a escola, roubarem, fazerem alguma coisa desse tipo.”
---	---

### Cotas para alunos da escola pública – 1/5

<b>GD3 – Jovens com idade entre 18 e 24 anos – 23/04/2005</b>	“A liberação das cotas pra alunos de escolas públicas nas faculdades.”
---	--

**TABELA 3.2**  
**SEMELHANÇAS – TRABALHO**

**Investimento na qualificação profissional dos(as) jovens por parte do governo e das empresas – 5/5**

<b>GD1 – Jovens com experiência prévia de participação – 02/04/2005</b>	“A proposta é as empresa fornecer mais qualificação pras pessoas”
<b>GD2 – Jovens com idade entre 15 e 17 anos – 16/04/2005</b>	“O governo oferecer cursos profissionalizantes, porque hoje em dia, as empresas, elas pedem experiência, mas como que uma pessoa que nunca trabalhou vai ter experiência pra trabalhar?”
<b>GD3 – Jovens com idade entre 18 e 24 anos – 23/04/2005</b>	“Mais oportunidade... de emprego pra... de aprendizagem... de emprego com aprendizagem para jovens, sem colocar o nome de estágio”
<b>GD4 – Jovens com idade entre 15 e 24 anos – 30/04/2005</b>	“Às vezes, tem muitas vagas, quando a gente chega na empresa e você não tem qualificação, você não tem oportunidade. Agora eu te pergunto: toda vez que você chega numa empresa, ela te fecha as portas, como é que você vai conseguir experiência? Eu acho que as empresas deviam dar mais oportunidade pra gente mostrar o trabalho. Dar um estágio que te paga meio... eu te pago a metade do salário para você aprender e depois eu te pago mais . Devia dar mais oportunidade pra gente aprender.
<b>GD 5 – Jovens com idade entre 15 e 24 anos – 07/05/2005</b>	“Então uma coisa que nós ‘tavamos discutindo dentro dessa área de abertura de profissionalizantes grátis é isso, para que o governo possa fazer com que em todo lugar tenha isso, para que possa crescer mais; para que os jovens possam começar a trabalhar que possa ter um incentivo a partir daquilo, a partir daquele curso profissionalizante.”

### Cursos profissionalizantes em escolas públicas e na comunidade – 3/5

<p><b>GD2 – Jovens com idade entre 15 e 17 anos – 16/04/2005</b></p>	<p>“O governo oferecer cursos profissionalizantes, porque hoje em dia, as empresas, elas pedem experiência, mas como que uma pessoa que nunca trabalhou vai ter experiência pra trabalhar? O governo oferecer trabalho de aprendiz... e as empresas ter carga horária menor para estudantes que trabalham, porque muitas pessoas pegam trabalho... serviço cedo, aí saem do serviço e vão direto pro colégio, saem do colégio à noite e têm pouco tempo pra poder descansar.”</p> <p>“Mais cursos profissionalizantes para que o jovem consiga ficar na empresa”</p>
<p><b>GD4 – Jovens com idade entre 15 e 24 anos – 30/04/2005</b></p>	<p>“Porque cursos profissionalizantes, assim... profissionalizantes... porque a computação, igual a maioria, com certeza não tem acesso por ser muito caro. Igual eu abordei o tema, que eu já perdi dois empregos por não ter e não fiz porque é muito caro...”</p> <p>“Esses cursos profissionalizantes tinham que ser somente para estudantes, para incentivar as pessoas que não estão estudando que parou, a voltar a estudar. É isso que eu acho.”</p>
<p><b>GD5 – Jovens com idade entre 15 e 24 anos – 07/05/2005</b></p>	<p>“Estamos aqui com trabalho cultura e lazer, é... a primeira proposta que nós colocamos foi abertura de cursos profissionalizantes grátis.”</p>

### Criação de oportunidade de estágio – 2/5

<p><b>GD2 – Jovens com idade entre 15 e 17 anos - 16/04/2005</b></p>	<p>“Podemos criar também a criação de mais estágios, recursos em várias coisas, né? Pra estar melhorando a nossa educação”</p> <p>“A gente tá querendo mais oportunidade pro jovem, porque hoje em dia, pelo o que o governo tá passando pra gente, o estágio tá custando mais barato para as empresas do que estar empregando umas pessoas mesmo. E ele dando essa oportunidade pra gente, vai estar dando pra gente estar ajudando em casa, é... pessoas que não têm, ah... no caso... condições de estar sustentando a família direito, a gente pode estar ajudando”</p>
<p><b>GD4 – Jovens com idade entre 15 e 24 anos – 30/04/2005</b></p>	<p>“Agora, na parte do trabalho, nós colocamos mais oportunidades para os jovens, por quê? Porque vagas para emprego, tem até bastante, o que eles não dão são oportunidades para que esses jovens se instalem nessas empresas, por quê? Falta de experiência! Como é que os jovens terão experiência se nenhuma empresa dá essa oportunidade pra obter essa experiência? Então por isso que nós colocamos essas oportunidades...”</p>

### Mais oportunidade de trabalho para os jovens – 2/5

<b>GD1 – Jovens com experiência prévia de participação – 02/04/2005</b>	“Trabalho (risos)... trabalho... dar mais oportunidades, porque emprego tá difícil pra todo mundo realmente. E se o governo às vezes abrir novos campos pros jovens tá trabalhando...é...incentivando pra eles conseguirem experiência, vai melhorar bastante”.
<b>GD5 – Jovens com idade entre 15 e 24 anos – 07/05/2005</b>	“Então eu acho que se a gente tivesse mais oportunidade de emprego, a gente ia ter mais força de vontade até pra estudar, entendeu?”  “É... a gente discuti também, eu até esqueci de falar... que quando uma pessoa vai procurar um emprego também tem muito preconceito. Se for uma loirinha e uma mulatinha, com certeza, isso já aconteceu lá no meu bairro, eles dão preferência pra loira”

### Os(as) jovens devem buscar formas alternativas de trabalho – 1/5

<b>GD1 – Jovens com experiência prévia de participação – 02/04/2005</b>	“Tem também a criação de trabalhos alternativos, ou seja, você fazer uma vela de artesanato pra vender. Isso não é vergonha!”  “Concordo. Foi que nem a menina citou ali: vender picolé na rua não é vergonha. Mas eu acho que o objetivo tinha que ser tirar essas pessoas da rua, e trabalhar de carteira assinada. Porque a pessoa que vende picolé na rua, fruta na rua, não tem uma carteira assinada. Não temos benefício que tem uma carteira assinada”
---	--

### Redução da jornada de trabalho para os(as) jovens – 1/5

<b>GD3 – Jovens com idade entre 18 e 24 anos – 23/04/2005</b>	“E empregador abrir espaço de jornada de seis horas de trabalho para os estudantes. Que é que acontece? Nós somos jovens, temos que estudar, que isso aí, assim... pra gente é essencial. Só que, como a gente vai estudar, se a gente trabalha lá oito, dez horas por dia? Então vai acabar uma coisa prejudicando a outra. Ou a gente tem que abrir mão do trabalho ou da escola. Se nós tivermos aí seis horas de trabalho, a gente pode trabalhar, é... essas seis horas, ter um horário pra estudar e ainda ter um tempo pra estudar em casa e não ficar sobrecarregado. Porque isso aí nunca acontece... então se tivesse uma coisa que incentivasse os empregadores a dar seis horas de trabalho seria muito melhor.”
---	--

### Reformulação do Programa Primeiro Emprego – 1/5

<b>GD3 – Jovens com idade entre 18 e 24 anos – 23/04/2005</b>	<p>“Hoje tem até uma parceria de Primeiro Emprego com o governo, mais essa parceria o empresário, ele ganha um desconto nos encargos. Não sei se... eu já trabalhei como secretária, o encargo de um empregado, se você ganha trezentos reais do seu salário. O seu patrão tá pagando pro governo cerca de setecentos, quatrocentos só de imposto.”</p> <p>“Que no Primeiro Emprego é oportunidade dele aprender, não é oportunidade de trabalhar, ganhar dinheiro. É dali que ele vai partir pra frente, abrir outras vagas... é... ter oportunidades em outras empresas. E aprender mesmo! Tem também o incentivo do governo aos empregadores para com os jovens. Que é que acontece? Então o governo tinha que incentivar, tá lá, vamos colocar jovens de 14 a 25 anos pra trabalhar em tal empresa. Então o governo vai incentivar quem encontrar tais tipos de jovem, vai ter lá um desconto nos encargos, nos impostos, pra que os jovens possam ter acesso a esse tipo de emprego.”</p>
---	--

**TABELA 3.3**

### SEMELHANÇAS – CULTURA/LAZER

#### Mais policiamento, porém, com mais qualidade – 2/5

<b>GD2 – Jovens com idade entre 15 e 17 anos – 16/04/2005</b>	“Policiamento nas escolas, responsabilidade e liberação de verbas para a merenda.”
<b>GD4 – Jovens com idade entre 15 e 24 anos – 30/04/2005</b>	<p>“A segurança no lazer... nós precisamos de bastante, de pessoas de autoridade, como a polícia, às vezes a gente passa num local e vê viaturas da polícia(...) a gente passa e eles estão na padaria fazendo um lanche, ou estão... eles arrumam até jeito de furar o pneu pra não estar rodando. Se acontece alguma coisa ali, aí liga pra lá: ‘ah! Em tal rua tá tendo uma briga aqui e o pessoal está brigando com faca...’ Demora em torno de quarenta, cinquenta minutos pra chegar. ‘Ah’ Mataram um aqui!’, demora duas, três horas pra chegar. Entendeu? Ou seja, eles tinham que estar voltados pra segurança do lazer, porque ninguém tem lazer sem segurança...”</p> <p>“Tem um evento na escola, tem um evento, a gente vai jogar bola ou vai ter uma festa e na escola e na quadra, ter policiais na porta ou na redondeza, sempre voltados para aquele local onde vai tá praticando os eventos, pra gente ter mais segurança e praticar esporte e lazer com mais tranquilidade...”</p>

### Ter mais centros de cultura nos bairros com apoio do governo – 2/5

<p><b>GD1 – Jovens com experiência prévia de participação – 02/04/2005</b></p>	<p>“E sobre a cultura e lazer, criar centros de lazer para a nossa comunidade, né? Com projetos para jovens e crianças. Que a criminalidade tá crescendo, né? Sabe, em vez de crescer o amor, a fraternidade, a prosperidade em si, a união do povo... Amar ao próximo. Não! A criminalidade tá crescendo! Tem os exemplos! Tanto que onde que eu moro, no Alto Vera Cruz, Santa Luzia, eu achei uma pouca vergonha, né? Tem clube lá que não pode entrar negro, que é isso? Não pode entrar negro! Entendeu?”</p>
<p><b>GD4 – Jovens com idade entre 15 e 24 anos – 30/04/2005</b></p>	<p>“Acho que devia fazer mais centros recreativos, quadras esportivas, mas fazer essas quadras e esses centros em locais estratégicos, por exemplo, em lugares escuros onde ocorre muita violência, tráfico de drogas... faz ali uma quadra bem iluminada com segurança... é... montar ali um centro recreativo e já tirar ali os maus elementos e essas coisas assim.”</p>

### Criar mais áreas de lazer nos bairros mais necessitados – 2/5

<p><b>GD2 – Jovens com idade entre 15 e 17 anos – 16/04/2005</b></p>	<p>“E... não só do skate, eu acho que todos os bairros têm que ter uma área de lazer, uma quadra, qualquer coisa, nem que seja um parquinho pra você brincar e tudo, porque olha, pra você ver, pensa bem comigo, essas crianças mais novas de sete a sei lá, doze anos, por exemplo, eles saem da escola e o que é que eles vão? Vão pra rua, não têm onde, lugar pra brincar, não têm nada, o que é que elas vão fazer? Vão, né? Fazer coisas erradas, igual a menina ali falou, então eu acho que teria que ter mais área de lazer em relação a isso.”</p>
<p><b>GD5 – Jovens com idade entre 15 e 24 anos – 07/05/2005</b></p>	<p>“Bom, a gente tá mostrando como é difícil, mesmo se fosse a turma toda do bairro pedindo isso, ela (a vereadora) ia falar dos votos, com certeza. É muito difícil pra gente conseguir a cultura e o lazer nos bairros, porque os vereadores só querem os votos, eles querem ganhar o dinheiro deles lá, né?”</p>

### Expansão e criação de centros culturais nas escolas – 2/5

<p><b>GD3 – Jovens com idade entre 18 e 24 anos – 23/04/2005</b></p>	<p>“Eu acho que cultura e lazer, o que bastante gente colocou aí, foi a questão de promover centros culturais dentro das escolas, que gera, que gera mais interesse, que interliga mais interesse do aluno com a escola, e não só do aluno, como pais e familiares e comunidade em geral dentro das escolas, pra estar promovendo integração entre aluno e escola. Nos finais de semana, oficinas nos horários vagos nas escolas, entendeu? Na aula de educação física, no caso.”</p>
<p><b>GD4 – Jovens com idade entre 15 e 24 anos – 30/04/2005</b></p>	<p>“Eu acho que a escola no final de semana deveria ser aberta à comunidade, igual ele falou, com coisa de lazer lá dentro, atividades. Eu acho que ela devia ser aberta à comunidade, com certeza, com segurança, né? A comunidade ia participar mais da escola também, ia ver como é que é, ia gostar mais. E eu acho que seria bom.”</p>

### **Abrir escolas nos finais de semana – 1/5**

<b>GD4 – Jovens com idade entre 15 e 24 anos – 30/04/2005</b>	“Igual você estava falando da pista de skate, igual eu falei pra abrir a escola pra comunidade no final de semana. Você não acha que poderia fazer a pista dentro da escola e ela ser usada pelos alunos no final de semana somente? Você concorda? Igual quadra de basquete, essas coisas, abrir no final de semana pros alunos e pra comunidade?”
---	---

### **Ter projetos e atividades de lazer – 1/5**

<b>GD4 – Jovens com idade entre 15 e 24 anos – 30/04/2005</b>	“Agora, cultura e lazer, nós colocamos investir em projetos culturais porque, igual o Leandro citou, em Neves estava aquela polêmica de criarem mais um presídio na cidade. Em vez deles implantarem esse presídio, por que não implantar projetos envolvidos com a cultura? Isso traria mais oportunidades para os jovens saírem dessa criminalidade, então aí é... seria um dinheiro mais bem investido, vamos dizer assim.”
---	--

### **Ter mais iniciativas culturais com apoio dos jovens e dos empresários – 1/5**

<b>GD1 – Jovens com experiência prévia de participação – 02/04/2005</b>	“E... cultura e lazer: Trabalhos voluntários e ajuda de empresas!”  “Falta de incentivo à cultura nas escolas. Mau uso da verba para a cultura. Conscientização dos empresários e dos seres humanos no trabalho voluntário. É... só falar aqui (risos). Na cultura realmente tá tendo uma deficiência. Ninguém tá se importando e não tá tendo trabalho voluntário pra poder estar ajudando.”
---	---

### **Maior divulgação e informação sobre os eventos culturais – 1/5**

<b>GD1 – Jovens com experiência prévia de participação – 02/04/2005</b>	“É... cultura e lazer. Deficiência na divulgação de oficinas de cultura.”  “E na cultura e lazer, estar divulgando mais para que todos nós possamos saber. Poder fazer participação e também pra nós mesmos estar nos conscientizando, pra poder ir atrás disso. Tá montando grupos pra fazer diferença no país, é isso aí!”  “É, em matéria de cultura é... poderia estar tendo mais incentivo, mais investimento, mais divulgação, né? Das coisas... Por exemplo, igual aqui mesmo, tem várias atividades culturais, mais ninguém ainda não sabia. Muita gente ainda não sabe, poderia estar havendo mais divulgação. E também poderia estar sendo formado na própria comunidade, é... tendo mais trabalho voluntário das pessoas.”
---	---

**Ampliação e maior divulgação da campanha  
de popularização dos eventos culturais (teatro, cinema, etc) – 1/5**

<b>GD3 – Jovens com idade entre 18 e 24 anos – 23/04/2005</b>	“Acredito que devia ser feito um trabalho de divulgação melhor, porque como foi, o nosso grupo tocou nesse assunto, o André falou que às vezes a pessoa, nós ‘tamos tão acostumados com não ter oportunidade, de não participar de certo tipo de coisa, que quando aparece isso, acha que não vale nada! Então, se houvesse um trabalho de melhor divulgação, às vezes as pessoas confiariam mais também, as poucas que têm acesso a essa informação, dariam mais valor.”
---	---

**Valorização das diferentes culturas no Brasil – 1/5**

<b>GD1 – Jovens com experiência prévia de participação – 02/04/2005</b>	“Ah, tem que ter mais cultura para a população...”
---	--



**Tabela 4 – Síntese dos Comentários Finais**

<b>Comentários Finais (temas/questões)</b>	<b>Grupo de Diálogo Experiência Participativa (02/04/05)</b>	<b>Grupo de Diálogo 15-17 (16/04/05)</b>	<b>Grupo de Diálogo 18-24 (23/04/05)</b>	<b>1º Grupo de Diálogo 15-24 (30/04/05)</b>	<b>2º Grupo de Diálogo 15-24 (07/05/05)</b>
Emprego/trabalho	2		1		
Saúde	1		1	1	
Valores que devem guiar os(as) tomadores(as) de decisões [responsabilidade; senso de justiça; seriedade, autenticidade; atenção aos(às) mais pobres]	10	1	16	12	5
Os(as) jovens como preocupação central dos(as) governantes	8		9	2	2
Educação	1		2	2	
Cultura/lazer	1	2			1
Atenção às crianças	2				
Atenção aos(às) idosos(as)	1				
Participação juvenil		2	2		
Democracia			1		
Preconceitos/Racismo			1		
Corrupção			1		
Renovação dos(as) políticos(as)			1		
Nada a declarar					4

**Tabela 5 – Comentários Finais por GD**

**GD1**

<b>Comentários Finais (temas/questões)</b>	<b>Grupo de Diálogo Experiência Participativa (02/04/05) GD1</b>
Temas/ Questões	Exemplos de falas dos(as) jovens que abordam esse/a tema/ questão
Emprego/Trabalho	<p>“Olhar com mais com seriedade (...) pra esses focos aí, trabalho, emprego, saúde...”</p> <p>”Olharem pra gente, que a gente tá precisando, não só na educação, mas também pra arranjar um emprego”</p>
Saúde	<p>“Olhar com mais com seriedade (...) pra esses focos aí, trabalho, emprego, saúde...”</p>
Valores que devem guiar os(as) políticos(as) [responsabilidade; senso de justiça; seriedade, autenticidade; atenção aos(às) mais pobres]	<p>“Pensar mais sobre o que vai fazer, porque eles não pensam em quem vai afetar”</p> <p>”Que eles sejam justos e sejam humanitários”</p> <p>”Que eles, ao invés de ficarem só no gabinete, com ar condicionado, assinando os papéis, que eles dessem uma volta pelo Brasil e vissem realmente os problemas, vivenciassem aquilo”</p> <p>”Que eles faz as coisas com mais consciência, olhando pelos jovens”</p> <p>“Que eles tivessem mais conscientização, tanto do poder que eles exercem sobre o povo, sobre os jovens, como também do trabalho que eles podem fazer”</p> <p>”Que os jovens já ‘tão desacreditados, né? No que eles prometem, eu acho que eles deveriam, né? Depois que eles prometem, ocupam aquela posição que eles tanto, né? Queria. É... caminhassem naquilo que eles falaram sabe? Pra ganhar crédito com a população. E... serem sensatos também, né? Nas decisões, é... sair do seu conforto e estar de frente com a comunidade entendeu?”</p> <p>”Que os governantes possam a governar, vamos dizer assim, com mais compromisso e aprender mais a ouvir o povo”</p> <p>”Que eles deveriam ter mais, mais responsabilidade e saber que a gente coloca lá pra representar a gente, pra lutar por nós”</p> <p>”Que eles exerçam o poder que nós delegamos a eles em favor do povo, em nosso favor, né? E que eles proporcionem, que através desse poder, nós podemos exercer nossa cidadania, que não é só votar né? É efetivar nosso direito que nós temos.”</p> <p>”Que os governantes governem com mais competência.”</p>

Comentários Finais (temas/questões)	Grupo de Diálogo Experiência Participativa (02/04/05) GD1
Os(as) jovens como preocupação central dos(as) governantes(as)	<p>“Pensar melhor nos jovens, pra não deixarem eles de lado”</p> <p>”Que observe com mais carinho o nosso, a nossa juventude, que sem ela o país vai de água abaixo”</p> <p>“Que eles pensarem mais assim na juventude de hoje em dia, porque acho que a maioria da parte dos brasileiros são jovens”</p> <p>“Que eles pensassem com mais amor , né? Nós, que somos jovens, porque nós somos o futuro do país”</p> <p>“Que eles possam pensar mais, assim, nos jovens, na nova geração que tá vindo agora”</p> <p>“Que o governo olhe mais pro jovem, dê mais espaço pra nós, porque nós temos muitas idéias na cabeça, mas às vezes não temos a oportunidade de colocar em prática”</p> <p>“Que há jovens com capacidade no Brasil, há jovens que querem crescer, basta os governantes não pensarem só em si.”</p> <p>“Que os governantes (...) fossem mais verdadeiros né? E que dessem mais oportunidade”</p>
Educação	“Que eles investissem mais na educação”
Cultura/Lazer	“Que investissem mais em cultura”
Atenção às crianças	<p>“Que eles investissem mais nas crianças”</p> <p>“Que eles investissem nas crianças, em adolescentes”</p>
Atenção aos idosos	“Que eles investissem e também nos velhos, nos anciões”

#### AValiação DO GD1 (02/04/05)

##### a) Aspectos positivos:

- oportunidade de debater suas opiniões/aprendizado (11): “pude trocar idéias com várias pessoas, isso foi, de alguma forma, muito produtivo para mim, que eu aprendi muito”; “aprendi mais sobre a realidade”; “o trabalho em grupo, nós dialogando”;
- oportunidade de conhecer novas pessoas/sociabilidade (11): “conhecer novas pessoas”; “achei muito bonito o entrosamento de cada um aqui, ninguém conhecia ninguém”; “foi a amizade, a confraternização do pessoal aqui é muito legal”;
- mudar de opinião (5): “eu tinha a opinião de que só o voluntariado e o grupo era o suficiente, mas depois também deu pra perceber que sem a política fica difícil”; “eu tinha uma opinião totalmente diferente quando eu cheguei e tô saindo com outra”;
- a produção do dia (1): “esses cartazes, foram várias coisas constituídas em pouco tempo”;

- despertou o desejo de participar (1): “acendeu uma chama de esperança em nosso coração”;
- oportunidade de manifestar a opinião da juventude (1): “a partir da idéia de vários jovens, a gente poder construir uma consciência política mais consciente. Sem preconceitos, a gente criar uma coisa só nossa, a gente saber o que tem na comunidade e criar uma consciência política que tenha validade maior, que não seja preconceituosa e restrita”;
- conscientização do poder da juventude em influenciar nas decisões (2): “você mostraram pra gente o poder que a gente tem, que a gente pode influenciar, que a gente pode fazer a diferença, que nossa opinião pode um dia chegar lá em cima e alguém de bom coração pode ouvir e dar atenção a nós e fazer o que nós estamos precisando”; “vai gerar frutos para outros jovens”.

b) Sugestões:

- Tratar de outros temas (5): “tipo sexo, drogas, gravidez na adolescência”; “os assuntos, tipo falar mais sobre as drogas, a prostituição e outras coisas”;
- Aumentar o tempo de trabalho (2): “o tempo é muito restrito e não deixava a gente falar de tudo que a gente queria”;
- Promover novos encontros (2);
- Não tem que mudar nada (9).

**Tabela 5 – Comentários Finais – GD2**

<b>Comentários Finais (temas/questões)</b>	<b>Grupo de Diálogo 15-17 anos (16/04/05) GD 2</b>
Temas/ Questões	Exemplos de falas dos(as) jovens que abordam esse tema/questão
Valores que devem guiar políticos(as) [responsabilidade; senso de justiça; seriedade, autenticidade; atenção aos(às) mais pobres]	“Eu queria deixar uma mensagem pr’aquelas pessoas que escolhem quem vai ficar no poder e tudo mais. Que escolham bem.”
Cultura/Lazer/Esporte	“Eu acho que a solução pros nossos problemas encontra-se presente na arte (...)A cultura é a nossa carta de alforria”  “Que esses prefeito aí fizesse umas áreas de lazer melhor pro meu bairro e no bairro de quem precisa aí.”
Participação juvenil	“Que os jovens de hoje em dia comecem a participar mais dos caminhos que a gente citou hoje, comecem a preocupar mais com o nosso país. Porque o futuro do nosso país tá dependendo da gente”  “Que o jovem acorde e corra atrás de oportunidades”

**AValiação DO GD2 (16/04/05)**

a) Aspectos positivos:

- oportunidade de debater suas opiniões/aprendizado (4): “Eu fiquei conhecendo novos caminhos para me ajudar o nosso Brasil, né?, a crescer cada vez mais”; “a gente viu que cada um tem uma opinião diferente, cada um quer participar de uma coisa diferente”;
- oportunidade de manifestar a opinião da juventude (1): “Foi muito legal porque a gente expressou o que a gente pensa, o que a gente sente, o que a gente tem vontade que mude. Tomara que o governo tome alguma atitude em cima do que a gente pensa, né? Porque pelo que a gente pode perceber aqui, quase todo mundo teve as mesmas opiniões, a mesma forma de pensar. (...) Então eu acho que ele tem que tomar uma atitude agora, antes que seja tarde demais e não tenha como mudar isso daqui um tempo, né?”;
- atenção dispensada aos(às) jovens durante as atividades/Sentir-se valorizado(a) (2): “É que vocês deram muita atenção pra gente hoje. O Juarez, ontem minha mãe ligou pra ele e eu acho que foi com ele que conversou, muito atencioso. Então, que não é toda mão que a gente tem uma oportunidade igual essa, né? Eu vou agradecer a vocês tudo. Que foi muito bom passar o dia aqui, foi a única palestra que eu nunca dormi. (risos)”; “a gente aprendeu cada vez mais. A gente escuta a palestra, a gente aprende mais, entendeu? Aí dá pra passar pras

peessoas que não sabem ainda! Porque o nosso mundo, hoje em dia, a gente tem que viver e aprender pra passar pros outros. Porque tem muitas pessoas que não sabem. (...) E já ouvi muitas palestras assim, na minha escola, muitos lugares. Aí que fala, aí eu gostei muito da palestra, entendeu? Agradeço a todos vocês, por ter convidado a gente”.

b) Sugestões: o grupo não deu sugestões.

**Tabela 5 – Comentários Finais – GD3**

Comentários Finais (temas/questões)	Grupo de Diálogo 18-24 (23/04/05) GD3
Temas/ Questões	Exemplos de falas dos(as) jovens que abordam esse tema/questão
Emprego/Trabalho	“Que eles abraisse mais portas de emprego para os adolescente; porque se eles não que vê os adolescente no mundo das drogas, eles abraisse mais portas de emprego”
Saúde	“Pra eles largar a mão de ser pão duro e investir na educação e na saúde”
Valores que devem guiar os(as) políticos(as) [responsabilidade; senso de justiça; seriedade, autenticidade; atenção aos(às) mais pobres]	<p>“Respeitar a opinião, respeitar a posição, a classe social e a raça, tudo!”</p> <p>“Pra eles pensarem quando eles forem falar assim, porque eles não fazem não é só pra eles, não, é pra todo mundo, geral”</p> <p>“Pra eles pensarem direitinho nos que eles vão fazer, porque se fizer coisa errada lá, não é eles que vão sofrer, é a gente aqui do lado de cá que sofre”</p> <p>“Que eles olhassem mais pra classe pobre, porque além deles olharem só pro próprio umbigo, só olham pra aqueles que têm dinheiro e não olham jamais, não olham de jeito algum pra aqueles que realmente necessitam”</p> <p>“A conscientização que tem gente do outro lado que necessitam da boa vontade deles”</p> <p>“Eles compreendessem as pessoas, que precisam”</p> <p>“Estar pensando mais na população, não só em jovens, mas na população em geral”</p> <p>“Que eles parem de tomar decisões e escutem mais os jovens”</p> <p>“Que o governo olhasse mais para o jovem, pra classe mais... de nível, de nível mais baixo, entendeu? Que eles olhassem mais pra gente pra dar oportunidade pra todos”</p> <p>“Olhem um pouco mais pra baixo, não fique olhando só o nível de vida deles, que eles olhem que tem gente passando fome”</p> <p>“Que antes deles tomarem qualquer decisão, que eles vem olhar pra quem tá embaixo, quem depende deles”</p> <p>“Olhar pra quem precisa mais”</p> <p>“Parar de falar o que eles não pode cumprir”</p> <p>“Pense um pouco antes de fazer besteira e olhe um pouco pra nós”</p> <p>“Que escutasse não só os jovens; toda a sociedade: É... jovem, velho, tudo em geral, não é só a gente, né?”</p> <p>“É que haja mais prática do que teoria também, né? Que é o que o país mais precisa, de prática.”</p>

Comentários Finais (temas/questões)	Grupo de Diálogo 18-24 (23/04/05) GD3
Os jovens como preocupação central dos(as) governantes	<p>“Ter uma força de vontade, de ouvir os jovens e poder passar o que os jovens têm a dizer pra eles”</p> <p>“Que eles ouvissem os jovens”</p> <p>“Que os políticos escutem mais a gente, prestem atenção nas nossas idéias, que nós também somos gente, né?”</p> <p>“Que eles parassem de pensar e dizer que os jovens são o futuro desse país, porque nós somos o presente e a realidade desse país”</p> <p>“Olhar pra gente, assim, porque esses jovens de hoje em dia têm muita experiência e eles não olham pra gente essas horas, na hora que a gente mais precisa deles”</p> <p>“Poderia escutar mais os jovens e dar mais oportunidades”</p> <p>“Olhassem pras comunidades mais pobres”</p> <p>“Que olhassem pros jovens mesmo, que ouvissem a gente, porque a gente é o presente e o futuro”</p> <p>“Pro governo estar olhando mais pra classe mais pobre aí, tá pensando nas propostas e nas idéias das pessoas; dos jovens aí, de hoje em dia”</p>
Educação	<p>“que o presidente, o governo em geral preocupasse mais com a educação e com a democracia do país”/“ pra eles largar a mão de ser pão duro e investir na educação e na saúde”</p>
Participação juvenil	<p>“Todo mundo, vamos lutar, jovens vamos lutar, que a gente vai conseguir um futuro melhor”</p> <p>“A gente tem que buscar ajuda com quem pode mesmo tá ajudando, mas não esperar também que alguém vem ajudar a gente, né? Cada um fazer o que pode fazer sua parte, aí que vai pra frente”</p>
Democracia	<p>“Que o presidente, o governo em geral preocupasse mais com a educação e com a democracia do país”</p>
Corrupção	<p>“Pra acabar com a corrupção”</p>
Preconceito/racismo	<p>“Acabar com o preconceito e com o racismo, que são umas das piores coisas que um ser humano pode ter”</p>
Renovação dos políticos	<p>“Que eu espero que haja uma renovação política, porque com esses que’ tão aí... Tá difícil”</p>

#### AValiação DO GD3 (23/04/05)

##### a) Aspectos positivos:

- oportunidade de debater suas opiniões/aprendizado (23): “me deu base, me deu oportunidade de crescer muito, as minhas idéias foram mais exercitadas, e vendo, participando desse tipo de coisa e vendo tanta gente que tem basicamente os mesmos interesses, é... isso incentiva também a gente”; “a gente pode chegar trocando idéias diferentes, pra poder chegar a um ponto, a um consenso”; “poder expor minhas idéias, porque às vezes você fica ali matutando



alguma coisa na sua cabeça, mas aonde que eu vou? Eu tô pensando isso aqui, mas eu não tenho pra quem expor, como que eu vou participar? E ouvindo a opinião de cada um a gente sabe que tem, sim, tem como você ir lá e fazer alguma coisa sim!"; "Eu gostei muito de estar aqui hoje, porque eu aprendi a ouvir as pessoas"; "O que eu aprendi de importante aqui foi trabalhar em grupo, conhecer novas pessoas. Aí, valeu trabalhar em grupo. Aí, estar expondo minhas idéias.";

- oportunidade de conhecer novas pessoas/sociabilidade (14): "é sempre importante conhecer novas pessoas, de outros lugares, saber novas opiniões", "foi muito bom conhecer todo mundo, ter um contato maior, assim, com jovens da minha idade";
- despertou o desejo de participar (2): "O que aconteceu de importante pra mim foi que, tipo assim, eu avalei mais essa questão de ser voluntária, que mesmo que seja a vida de um vizinho, eu posso ajudar"; "A força de vontade de ajudar o próximo no voluntariado";
- oportunidade de manifestar a opinião da juventude(1): "Que essa pesquisa de certa forma, acho que não aconteceu do nada por acaso, né? Teve um objetivo: escutar a gente de alguma forma, pra tentar mudar o mundo, né?";
- conscientização do poder da juventude em influenciar nas decisões (4): "nós, jovens hoje, podemos fazer um Brasil bem melhor no futuro"; "Eu achei muito importante conhecer a opinião de cada um e isso fortalece o ego de qualquer um, principalmente nos pensamento positivos que a gente tem perante a chance que a gente tem de mudar o nosso país, por mínima que seja, a esperança cresce"; "eu pude perceber o quanto a população ela pode se... a força que a população diante... se a população quiser se reunir todos"; "que todos nós aqui fazemos a diferença, estamos aqui pra fazer a diferença, né? Todos nós aqui subimos mais um degrau, né? A gente tá vendo que aqui a gente tá participando pra uma coisa que... né? A gente pode ter esperança um dia, né? Uma esperança que a gente vai ter".

b) Sugestões: o grupo não deu sugestões.

**Tabela 5 – Comentários Finais – GD4**

<b>Comentários Finais (temas/questões)</b>	<b>Grupo de Diálogo 15-24 (30/04/05) GD 4</b>
Temas/ Questões	Exemplos de falas dos(as) jovens que abordam esse tema/questão
Saúde	“Olhasse mais a saúde”
Valores que devem guiar os(as) políticos(as) [responsabilidade; senso de justiça; seriedade, autenticidade; atenção aos(às) mais pobres]	<p>“Pra eles se colocarem mais no lugar do povo, a respeitarem a opinião do povo, a aprenderem a ouvir a população mas ouvir mesmo, saber o que o povo tá querendo realmente e fazer, não só falar”</p> <p>“(que) leia todos esses cartazes aí e siga esses exemplos”</p> <p>“Ouvir a opinião dos outros pra ver se o Brasil melhora”</p> <p>“Que eles ouvissem mais a voz do povo e fizesse mais coisas”</p> <p>“Pra eles colocarem na prática o que eles falam antes das eleições”</p> <p>“Que os governantes tenham mais consciência naquilo que... nas decisões que eles tenham que tomar, porque nem sempre o que eles acham que é certo vai beneficiar o povo”</p> <p>“Uma mensagem que eu deixo pros governantes será que eles não passaram o que a gente tá passando hoje?”</p> <p>“Pra eles olharem a dificuldade do povo aqui fora, porque muitas das vezes eles olham isso muito de longe e às vezes nem passaram pelo que o povo passa aqui fora, pra eles olharem melhor a dificuldade e tentar ajudar mais”</p> <p>“Que se as propostas que eles fazem perto das eleições, que ele fizessem, eles cumprissem, será que o país’ tava assim hoje?”</p> <p>“O dia que eles tiverem um tempinho, eles ouvissem um pouquinho, um trecho da música dos Racionais ‘Um homem na estrada’ que aí eles vão saber interpretar mais ou menos, eles vão ver que quem sabe não pinga letra”</p> <p>“Que eles olhassem mais pras pessoas carentes e cumprissem o que eles prometem”</p> <p>”Olhassem pelos dois lados da moeda, né? Porque, tipo assim, hoje estão no poder, amanhã talvez não estejam, estejam do lado de cá”</p>
Os(as) jovens como preocupação central dos(as) governantes	<p>”Olhar mais pra gente aí que ‘tamos precisando”</p> <p>“Pra eles passarem uma semana, assim, mais ou menos, no meio de um jovem, ou então de no meio de até uma associação pública que ele tá fazendo, porque veja a realidade como ela tá vista hoje, porque tá complicado”</p>
Educação	<p>“Olhar mais pro povo, principalmente pras crianças, assim, que tivessem uma boa educação”</p> <p>“Que eles parassem de aumentar o salário deles e investissem em educação”</p>

## AVALIAÇÃO DO GD4 (30/04/05)

### a) Aspectos positivos:

- oportunidade de debater suas opiniões/aprendizado (14): “Eu aprendi a aceitar mais a opinião dos outros, escutar a opinião dos outros que eu acho importante, respeitar a opinião dos outros, e muito legal o trabalho em grupo, muito interessante mesmo. Eu achei que ia ser muito chato, mas foi muito legal, muito interessante, e a comida é da hora (risos)”; “Foi esse debate que a gente teve aí. (...) A gente esclareceu muita coisa, aprendeu bastante, esse trabalho em grupo. Eu acho que foi isso. O grupo todo juntando pra falar de um assunto aí que vai ajudar todo mundo”; “Até então eu tinha participado de grupos só de trabalho de escola, mas esse foi totalmente interessante. Eu gostei bastante. A gente aprendeu muito com a convivência de cada um”;
- oportunidade de conhecer novas pessoas/sociabilidade (2): “Bom eu adorei conhecer novas pessoas e discutir questões que envolve o jovens”;
- oportunidade de manifestar a opinião da juventude (3): “Eu gostei muito de estar aqui, e assim, eu achei importante que cada um é importante, que cada um tem uma opinião diferente e a gente aprende muito”; “Eu gostei dessa oportunidade que a gente teve de estar colocando as nossas opiniões, discutindo sobre coisas que eu acho que eu nunca discutiria na minha vida, eu tive a oportunidade de discutir hoje e também parabenizar vocês pelo trabalho, gostei bastante, vocês deixaram a gente a vontade”; “Ah... eu gostei demais , muito bacana, nossa, hora que se recebe a cartinha então (risos) É bom pro ego do estudante, pra gente é legal, é bacana. E eu curti vocês e tal. Nesse curso, eu achei legal porque ele deixa a gente expressar, falar o que a gente quer, vocês deixaram a gente bem à vontade pra poder dizer, também porque não é fácil, né?, um monte de gente desconhecida”;

### b) Sugestões: o Grupo não deu sugestões.

**Tabela 5 – Comentários Finais – GD5**

Comentários Finais (Temas/Questões)	Grupo de Diálogo 15-24 (07/05/05) GD5
Temas/ Questões	Exemplos de falas dos(as) jovens que abordam esse/a tema/ questão
Valores que devem guiar os(as) políticos(as) [responsabilidade; senso de justiça; seriedade, autenticidade; atenção aos(às) mais pobres]	<p>“Parar de ser ladrão... Falar é fácil, mas não cumpre nada, não cumpre nada, esses cara são tudo, tudo ladrão, Zé”</p> <p>“Que eles pensassem duas vezes antes de fazer as coisas, fala as coisas pra depois não cumpre”</p> <p>“Pra parar de ser sem vergonha, pensar também duas vezes antes e ver o lado do povo”</p> <p>“Que eles deviam de falar menos e cumprir mais, porque só falar não adianta nada não, não modifica em nada”</p> <p>“Que eles possam trabalhar mais, ter mais é... força de vontade e de querer em ajudar aqueles que precisam”</p>
Os(as) jovens como preocupação central dos(as) governantes	<p>“Que dê mais uma chance para os jovens”</p> <p>“Que a gente tá na mão deles, eles que decidem o que vai fazer com a gente”</p>
Cultura/Lazer/Esporte	<p>“Podia construir umas quadras pra nós, (...) porque a gente paga quadra caro pra poder jogar uma bola, não tem um espaço reservado pra nós”</p>
Nada a dizer	<p>“Eu não tenho nada a dizer, só o tempo dirá por nós”</p> <p>“ Ah, não sei”</p> <p>“Pros políticos, eu não tenho nada a falar ,não”</p> <p>“Eu não tenho nada, nada a dizer, não vou jogar pedra e nem menos vou deixar de jogar, vou ficar na minha”</p>

**AValiação DO GD5 (07/05/05)**

**a) Aspectos positivos:**

- oportunidade de debater suas opiniões/aprendizado (5): “aprendi coisas, assim, que eu não sabia, você adquirindo mais... Como eu posso dizer? Mais formação...”; “eu passei o que eu sei pros outros e o que eles sabem, ele passou pra mim”; “pra mim, o que aconteceu de mais importante foi ter conhecido todos vocês, professores... Eu agradeço por vocês terem nos convidado, ter me convidado a participar dessa, dessa grande, vamos supor, uma grande é... palestra. Porque aqui você aprende muito, aprende até fazer amizade e aprende até a conversar também, entendeu?”;
- oportunidade de conhecer novas pessoas/sociabilidade (8): “O que aconteceu de mais importante pra mim aqui foi que eu conheci pessoas novas”; “fazer novas amizades”;

- oportunidade de manifestar a opinião da juventude (2): “ter ouvido a opinião de outras pessoas, ter me expressado, expressado a minha opinião e... até o que a gente decidiu aqui, a gente até se mobilizou, se uniu pra fazer até um projeto voluntário”; “uma das coisas que aconteceu pra mim mais importante aqui hoje é o encontro que nós temos aqui sobre o jovem, né? Que pro jovem ver, que não só eu ver, mas cada um de nós aqui ver, que não os políticos, mas vocês, os professores, estão preocupados com a situação do jovem, entendeu? Por isso foi o motivo de eu estar aqui, de cada um estar aqui hoje e de eu ter feito amizade, ter conhecido esse pessoal, o pessoal são pessoas interessantes, simpáticas, bonitas...”.

b) Sugestões: o Grupo não deu sugestões.

**Tabela 6 – Análise Fichas Pós-Diálogo**  
**Caminho Participativo 1 – Sob a condição de que....**

<b>Temas/Questões Que Aparecem Como Condição</b>	<b>Grupo de Diálogo Experiência Participativa (02/04/05)</b>	<b>Grupo de Diálogo 15-18 (16/04/05)</b>	<b>Grupo de Diálogo 18-24 (23/04/05)</b>	<b>1º Grupo de Diálogo 15-24 (30/04/05)</b>	<b>2º Grupo de Diálogo 15-24 (07/05/05)</b>
Tema/ Questão	Quantas vezes aparece	Quantas vezes aparece	Quantas vezes aparece	Quantas vezes aparece	Quantas vezes aparece
1 – Resulte em uma forma de ajuda concreta a outra pessoa	6	--	6	--	--
2 – Tenha o apoio do governo/sociedade	4	2	1	2	1
3 – Os outros Caminhos sejam apoiados	1	--	2	--	--
4 – Valorize a opinião dos(as) jovens	3	5	3	--	--
5 – Haja controle e fiscalização	1	--	--	--	--
6 – Mantenha-se o compromisso anterior	6	--	--	--	--
7 – Transforme a política	1	--	--	--	--
8 – Possibilite o crescimento e a realização pessoal	1	--	--	--	--
9 – Todos(as) tenham oportunidade de participar	--	1	2	--	--
10 – Se alie ao trabalho voluntário (Caminho 2)	--	1	3	--	--
11 – Não caia em radicalismos	--	--	1	--	--
12 – Não seja manipulado ou usado politicamente	--	2	--	--	1

<b>Temas/Questões Que Aparecem Como Condição</b>	<b>Grupo de Diálogo Experiência Participativa (02/04/05)</b>	<b>Grupo de Diálogo 15-18 (16/04/05)</b>	<b>Grupo de Diálogo 18-24 (23/04/05)</b>	<b>1º Grupo de Diálogo 15-24 (30/04/05)</b>	<b>2º Grupo de Diálogo 15-24 (07/05/05)</b>
13 – Não comprometa o tempo para outras atividades	--	1	--	--	--
14 – Não substitua ao governo	--	1	--	--	1
15 – Seja uma iniciativa séria	--	--	--	1	--
16 – Garanta os direitos	--	--	--	--	1
17 – Traga resultados concretos para os(as) jovens	--	--	--	--	1
18 – Os(as) políticos(as) sejam honestos(as)	--	--	--	--	1
19 – Não haja racismo	--	--	--	--	1
20 – Os(as) jovens tenham os mesmos objetivos	--	--	--	--	1
N – Não se pode categorizar (opiniões e comentários)	4	11	5	4	4
NR (em branco)	4	1	12	10	2
<b>TOTAL (total de condições/ total de fichas preenchidas)</b>	<b>23/27</b>	<b>13/24</b>	<b>18/23</b>	<b>3/7</b>	<b>8/12</b>
<b>Total de jovens</b>	<b>31</b>	<b>25</b>	<b>35</b>	<b>17</b>	<b>14</b>

**Caminho Participativo 2 – Sob a condição de que....**

<b>Temas/questions que aparecem como condição</b>	<b>Grupo de Diálogo Experiência Participativa (02/04/05)</b>	<b>Grupo de Diálogo 15-18 (16/04/05)</b>	<b>Grupo de Diálogo 18-24 (23/04/05)</b>	<b>1º Grupo de Diálogo 15-24 (30/04/05)</b>	<b>2º Grupo de Diálogo 15-24 (07/05/05)</b>
Tema/ Questão	Quantas vezes aparece	Quantas vezes aparece	Quantas vezes aparece	Quantas vezes aparece	Quantas vezes aparece
1 – Não substitua o governo	6	1	2	3	1
2 – Resulte em uma forma concreta de ajuda	4	1	1	1	2
3 – Não comprometa o tempo para outras atividades	2	2	--	--	--
4 – Apoio e condições para desenvolver o trabalho voluntário	2	1	6	--	2
5 – Os(as) voluntários(as) tenham preparação/ qualificação	3	1	--	--	--
6 – Tenha reconhecimento e valorização pela sociedade		--	1	--	--
7 – Continuidade do trabalho	1	--	--	--	--
8 – Tenha divulgação	1	--	--	--	--
9 – Seja desenvolvido com seriedade/ compromisso	1	--	--	--	--
10 – Seja desenvolvido em grupo	1	2	1	--	--
11 – Seja voltado para o meio ambiente	--	--	1	--	--
12 – Não seja manipulado ou usado politicamente	--	--	1	--	--



<b>Temas/questões que aparecem como condição</b>	<b>Grupo de Diálogo Experiência Participativa (02/04/05)</b>	<b>Grupo de Diálogo 15-18 (16/04/05)</b>	<b>Grupo de Diálogo 18-24 (23/04/05)</b>	<b>1º Grupo de Diálogo 15-24 (30/04/05)</b>	<b>2º Grupo de Diálogo 15-24 (07/05/05)</b>
13 – Envolver a participação dos(as) jovens	--	--	--	1	--
N – Não se pode categorizar (opiniões e comentários)	6	16	12	4	6
NR (em branco)	4	1	10	8	3
<b>TOTAL (total de condições/total de fichas preenchidas)</b>	<b>21/31</b>	<b>8/24</b>	<b>13/25</b>	<b>5/9</b>	<b>5/11</b>
<b>Total de jovens</b>	<b>31</b>	<b>25</b>	<b>35</b>	<b>17</b>	<b>14</b>

**Caminho Participativo 3 – Sob a condição de que....**

Temas/questions que aparecem como condição	Grupo de Diálogo Experiência Participativa (02/04/05)	Grupo de Diálogo 15-18 (16/04/05)	Grupo de Diálogo 18-24 (23/04/05)	1º Grupo de Diálogo 15-24 (30/04/05)	2º Grupo de Diálogo 15-24 (07/05/05)
		Quantas vezes aparece	Quantas vezes aparece	Quantas vezes aparece	Quantas vezes aparece
1 – Resulte em alguma forma de ajuda concreta	3	5	2	3	1
2 – Não substitua o governo	1	--	--	--	--
3 – Não comprometa o tempo para outras atividades	2	--	--	--	--
4 – Apoio e condições para desenvolver o trabalho voluntário	2	--	3	--	2
5 – O grupo não se isole	2	5	1	--	1
6 – Não seja manipulado ou usado politicamente	1	--	--	--	--
7 – Tenha continuidade	2	--	--	--	--
8 – Se articule com o Caminho 1	1	--	--	--	--
9 – Ocupe o tempo ocioso dos(as) jovens que estão na rua	1	--	1	--	--
10 – Que não dependa dos(as) adultos(as)	--	1	--	--	--
11 – Se articule com o caminho 2 e 1	--	1	--	--	--
12 – Se articule com outros Grupos	--	--	1	--	--

<b>Temas/questions que aparecem como condiçao</b>	<b>Grupo de Diálogo Experiência Participativa (02/04/05)</b>	<b>Grupo de Diálogo 15-18 (16/04/05)</b>	<b>Grupo de Diálogo 18-24 (23/04/05)</b>	<b>1º Grupo de Diálogo 15-24 (30/04/05)</b>	<b>2º Grupo de Diálogo 15-24 (07/05/05)</b>
13 – Os(as) jovens reivindicuem e sejam ouvidos(as)	--	--	2	--	--
14 – Seja ligado ao bairro onde moram	--	--	1	--	--
15 – Os(as) jovens possam escolher aquele Grupo que mais os(as) agrada	--	--	1	--	--
16 – Se articule com o Caminho 2	--	--	1	--	--
17 – Tenha segurança	--	--	--	1	--
18 – Estabeleça parceria com as escolas	--	--	--	1	--
19 – Haja compromisso e seriedade por parte do Grupo	--	--	--	--	3
N – Não se pode categorizar (opiniões e comentários)	10	10	8	2	5
NR (em branco)	6	3	14	10	2
<b>TOTAL (total de condiçoes/total de fichas preenchidas)</b>	<b>15/25</b>	<b>12/22</b>	<b>13/21</b>	<b>5/7</b>	<b>7/12</b>
<b>Total de jovens</b>	<b>31</b>	<b>25</b>	<b>35</b>	<b>17</b>	<b>14</b>

**Rede parceira:** Ação Educativa, Centro de Referência Integral de Adolescentes, Escola de Formação Quilombo dos Palmares, Instituto de Estudos Socioeconômicos, Instituto Universidade Popular, Iser Assessoria, Observatório da Juventude da Universidade Federal de Minas Gerais, Observatório Jovem do Rio de Janeiro da Universidade Federal Fluminense e Universidade Federal do Rio Grande do Sul.

**Coordenação**

**iBetinho**  
**iBase**



**PÓLIS**  
INSTITUTO DE ESTUDOS,  
FORMAÇÃO E ACESSORIA  
EM POLÍTICAS SOCIAIS

**Apoio**

10th Anniversary **CPRN** 2005 **RCRPP**  
Fresh Ideas for Canada's Future

**IDRC**  **CRDI**